

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS, CIDADANIA E
POLÍTICAS PÚBLICAS**

**HUMANOS, ARTISTICAMENTE HUMANOS: AS EXPRESSÕES DA
LOUCURA COMO SABER TRÁGICO DE VIDAS EXCLUÍDAS PELOS
DOMÍNIOS DA RAZÃO**

JADGLEISON ROCHA ALVES

Orientador: Prof. Dr. Elio Chaves Flores
Linha de Pesquisa: Territórios, Direitos Humanos Diversidades Socioculturais

JOÃO PESSOA - PB
FEVEREIRO/2020

**HUMANOS, ARTISTICAMENTE HUMANOS: AS EXPRESSÕES DA LOUCURA
COMO SABER TRÁGICO DE VIDAS EXCLUÍDAS PELOS DOMÍNIOS DA RAZÃO**

JADGLEISON ROCHA ALVES

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas, Área de Concentração em Políticas Públicas em Direitos Humanos

Orientador: Prof. Dr. Elio Chaves Flores
Linha de Pesquisa: Territórios, Direitos Humanos Diversidades Socioculturais

JOÃO PESSOA - PB
FEVEREIRO/2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A474h Alves, Jadgeison Rocha.

Humanos, Artisticamente Humanos: as expressões da loucura
como saber trágico de vidas excluídas pelos domínios da razão. /
Jadgeison Rocha Alves. - João Pessoa, 2020.
144 f. : il.

Orientação: Elio Chaves Flores.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Direitos Humanos. Biopolítica. Arte Trágica. I.
Chaves Flores, Elio. II. Título.

UFPB/CCHLA

**HUMANOS, ARTISTICAMENTE HUMANOS: AS
EXPRESSÕES DA LOUCURA COMO SABER TRÁGICO DE
VIDAS EXCLUÍDAS PELOS DOMÍNIOS DA RAZÃO**

JADGLEISON ROCHA ALVES

Dissertação de Mestrado avaliada em 28 / 02 / 2020 com conceito APROVADO



Prof. Dr. Elio Chaves Flores

Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas –
Universidade Federal da Paraíba
Orientador

Prof. Dr. João Euclides Fernandes Braga

Universidade Federal da Paraíba
Examinador Externo



Prof. Dr. Gustavo Barbosa de Mesquita Batista

Universidade Federal da Paraíba
Examinador Interno

Profa. Dra. Telma Cristina Delgado Dias Fernandes

Universidade Federal da Paraíba
Suplente Externo

Profa. Dra. Amanda Christinne Nascimento Marques

Universidade Federal da Paraíba
Suplente Interno

DEDICATÓRIA

À Profa. Dra. Luziana Ramalho Ribeiro que como educadora provocou nobres “feridas” para que nascesse da dor a necessidade de acolher o novo e nos seus frutos se fazer sentir mais tarde em seu singelo respeito pela academia.

Ao fiel amigo Hiago Pereira Silva Moura que compartilhou e incentivou toda essa trajetória desafiante de um discente tardio, auxiliando-me com total empenho a compreender o território acadêmico.

Ao humano Prof. Dr. Elio Chaves Flores que percebendo a fragilidade deste discente soube com total atenção ser o importante Mestre, teórico e prático, numa inteira orientação de vida.

Sem estes três personagens este trabalho não existiria.

EPÍGRAFE

“Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, e de repente você
estará fazendo o impossível.”

Francisco de Assis

“Ninguém é suficientemente perfeito que não possa aprender com o outro; e
ninguém é totalmente destituído de valores que não possa ensinar algo ao seu
irmão.”

Francisco de Assis

AGRADECIMENTOS

Aos meus Pais Maria de Fátima Rocha Alves e Jaildo Alves Torres que permaneceram fiel ao apoio nesse projeto acadêmico.

Ao meu orientador Prof^o Dr. Elio Chaves Flores pela precisão nas correções e paciência com meus atrasos pontuais.

Aos membros da banca, por terem me inspirado e pela disponibilidade em ler esta escrita.

A todos os Professores deste Programa em especial a Prof^a Dra Suelídia pelo acolhimento de sempre e ao Prof^o Gustavo Batista por todos os direcionamentos.

À professora Dra. Alessandra Franca, pelas conversas, direcionamentos e discussões no campo de pesquisa entre Direito e Arte.

À professora Me. Marta Penner, pela sensibilidade, acolhimento e enriquecimento deste trabalho na organização da exposição das obras do acervo do Ateliê Espaço Luz.

À Ana Karina, João Paulo, Neuri Mossmann, e toda a equipe do Juliano Moreira, pelas parcerias e aprendizados.

A todos os internos do Juliano Moreira por tão grande experiência.

À minha amada irmã Jacqueline Rocha Alves Coutinho e ao meu cunhado Marcelo Coutinho.

Aos meus amigos e parceiros Artur Moura Neto e Nilciara Moura, por todo apoio e acolhida em todos os sentidos.

À Hilmará Rejanya Maia Lopes pela amizade e cumplicidade.

Meu muitíssimo obrigado!!

RESUMO

Destacam-se entre as possíveis razões para as violações de direitos ligados as pessoas em sofrimento psíquico, dentre outras, a construção político-normativa no interior do Direito Internacional dos Direitos Humanos - reverberada na concretização de Políticas Públicas de Direitos Humanos - de um cenário reforçado por uma biopolítica ao avesso que tem por fim confinar ou excluir os germes infecciosos das “doenças sociais” – entre elas a loucura –, legitimando uma condição subumana a indivíduos despersonalizados em busca de uma “saúde social” inumana. Desta forma, traz no topo do processo civilizatório o farol de uma lógica imunitária, cujo objetivo é aniquilar as “desmedidas sociais” afirmando uma única face humana “hiper saudável”. É no interior deste território político-normativo-científico que a presente dissertação tem como objetivo principal apresentar os discursos da loucura provenientes de expressões artísticas de internos do Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira em João Pessoa-PB como crítica e alternativa à dominação excludente dos discursos médico-científicos. Especificamente, os objetivos do estudo são: (1) apresentar e analisar os discursos das produções artísticas de indivíduos internos do Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira em João Pessoa-PB; (2) refletir sobre a construção histórico-filosófica de um modelo de dominação científica da razão moderna que aniquila expressões trágicas; (3) criticar o modelo biopolítico exercido na modernidade pela dinâmica do paradigma imunitário a partir das experiências encontradas junto aos internados no Juliano Moreira; Para tanto, o estudo apresentou uma opção metodológica de vertente qualitativa com análise de imagens em movimento para o *corpus* audiovisual e textual, coletados através das técnicas de observação e pesquisa documental. A partir dos resultados obtidos, tornou possível inferir que as expressões artísticas de homens e mulheres considerados “loucos e loucas” que estiveram internadas no Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira em João Pessoa-PB, reverberaram um saber trágico cuja potência tornou possível apresentar uma via de fuga que atravessa o confinamento territorial proporcionado pelo biopoder para uma construção biopotente – inclusiva e autodeterminada – na formação de uma cultura de e para os Direitos Humanos fora da redução epistemológica da saúde mental.

Palavras-chave: Direitos Humanos. Biopolítica. Arte Trágica.

ABSTRACT

Among the possible reasons for the violations of rights linked to people in psychological distress, the political and normative construction within the International Law of Human Rights - reverberated in the concretization of Public Human Rights Policies - stands out among a reinforced scenario for a biopolitics inside out that aims to confine or exclude infectious germs from "social diseases" - including madness -, legitimizing a subhuman condition to depersonalized individuals in search of inhuman "social health". In this way, it brings at the top of the civilizing process the beacon of an immune logic, whose objective is to annihilate the "social disproportion" by affirming a single "hyper healthy" human face. It is within this political-normative-scientific territory that this dissertation has as main objective to present the discourses of madness from artistic expressions of interns at the Psychiatric Hospital Colônia Juliano Moreira in João Pessoa-PB as a critic and alternative to the exclusive domination of medical discourses -scientific. Specifically, the objectives of the study are: (1) to present and analyze the discourses of the artistic productions of individuals interned at the Psychiatric Hospital Colônia Juliano Moreira in João Pessoa-PB; (2) reflect on the historical-philosophical construction of a model of scientific domination of modern reason that annihilates tragic expressions; (3) criticize the biopolitical model exercised in modern times by the dynamics of the immune paradigm based on the experiences found with the inmates at Juliano Moreira; For this, the study presented a methodological option of qualitative aspect with analysis of moving images for the audiovisual and textual corpus, collected through the techniques of observation and documentary research. From the results obtained, it became possible to infer that the artistic expressions of men and women considered "crazy and crazy" who were hospitalized at the Psychiatric Hospital Colônia Juliano Moreira in João Pessoa-PB, reverberated a tragic knowledge whose power made it possible to present a way of escape that crosses the territorial confinement provided by biopower for a biopotent construction - inclusive and self-determined - in the formation of a culture of and for Human Rights outside the epistemological reduction of mental health.

Palavras-chave: Human Rights. Biopolitics. Tragic Art

LISTA DE SIGLAS OU ABREVIATURAS

CCTA – Centro de Ciências, Turismo e Artes

DUDH – Declaração Universal dos Direitos do Homem

OMS – Organização Mundial da Saúde

HPCJM – Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira

PIDCP – Pacto Internacional de Direitos Cíveis e Políticos

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cenas de Abertura do Filme “Nise – O coração da loucura”	12
Figura 2: Mapa da Paraíba com a localização da cidade de João Pessoa.....	25
Figura 3 – <i>Cabeça VI</i> , 1949, Francis Bacon.....	28
Figura 4 – Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira em João Pessoa.....	24
Figura 5 – “Eu quero bem a minha doida”	54
Figura 6 – O Teatro Trágico no Juliano.....	58
Figura 7 – Dança Natalina.....	63
Figura 8 – Dueto sobre condições do aprisionamento.....	66
Figura 9 – Sueli Rezende cantando.....	67
Figura 10 – Contrato Biopolítico.....	68
Figura 11 – Abandono familiar.....	71
Figura 12 – Loucura de Vida.....	75
Figura 13 Um Pas de Deux antiniilista: o rodopio da loucura	78
Figura 14 – A festa de Tonho	79
Figura 15 – Forró pesado!	79
Figura 16 – “Meu Lóve”	81
Figura 17 – Ateliê de Pintura	91
Figura 18 – Fotos do Ateliê.....	92
Figura 19 –Pintura Marconi 01.....	92
Figura 20 –Pintura Marconi 02.....	93
Figura 21 –Pintura Marconi 03.....	94
Figura 22– Pintura Marconi 03.....	96
Figura 23 –Rita Cebola.....	97
Figura 24 –Esposo de Rita Cebola.....	97
Figura 25 –Filho de Rita Cebola.....	98
Figura 26 –Expressão silenciada 01.....	101
Figura 27 –Expressão silenciada 02.....	102
Figura 28 –Folder da Exposição “Humanos, Artisticamente Humanos”	116
Figura 29 – Folder da Exposição “Humanos, Artisticamente Humanos”	117

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Comparação de má saúde mental.....	43
Tabela 2 – “Gostar tanto de doida”	54
Tabela 3 – Teatro Trágico.....	58
Tabela 4 – “Tira nós dessa prisão”	63
Tabela 5 – Proibição de dança natalina.....	66
Tabela 6 – Contrato de Internação.....	68
Tabela 7 – “Já era pra ter saído da prisão. Fui criada como jogada”	71
Tabela 8 – Loucura de Vida.....	76
Tabela 9 – Forró no Espaço Luz.....	79
Tabela 10 – “Meu lóve”	81

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. GRITO: O BIOPODER DA DIALÉTICA IMUNITÁRIA E SUA FUNÇÃO NIILISTA NO INTERIOR DOS DIREITOS HUMANOS	32
2.1 Muito além da desinstitucionalização: a emancipação do biopoder no campo da saúde mental	34
2.2 A lógica imunitária e de conservação no conteúdo de normas jurídicas fundamentais de direitos humanos: quando o desejo de ser saudável supera o desejo de ser humano.	37
3. CONTRAGRITO: A BIOPOTÊNCIA POLÍTICA E POÉTICA DOS VAGA-LUMES DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO COLÔNIA JULIANO MOREIRA.....	50
2.1 Via Pulchritudinis Punctum: um pequeno relato sobre a experiência de campo.....	53
3.3 Por uma estética humana dionisíaca: para gostar tanto de doído(a)s	56
3.4 Tragédia e Verdade: da desvalorização das existências trágicas pelos domínios da razão	61
3.5 A dança biopotente, antiinilista e trágica dos vaga-lumes: resistências dionisíacas num território manicomial	79
4. O ATELIER DOS LUCIOLES: INSUSPEITADAS RIQUEZAS DA DIVERSIDADE HUMANA.....	88
4.1 Exposição “Humanos, Artisticamente Humanos” – Relato da experiência da loucura num território acadêmico de arte.	89
4.2 Expressões e Imagens da Loucura: lampejos criativos de uma outra história.....	93
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS	110
Apêndice A – Ficha de Entrevista utilizado na Galeria Lavandeira.....	116
Apêndice B – Material Gráfico da Exposição “Humanos, Artisticamente Humanos”	117
Apêndice C – Registro Fotográfico da Exposição “Humanos, Artisticamente Humanos”	119
Apêndice D – Registro Audiovisual da Exposição “Humanos, Artisticamente Humanos”...	120
Apêndice E – Discursos Coletados na Exposição “Humanos, Artisticamente Humanos”. ...	121
Apêndice F – Decupagem dos Materiais Audiovisuais	125
Anexo A – Termo de Anuência autorizando a Pesquisa de Campo no Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira e Formulário de Pactuação	139
Anexo B – Ofício enviado a Galeria Lavandeira	141
Anexo C – Documentário “Humanos, Demasiadamente Humanos”	142
Anexo D – Documentário “Loucos pela Diversidade: da diversidade da loucura à identidade da cultura” – Oficina Nacional de Políticas Públicas Culturais para pessoas em sofrimento mental e em situação de risco	143
Anexo E – Arquivos Audiovisuais do Acervo Particular do Artista João Paulo Macedo.....	144

1. INTRODUÇÃO

A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não têm voz.

Ferreira Gullar

Entre tantas questões suscitadas nas pesquisas destinadas a pessoas em sofrimento psíquico, sempre me inquietou indagar a seguinte questão: qual seria o lugar dessas pessoas no território dos direitos humanos? Já nos primeiros levantamentos, constatei que as diversas pesquisas encontradas estabeleciam uma forte relação com o conceito de “doente mental” e sempre destinadas a melhorias na rede de “tratamento” que sempre ofereciam práticas violentas e desumanas de confinamento em instituições manicomiais. Ou seja, pesquisas destinadas a melhorar a forma de “tratamento” dessas pessoas “doentes”, libertando-as desta estrutura manicomial para auxiliá-las num caminho “mais humano” para a “cura”. Não era de se estranhar o foco das pesquisas, pois, além de uma grande parte estar inserida sob o controle dos Profissionais de Saúde Mental (psiquiatras, psicólogos, psicanalistas, enfermeiros, entre outros), a construção normativa para esses indivíduos no âmbito do Direito Internacional dos Direitos Humanos está entrelaçada unicamente ao discurso médico-sanitarista do saber psiquiátrico, destinado apenas à “cura” da “doença mental” sem se preocupar com as conseqüentes violações que estes indivíduos sofrem em nome dessa mesma “cura” que necessita ser concretizada a todo custo.

Os excessos conceituais em diversas normativas insistem em reduzir a compreensão de uma existência, apelando pela única compreensão médico-científica pautada pelo saber psiquiátrico que trará a “saúde mental” como seu baluarte e uma conseqüente “incapacidade humana”¹ desses indivíduos de se defenderem de modelos totalizantes como, por exemplo, a radicalidade das cenas proporcionadas pela sujeição às drogas da indústria farmacêutica e

¹ No ano de 2015, é instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – Lei nº 13.146/2015, denominada “Estatuto da Pessoa com Deficiência”, revogando todos os incisos do artigo 3º do código civil, que descrevia como “incapacidade absoluta” pessoas que “por enfermidade ou deficiência mental, não tiverem o necessário discernimento para a prática desses atos” e ainda “os que, mesmo por causa transitória, não puderem exprimir sua vontade”.

diversas outras “terapias ocupacionais” em busca de uma cura desenfreada. Consideremos um único exemplo: a pessoa em sofrimento psíquico é vista pelo corpo social como uma pessoa “doente”.

À primeira vista, pode-se dizer que uma pessoa tida por “louca” é uma pessoa destinada a uma cumplicidade interpessoal totalmente desintegrada e principalmente com enormes dificuldades na capacidade de se autodeterminarem num cenário de marginalização e exclusão das relações de trabalho, tendo por vezes, sua intimidade comprometida com declínio da independência (moradia, saúde, ambulatório, alimentação, lazer, turismo). Em suma, uma epifania totalmente diferente do que costumamos compreender de uma cultura de e para os direitos humanos, agravada pela própria ausência de estruturas político-normativas que tragam alternativas contra a compreensão dominante da condição desses sujeitos. Será que não seria uma outra estrutura social a ser construída, não somente de “cura” mas de acolhida?

Quando nos dispomos a estudar e pesquisar sobre os direitos humanos, em particular sobre as pessoas que são identificadas como loucas² e as condições de discriminação por que passam, não imagináramos o desafio enfrentado neste campo, principalmente no que tange à construção legislativa, bem como, à atuação de pesquisadores dos direitos humanos de modo que escapassem da dominação científico-racional e pudessem utilizar formas alternativas de saber como instrumento necessário de pesquisa para abordar a presente temática, a exemplo da arte.

Esta experiência inicial trouxe a lembrança rápida da cena de abertura do filme que me aproximou desse campo de pesquisa, qual seja, *Nise, no coração da loucura* (2015). Foi através desta história que conheci os verdadeiros discursos, as verdadeiras imagens da loucura e nela tive a oportunidade de captar outro saber como alternativa ao modelo dominante que até hoje insiste em expressar essas existências apenas através da enfermidade.

Este filme-documentário – dirigido por Roberto Berliner (2015), no qual a atriz Glória Pires interpreta a médica alagoana Nise da Silveira – inicia com uma cena em que Nise, após “tirar cadeia”³, volta ao então Centro Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro,⁴ e começa a bater

² Refiro-me à loucura ao longo deste estudo utilizando-a de forma indiscriminada, por acreditar não numa postura conceitual relativista, mas, por entender que pessoas que experimentem dores ou sofrimentos mentais, ou se expressem fora do “padrão social” não precisam aceitar discursos apenas relacionados à saúde ou à doença mental, nem muito menos são “doentes mentais”, já que a categoria de “saúde mental” muitas vezes é imposta com propósitos bem definidos de exclusão, como veremos nos capítulos a serem desenvolvidos neste trabalho.

³ Nise da Silveira foi presa em 1936, acusada, sem processo, de participar da União Feminina Brasileira como também da Ala Médica Reivindicatória (movimentos sociais no Brasil em luta por melhorias no setor de saúde pública. Ver SANTOS, Marta Alves. Lutas sociais pela saúde no Brasil frente aos desafios contemporâneos. Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 233-240, jul./dez. 2013). Na prisão, conviveu com várias pessoas – dentre as quais o também alagoano Graciliano Ramos.

⁴ Local onde trabalhava quando foi presa.

na porta de ferro localizada na entrada do mencionado hospital. Nesta cena, Nise, após não ter retorno quanto a sua entrada no hospital, esmurra várias vezes a porta de ferro, até que o responsável pela portaria aparece e a porta se abre, numa simbólica alusão inicial à resistência do trabalho da psiquiatra contra a dominação do modelo de tratamento tradicional da Psiquiatria naquela época.



Figura 1: Cenas de Abertura do Filme “Nise – O coração da loucura”
 Fonte: Disponível em: <<https://vimeo.com/269848884>>. Acesso em: 05 dez. 2019.

Agora não se tratava mais de ficção, era uma realidade a ser enfrentada no território dos Direitos Humanos para falar da loucura não mais unicamente pelo viés médico-paciente, mas, através da arte, trazer a expressão de uma diversidade humana que sempre foi unificada na doença.

Um grande referencial para a realização da presente pesquisa foi, realmente, as expressões da loucura trazida através da Obra da Psiquiatra Alagoana Nise da Silveira (1905-1999). Naquela oportunidade, deparamo-nos com uma loucura criativa, bela, humana, onde a arte se tornou o complemento da ciência, auxiliando a transformar uma dominação que não apenas excluía, mas violentava fisicamente. Desta forma, foi inaugurada uma desconstrução de imagens monstruosas naquele território que sempre dominou o imaginário de terror de obras literárias e cinematográficas.⁵

⁵ Vale lembrar que a loucura é sempre retratada por imagens de pessoas sempre espumando pela boca ou em gritos intermináveis, ou ainda, com alucinações aterrorizantes que levam sempre a assassinatos ou suicídios.

As obras de Emygdio de Barros e de outros “pacientes”⁶, com o precioso auxílio da produção científica paradigmática desenvolvida pela psiquiatra alagoana Nise da Silveira⁷, não só é um importante e expressivo discurso, como também é um necessário registro da alternativa criada por ela no interior da história da psiquiatria tradicional. Utilizando a arte como alternativa – e como diria “o pincel como instrumento”⁸ – de um singular projeto contestador, Nise trava uma grande luta contra a força dominante de “inovações científicas” no campo da psiquiatria tradicional que tinha como caminho de “cura” procedimentos como “picador de gelo no olho”, “cérebros em choque”, “curas pela febre” e o “coma insulínico”. Talvez a imagem de horror da loucura, propagada pela literatura e por diversos filmes, esteja associada - e amplamente divulgada pelas práticas de horror executadas no interior dos estabelecimentos psiquiátricos - ao desejo desenfreado de “cura” e principalmente ao objetivo de dar visibilidade para o “antes e depois” dos “tratamentos”.

Tais procedimentos, tidos como “medidas desesperadas que os psiquiatras adotaram na busca improvável de derrotar a doença mental” ou talvez voltados a conquistar um espaço privilegiado – como bem coloca o psiquiatra Jeffrey A. Lieberman (2016)⁹ – foram dignos dos primeiros Prêmios Nobel dedicados à psiquiatria, sendo o primeiro dedicado pela *piroterapia*¹⁰ na qual seu criador, Wagner-Jauregg, “recebeu o Prêmio Nobel de Medicina em 1927, o primeiro a ser concedido ao campo de psiquiatria”. Em seguida, é premiada a prática da *lobotomia*¹¹ onde seu idealizador António Egas Moniz, “neurologista do corpo docente da Universidade de Lisboa”, recebe o Prêmio Nobel em 1949, o segundo destinado à categoria. Este reconhecimento “Nobel” demonstra o quanto o saber e o progresso científico é posto num *status* mais elevado que a própria humanidade, esquecendo esses profissionais até mesmo da

⁶ Artistas retratados na Exposição “9 Artistas de Engenho de Dentro do Rio de Janeiro” do ano de 2012. Acesso em: <http://www.bienal.org.br/post/362>

⁷ Nise combateu as práticas da psiquiatria tradicional através de uma construção teórico-metodológica baseada na psicologia junguiana desenvolvendo duas obras fundamentais: *Imagens do Inconsciente* [2015] e *O Mundo das Imagens* [1992].

⁸ Em uma das cenas principais do filme, Nise é questionada por um de seus colegas psiquiatras sobre a validade e eficácia dos métodos utilizados por ela. Em resposta ao questionamento do colega psiquiatra Nise afirma que para aplicação de seus métodos utiliza como instrumento o pincel enquanto que o colega psiquiatra utiliza o picador de gelo, em referência a técnica de lobotomia amplamente testada na época para suprimir a conexão do lóbulo frontal com o restante do cérebro.

⁹ Professor e Presidente do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Médicos e Cirurgiões da Universidade de Columbia; Diretor do Instituto Psiquiátrico do Estado de Nova York; e Psiquiatra-Chefe do Centro Médico da Universidade Columbia do Hospital NewYork-Presbyterian. Acesso em: <https://www.columbiapsychiatry.org/profile/jeffrey-lieberman-md>

¹⁰ Tratamento que tinha como método a infecção do paciente com doenças que pudessem provocar febre para que com o calor da febre alcançasse a cura.

¹¹ Cirurgia que utilizava como ferramenta um picador de gelo para danificar o lobo frontal tornando os pacientes emocionalmente tranquilos.

sabedoria de Hipócrates que ensina: “É mais importante saber que tipo de pessoa tem uma doença do que saber que tipo de doença uma pessoa tem” (FRANCES, 2016, p. 49).

Nesse cenário, Nise da Silveira, a partir do seu trabalho no interior do Hospital Psiquiátrico Pedro II, localizado na cidade do Rio de Janeiro, ao assumir o espaço abandonado da “Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação”, implementa um novo saber – trágico – no interior da história da psiquiatria tradicional tendo como importante ferramenta a atividade artística. Apoiada na teoria de Jung (2016), Nise instaura uma “exceção territorial”, um avesso dos campos de concentração nazista, onde, segundo Gonçalves (2010, p. 32) objetivava, com aquela prática: 1) estabelecer um diagnóstico dos pacientes e auxilia-los na reabilitação; 2) permitir a expressão de conteúdos não verbalizáveis e um funcionamento de um sistema análogo a uma espécie de válvula de escape com o objetivo de reduzir os riscos de recaídas; e 3) como ressaltava Nise da Silveira, “abrir a perspectiva de uma aceitação social por meio da expressão artística” (IANNINI, 2015, p. 219).

Para a minha surpresa, após coletar alguns dados bibliográficos, descobri a vida e obra do psiquiatra e crítico de arte paraibano Osório Thaumaturgo César (1895-1979), que, um pouco antes das atividades desenvolvidas por Nise no Engenho de Dentro, inaugura, em São Paulo, através do Centro Psiquiátrico de Franco da Rocha, em Juquery, um espaço dedicado a legitimar e aproximar as manifestações simbólicas produzidas pelos pacientes daquele hospital, o que culminaria com a criação da Escola Livre de Artes Plásticas do Juquery, destinada a pessoas com Esquizofrenia.

Integrante de uma família de músicos de grande relevância para a fundação do “Club Symphonico Parahyba” – primeira orquestra sinfônica da capital paraibana –, Osório Cesar, traz em sua formação pessoal e profissional a arte como aliada em sua atividade médica.¹² Publica, em 1929, um livro sobre *A expressão artística nos alienados: contribuição para o estudo dos símbolos na arte*, no qual apresenta seu estudo sobre a classificação da produção simbólica das pessoas em sofrimento psíquico, organizado em comparação com estilos artísticos da época (CARVALHO, 2015, p. 196-243). Além de médico, Osório era músico e crítico de arte, e, sob a companhia de sua então esposa Tarsila do Amaral, contribuiu para uma aproximação importante que ocorria entre o movimento modernista e a luta contra o modelo dominante e desumano das práticas psiquiátricas. Seu trabalho, se coloca mais para uma legitimação estética dessas obras, apesar de ter auxiliado ao lado de Nise da Silveira na

¹² Para um melhor aprofundamento, ver CARVALHO, Rosa Cristina Maria de. *A formação do pensamento estético de Osório César: Estudo dos textos sobre arte e cultura escritos no período de 1920 a 1960*. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2015.

transformação do território manicomial por ser precursor no Brasil dessa aproximação entre Arte e Loucura (CARVALHO, 2015).

Tive a grande alegria e oportunidade de encontrar neste programa um modelo alternativo riquíssimo – assim como na vida e obra de Osório César e Nise da Silveira – que, pautado numa perspectiva interdisciplinar, me interpelou através das estonteantes aulas ministradas por alguns professores, dentre estes a Dra. Wilma Martins de Mendonca e Dr. Luciano do Nascimento Silva na disciplina Fundamentos Históricos e Epistemológicos dos Direitos Humanos, ao utilizarem a literatura e alguns questionamentos sobre a linguagem como forma de aprofundamento nessa dimensão histórico-epistemológica dos direitos humanos. Neste momento, houve uma verdadeira interfecundação.

Esta iniciativa culminou com um longo processo de resistência neste território acadêmico, tendo em vista este trabalho questionar através de expressões artísticas da loucura o cerne desta exclusão entendendo que este, se vincularia a uma reflexão mais profunda ligada unicamente ao “modelo médico” como se a loucura não pudesse existir fora do fenômeno da “doença mental” devendo a pessoa, considerada “louca”, ser tratada como um mal, um erro, um monstro¹³, e todas as outras maledicências que uma “doença” é responsável para um “corpo social” desejado saudável. De todos os “desviantes”, a loucura foi a única que ainda não conseguiu escapar dessa captura social por acreditarem ainda que sua gestação se deu a partir do saber médico-psiquiátrico, o qual não existiria sem o objeto humano: a loucura.

Mas o que vem a ser a loucura para certa sociedade? Um mal ou um bem? Ou os dois? Se me apresento como louco, o que me aconteceria na sociedade em que vivo? Como essa relação (doente) com a loucura tem incluído ou excluído existências das mais diversas formas? Há uma forma de expressão da loucura humana a ser protegida ou realmente a sua totalidade merece ser excluída? Quem são os que falam sobre a loucura?

Todos esses questionamentos tornam a filosofia nietzschiana, um importante referencial teórico-filosófico de resposta contra a dominação dialética dos modos de existência da modernidade ocidental erguidos pela filosofia socrática – e mais tarde cartesiana.

No arco histórico que remonta para à antiguidade, Nietzsche vira do avesso e sacode o consenso empoeirado da razão científica pós-socrática sobre a visão de mundo e os modos de existência, resgatando a arte trágica como forma de afirmação da vida em uma cultura moderna tão cientificista. Mas não somente isso. Nietzsche critica também, em outras obras, todo esse

¹³ Esta figura do monstro é descrita pelo artista espanhol Francisco de Goya na legenda de uma das suas mais famosas pinturas como sendo um símbolo da falência da razão, quando escreve que: “O sono da razão engendra monstros”.

desejo da modernidade de firmar uma saúde perfeita através da norma, sendo o alicerce das estruturas político-normativas de proteção dos indivíduos contra a “ameaça contagiosa”.

Toda essa construção filosófica de base nietzschiana é apropriada e aprofundada pelos teóricos Roberto Esposito (2010) e Roberto Machado (2017) nos apresentando, conforme cada recorte teórico, uma crítica ao modelo dominante da razão científica em busca de uma outra compreensão da existência fornecida a partir da problematização entre saúde e doença, entre arte e ciência.

Em Esposito (2010), compreendemos que o louco é também portador de um outro tema, que, mesmo estando este tema presente na imaginação de toda uma sociedade, não tinha no entanto a mesma importância que ele iria adquirir mais tarde junto ao movimento eugênico do início do século XX, qual seja, o tema sobre o contágio. Na era da biopolítica, o contágio não aparece mais, como tinha se revelado em tempos anteriores, sob o disfarce de um desastre natural ou de uma punição divina; em vez disso, refere-se a um defeito ou mau funcionamento dos sistemas de regulação social que precisa ser “corrigido”.

Defeito ou mau funcionamento provavelmente inevitável, se a vida, como colocado por Foucault “foge sem pausa” para as “técnicas que dominam e administram”; técnicas de um poder (o biopoder) “cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida” através do controle de processos e condições como “a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade [...]” (FOUCAULT, 1977, p. 131).

Diante dessa ingovernabilidade da vida, este descontrole final dos processos biológicos, o paradigma da imunidade que, segundo Esposito (2010) é uma das figuras centrais da biopolítica contemporânea, se torna paranoia identitária, em fobia de contaminação, em obsessão de segurança. Não por acaso nestes anos o desejo de pureza étnica e social é tão bem-sucedido com os eleitorados ocidentais, deslocado e atordoado por um processo de globalização econômica selvagem que priva todos eles de um traço não só de segurança econômica, mas também de referências culturais e comportamentais, ocorrendo tanto nos países mais desenvolvidos como nos menos desenvolvidos.

Atrelada a uma imaginação literária de ficção científica e horror, a loucura é mais uma vez revelada como esse perigo, esse contágio aos processos de desenvolvimento social. Um contágio perigoso capaz de gerar uma obsessão em multidões, e destruir toda uma sociedade “civilizada” que acreditam que esse “grande mal” necessita ser eliminado de todos os espaços sociais, e que a ciência seria a única capaz de realizar esta façanha.

O desgosto com que humanos “normais” reagem a esta “ameaça” expressada pelo saber médico nas pessoas em sofrimento psíquico, levará a um desejo social de medo, e este corpo social se sentirá ameaçado por uma condição que corre o risco de ser um dos seus destinos, mais do que possível, provável, por ser a loucura uma expressão da vida, uma expressão humana.

Em meio a essa potencialização do saber médico sobre esses modos de existência, surge a necessidade de uma análise sobre o saber trágico proposto por Friedrich Nietzsche e apresentado aqui por Roberto Machado.

Através de Nietzsche, analisamos um outro saber, o trágico, que a partir de Sócrates é aniquilado, estabelecendo uma separação “entre dois tipos de filosofia que têm como modelos a arte trágica e a racionalidade científica” (MACHADO, 2017, p. 23).

Assim Machado, nos traz uma abordagem do saber trágico, seu aniquilamento e a relação posta pela crítica nietzschiana sobre a Verdade, ou melhor dizendo, sobre a crença na verdade, que se instaura na modernidade como único modo de “entender” a vida, gerando a partir disso um processo histórico de *décadence* que Nietzsche não cessou de analisar sob primado da cultura grega que possibilitava ter na arte uma forma de potencializar a vida por não restringir a beleza humana apenas ao consciente nem muito menos aprisioná-la num isolamento racional, antes, afirmar suas vidas por inteiro, fossem elas balbuciantes ou não.

Ora, somente as paixões pela criação podem responder em socorro à derrocada de uma cultura enraizada no racionalismo. A incomensurabilidade da dor e sua desmedida adentra na rigidez socrática e nos mostra as desventuras do homem excluído de seu próprio mundo, de suas próprias humanidades. Evidentemente que questões relacionadas aos Direitos Humanos, e em particular, relacionadas ao território da loucura, necessitam levar em conta essa dominação socrática – e posteriormente cartesiana – que, de forma exacerbada, instaura o então progresso lógico-racional da humanidade, ignorando, através de seus posicionamentos, as compreensões instintivas e os significados estéticos de mundo, tratando a criação humana como justificativa inteiramente racional, formando um típico homem ocidental pautado pelo uso exclusivo da razão, que despreza qualquer experiência trágica de sua existência. Mas será que essa reflexão nietzschiana se resume apenas a uma luta pelo fortalecimento de uma compreensão “dionisíaca” do mundo, das existências trágicas? Será apenas uma crítica ao socratismo estético e sua forma aniquiladora da tragédia antiga? É o que tentaremos compreender.

Desta forma, proponho, no presente estudo, uma via aberta pela arte, a ser construída e lapidada por muitos e muitos outros pesquisadores, pois, antes de ser uma solução, propomos ser uma via inaugural de escuta, de visibilidade do lugar, da identidade de um “louco” ou dessa

expressão humana da loucura. Expressão diversa, mas com a mesma dignidade, com os mesmos direitos, das ditas “Normais”. Acreditamos que a ênfase interdisciplinar entre Direito e Arte favorecerá importantes reflexões sobre direitos humanos, saúde mental e psiquiatria. Não obstante, este estudo não se trata de uma proposta de aniquilamento dos saberes “PSI”, principalmente a Psiquiatria, pois aqui estaríamos praticando um socratismo reverso, mas, apresentando uma crítica da forma de dominação desses saberes, apresentamos uma alternativa que possa compor a experiência dessas existências, com o intuito não de desencorajar pessoas que necessitem de um auxílio médico mas pelo contrário, sabendo de suas condições de fragilidade, não sejam excluídos de sua autodeterminação nem excluídos de serem como são, mesmo com suas escolhas e expressões. Pretendemos apresentar uma alternativa de combater a uma única forma “psiquiatrizada” e “patológica” de compreender essas expressões, para que, o que seria compreendido como expressões degeneradas possam torna-se expressões biopotentas da diversidade humana. Este estudo vem em contrassenso de um biopoder ao avesso que tenta nos convencer de que estas expressões são “doentes”, de que toda loucura é “violenta”, “degenerada”, “assassina” e “delinquente”.

Em meio a uma potencialização do intelecto na contemporaneidade, cujo resultado é a mera objetificação e manipulação científica de seres destinados a um despojamento de sua própria cultura, a partir do qual se busca, acima de tudo e da própria vida, aniquilar tensões, lutas, sofrimentos, feridas, sem ao menos sentir a potência vital que é gerada a partir desses mesmos conflitos, indivíduos atravessam alegremente a fronteira entre objeto e sujeito, de modo que, uma vez “desqualificados”, têm na arte suas formas de expressão e, nelas, uma importante alternativa em busca de um outro estatuto e uma nova vida. Aqui lançamos uma crítica aos excessos e, principalmente, à ausência significativa de estudos que levem em conta outros saberes e não somente haja uma dominação científica e proposital da perspectiva médica e farmacêutica. Apesar de denunciarmos esses excessos de como a loucura é compreendida e “tratada” pela sociedade de hoje, evitaremos o caminho de uma proposta exclusivamente antipsiquiátrica, para não incorrer em dois erros quase certos se o tomássemos: o primeiro seria estabelecer uma única via de percepção reduzindo a produção dos saberes “Psi” vinculados à saúde mental; o segundo, e mais importante para este trabalho, para que não se compreenda como desnecessária a produção científica e a prática médica no auxílio a inúmeras pessoas em sofrimento psíquico.

Registro, aqui, a grande contribuição dos Professores Doutores Gustavo Barbosa de Mesquita Batista e Nelson Gomes de Sant’Ana e Silva Junior que me indagaram, no procedimento de qualificação deste trabalho, sobre a necessidade de deixar claro para os leitores

a relação dos direitos humanos com a arte. Este questionamento – muito embora soubesse que a arte sempre teve um papel importante no território dos Direitos Humanos – foi de grande relevância, posto que me levou à construção de um material empírico na área interdisciplinar dos Direitos Humanos, Políticas Públicas e Cidadania.

É imprescindível nos questionar porque, mesmo após essas duas experiências ocorridas sob a liderança do paraibano Osório César e da alagoana Nise da Silveira, o saber trágico continuou (e continua) sendo rejeitado como complemento e até mesmo como alternativa no campo da psiquiatria, ao nos deparar com uma total ausência dessas experiências na formação acadêmica de um profissional médico.¹⁴ Percebemos, desta forma, uma total ausência dessas experiências práticas e teóricas vividas por Nise e Osório no campo psiquiátrico. Por que, ao pesquisar sobre estes dois psiquiatras, os poucos textos produzidos são sempre artigos, dissertações e teses na área das ciências humanas? E, quando raramente encontramos na área de ciências da saúde, nunca o texto está associado a um tratamento de “cura” da “doença mental”? Nossa hipótese é clara, para que o Poder Psiquiátrico se desenvolva de forma plena e se fortaleça, ele precisa aniquilar o saber trágico, é crucial, para ele, os excessos da ciência da “saúde”.

Se arte e ciência se encontraram no Brasil nos anos de 1930-1940, porque as expressões da loucura ainda se mostram aterrorizantes ou medicalizadas? Depois de passados quase 80 anos, porque esse saber trágico não foi absorvido pelo saber psiquiátrico? Porque a Arte não foi utilizada não só como terapia, mas como instrumento de saber acadêmico?

Neste momento, chegamos ao nosso problema de pesquisa: o saber trágico manifestado através da arte pode ser considerado como alternativa na construção afirmativa de um novo lugar para pessoas em sofrimento psíquico fora da categoria racional-moderna de doente?

Assim, em busca de responder a problemática proposta no âmbito da investigação da loucura através da arte, direcionei-me a investigar um modelo institucional com as mesmas características das experiências vivenciadas no eixo Rio-São Paulo nos anos 30 e 40, onde o Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira, sendo uma dimensão hospitalar especializada em Psiquiatria e a única do Estado a ser mantida pelo Poder Público.

Importante compreendermos que, no território entre loucura e direitos humanos, há uma urgente necessidade de não só pesquisadores-clínicos dominarem este cenário, é essencial para essa mudança que se fortaleçam os laços entre loucura e ciências sociais e humanas, como

¹⁴ Não encontramos – até o fechamento deste trabalho – em nenhuma grade curricular dos Cursos atuais de Graduação em Medicina no Brasil, nem nas Bibliografias das cadeiras de Psiquiatria, referências aos estudos desenvolvidos pela médica alagoana Nise da Silveira.

testemunho dessa busca contínua, urge reformular o espaço de compreensão dessas existências trágicas, de forma a evitar armadilhas do passado que ainda sobrevivem no momento presente. Mover-se nessa direção abre espaço e cria urgência para desenvolver práticas inovadoras, algumas das quais emergem dos lugares que foram criados para justamente apagar essas expressões, e concretamente uma biopotência revelada. Uma abordagem baseada em expressões artísticas de pessoas consideradas loucas pode fornecer um caminho para um novo estatuto humano que queremos para todos. Esses discursos podem ser utilizados para promover novos estudos fora do campo da saúde mental em um amplo desenvolvimento do conhecimento prático através das ciências sociais e humanas, reduzindo drasticamente uma estrutura excludente em busca de atingir o mais alto patamar de reconhecimento dessas expressões, fortalecendo ainda mais este riquíssimo cenário da “biodiversidade” humana.

É verdadeiramente uma outra agenda política, ou melhor dizendo, biopolítica.

Nesse contexto apresentado, é crucial que se produza uma ciência humana compromissada ético-politicamente através do saber trágico-artístico manifestado na diversidade das expressões da loucura num contexto em que se possa transformar toda uma cultura enraizada numa dinâmica desumana de excessos da razão moderna, confrontando tais reducionismos em construção de uma outra cultura de e para os direitos humanos. Como dizia Liszt (apud MORIN, 2005, p. 135), “as artes são o meio mais seguro de se esconder do mundo, mas também o meio mais seguro de unir-se a ele”.

É necessário então incluir no âmbito dos estudos interdisciplinares sobre Direitos Humanos uma discussão sobre essa expressão humana da loucura não apenas como doença mas a partir do estudo de um saber trágico proporcionado através da arte, essas expressões possam expressar a face humana da loucura e, na diversidade, trazer um novo e alternativo conceito para pessoas que desejem talvez não – e apenas – serem curadas, mas afirmadas e protegidas em suas mais diversas expressões, e que o sofrimento que vivem não seja motivo de horror, medo, ou exclusão de uma vida a ser vivida em multiplicidade, mas que sejam acolhidos em uma rica perspectiva de alteridade.

Delineando o caminho metodológico a ser traçado, apresentamos abaixo a definição inicial dos passos que foram traçados com o intuito de obter uma construção científica sólida sobre a temática a ser defendida no âmbito do presente Programa de Pós-Graduação, sob a forma de uma Dissertação de Mestrado, pois, como nos reforça Minayo (2010, p. 98), a “ciência se faz com teoria e método” sendo este o caminho que agora apresentamos. Nessa linha, tem-se como objetivo principal apresentar os discursos da loucura provenientes de expressões artísticas de internos do Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira em João Pessoa-PB como alternativa

à dominação excludente dos discursos médico-científicos. Especificamente, os objetivos do estudo são: (1) apresentar e analisar os discursos das produções artísticas de indivíduos internos do Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira em João Pessoa-PB; (2) refletir sobre a construção histórico-filosófica de um modelo de dominação científica da razão moderna que aniquila expressões trágicas; (3) criticar o modelo biopolítico exercido na modernidade pela dinâmica do paradigma imunitário a partir das experiências encontradas junto aos internados no Juliano Moreira.

Assim, iniciamos a presente pesquisa com um rico e extenso levantamento bibliográfico, etapa importantíssima que auxiliou no aprofundamento teórico do tema a ser investigado, permitindo ainda preciosíssimas descobertas que conferiram, ao contexto local, uma oportunidade ímpar. Procuramos através da pesquisa bibliográfica realizar uma revisão teórica da literatura nacional e internacional sobre a utilização da arte na compreensão das relações entre sociedade e loucura, além de publicações específicas sobre Psiquiatria e Arte. A revisão incluiu uma abordagem filosófico-histórica sobre arte e loucura, sobre a compreensão dessas existências a partir da prática Psiquiátrica, e um estado da arte descrito nas primeiras experiências realizadas no Brasil dos anos 30 e 40, além de uma sucinta análise sobre um contexto biopolítico inserido no campo das políticas públicas de saúde mental e direitos humanos.

No que tange à pesquisa bibliográfica, foi realizado um levantamento de publicações nas quais se observaram livros, artigos, exposições, filmes, sendo priorizada a verificação de todo o histórico do estudo sobre a produção artística de pessoas em sofrimento psíquico no Brasil e em diversos outros países de vários continentes, embora o rico material encontrado fora do Brasil não seja objeto da presente pesquisa. Após definido o objeto de estudo e realizada a revisão bibliográfica, passou-se à fase de escolha dos instrumentos necessários para a coleta de dados.

Os dados qualitativos que foram apresentado sobre esse *pluriverso* da loucura nos aponta a importância do enfoque transdisciplinar priorizado através de estudos vindo da sociologia, psiquiatria, filosofia, antropologia, literatura, psicologia, artes visuais, e tantas outras áreas que atravessaram estes estudo, pois conforme nos ensina Gomez e Minayo (2000) ao definirem a transdisciplinariedade como

[...] uma visão aberta e dialógica que valoriza os “fragmentos disciplinares” dos vários especialistas que atuam cooperativamente visando ao entendimento do tema em questão e também leva em conta a intuição, o imaginário, a sensibilidade e o senso comum dos participantes leigos. Ela é a negação da tecnocracia, em favor de um

conhecimento voltado para a solução dos problemas. No entanto, a transdisciplinariedade não é nem uma nova metafísica, nem uma nova filosofia e nem uma ciência das ciências. Constitui o cruzamento das fronteiras disciplinares que coloca os saberes em comunicação e vai ao encontro do mundo da vida para realizar um conhecimento, este sim, “novo”, a partir da harmonização da pluralidade de vozes, de olhares e de explicações. (GOMEZ; MINAYO; 2000, p. 25)

Para (BECKER, 1993, p.12), ainda que tenhamos “princípios gerais de construção de pesquisa e interpretações de referência fundamentais,” não haverá “dois estudos ou objetos inteiramente iguais, nem problemas de pesquisa que apresentem as mesmas exigências em sua abordagem”, pois, de acordo com o autor:

[...] os sociólogos deveriam se sentir livres para inventar os métodos capazes de resolver os problemas das pesquisas que estão fazendo [...] Assim, as soluções para os problemas de construção têm sempre que ser improvisadas. Estas decisões não podem ignorar princípios gerais importantes, mas os princípios gerais em si não podem resolver os problemas *desta* construção. Para fazê-lo, temos que adaptar os princípios gerais à situação específica que temos em mãos [...] o sociólogo ativo não somente pode como deve improvisar as soluções que funcionam onde *ele* está e resolve os problemas que *ele* quer resolver.¹⁵

Desta forma a análise do corpus apresentado foi realizada com base no método de Análise de Imagens em Movimento descrito por Rose (2008). Segundo a autora, a forma de aplicação da metodologia se divide em quatro etapas: a) seleção; b) transcrição; c) codificação e d) tabulação. Seguindo este caminho traçado por Diana Rose, foi realizada a seleção das cenas que integraram a análise extraída do Documentário “Humano, demasiado humano”¹⁶. A seleção foi pautada conforme a proposta da análise, que foi observar os discursos através da arte proveniente de pessoas em sofrimento psíquico no interior do HPCJM sendo, desta forma, selecionadas imagens que dialogassem com o referencial teórico abordado neste trabalho. Sobre esse processo de seleção, Rose (2008, p. 353) nos alerta que é “impossível descrever tudo que está na tela, então, a seleção do que será transcrito e os aspectos que serão destacados dependem da postura teórica adotada.” Após o processo de seleção das cenas, realizamos a transcrição do material através da técnica de decupagem, pois, para Rose (2008, p. 353), “a transcrição traduz e simplifica a imagem complexa da tela, gerando assim o conjunto de dados que serão analisados e codificados.” Segundo Rose,

A transcrição é feita em duas colunas, a coluna da esquerda é composta pela descrição do aspecto visual, e a da direita contém a transcrição do material verbal. O início de

¹⁵ Ibidem

¹⁶ Professor Dr. Carlos Alberto Farias de Azevedo Filho, DJOR – CCTA - Departamento de Jornalismo. Disponível em: <https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/docente/portal.jsf?siape=2337446>, acesso em 01/02/2020

uma nova unidade de análise é marcada pelo início de um novo parágrafo. Essa descrição será feita realçando os aspectos que mais interessam de acordo com a orientação teórica do trabalho. Junto a tabela será feita a análise, que buscara responder de que forma os elementos destacados na unidade de análise geraram sentidos sobre o tema, de acordo com o embasamento teórico (ROSE, 2008, p. 353).

Com relação à fase de codificação dos dados, acrescenta:

A codificação dos dados é feita a partir de uma leitura prévia com base na teoria utilizada. As unidades de análise são transformadas em códigos, que são representados por sinais gráficos. Essas informações codificadas são tabuladas e resultam em uma série de informações quantitativas (ROSE, 2008, p. 362).

Contudo, para o presente estudo, não nos pareceu adequada a etapa de codificação e tabulação dos dados, tendo em vista sua vertente quantitativa, pois, conforme Rose (2008, p. 362) nos orienta “algumas das técnicas apresentadas devem ser adaptadas para outros conteúdos [...]”. E assim fizemos por acreditar que tanto o referencial teórico proposto, quanto os objetivos apresentados neste trabalho corroboram um enfoque qualitativo, sendo necessário descartar esta última etapa por não guardar afinidade e relevância frente ao problema de pesquisa apresentado.

Foram analisados fragmentos discursivos contidos nos materiais audiovisuais coletados considerando os sujeitos da pesquisa e seu contexto histórico-social no qual o presente discurso fora produzido, bem como, o lugar de fala desses interlocutores.

Nesta via metodológica, acreditamos que as contribuições teórico-metodológicas de Diana Rose contribuem para o desenvolvimento epistemológico do presente estudo.

Como critérios de inclusão dos materiais apresentados, foram definidos: 1) expressões artísticas e 2) o importante critério – sinalizado em sede de qualificação – de que o discurso deveria ser proveniente do próprio indivíduo em sofrimento psíquico do HPCJM. Priorizaram-se discursos de diferentes linguagens artístico-literárias (cantos, danças, declamações, pinturas, etc.), de modo a conferir uma heterogeneidade ao material coletado através de diferentes áreas e expressões artísticas.

Utilizamos a observação como técnica inicial que possibilitou, a este pesquisador, coletar informações minuciosas e contemporâneas sobre o contexto do lugar escolhido para pesquisa, qual seja, o Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira.

Ancorados na etnografia a técnica de observação nos auxiliou nos registros e nas impressões dos primeiros encontros com o local, com os profissionais e com as pessoas em sofrimento psíquico que se encontravam em tratamento hospitalar, bem como, em experiências posteriores como a vivenciada na exposição realizada no CCTA/UFPB. Segundo Cardoso

(1986, p. 103): “Observar é contar, descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos, construindo cadeias de significação”.

A análise documental proporcionou uma abordagem riquíssima para o ambiente de pesquisa e para a temática estudada, pois, como Helder (2006, p. 12), “a técnica documental vale-se de documentos originais, que ainda não receberam tratamento analítico por nenhum autor. [...] contribuindo para um estudo empírico na compreensão dos discursos de determinados grupos sociais”.

A pesquisa de campo, foi iniciada no primeiro semestre de 2018 após a entrega do pré-projeto de mestrado para análise da Coordenação do Núcleo de Ações Estratégicas do Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira (HPCJM), que concedeu, de imediato, a autorização para iniciar as atividades (Anexo A), sendo finalizada recentemente no final do segundo semestre de 2019.¹⁷ O local foi escolhido por ser o único modelo de hospital público de tratamento psiquiátrico de referência no Estado da Paraíba. Desta forma, foi possível estabelecer um estudo de campo no modelo institucional da psiquiatria tradicional proposto desde o início dos anos 1930 no Brasil, momento este em que se iniciam os estudos sobre o saber trágico através da arte produzida entre os pacientes internados nestes hospitais psiquiátricos, proporcionando uma visão que se aproximasse desse cenário. A escolha se justifica, ainda, por ser um local em que as pessoas internadas são de diversas cidades paraibanas e de outros Estados vizinhos da região Nordeste, levando assim, em consideração, a representatividade de todo o estado da Paraíba e dos estados vizinhos na abrangência do atendimento, e a necessidade de mapeamento inicial de expressões da região Nordeste. As atividades e expressões observadas foram: as oficinas de música, pintura, escultura, desenho, artesanato, dança e todo o acervo já produzido que se encontrava no lugar chamado “Espaço Luz”.

Figura 4 – Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira em João Pessoa/PB.
Fonte: Reprodução do Google Street View

¹⁷ 08 de julho de 2019.



Fundado no ano de 1928 no dia 23 de junho, o Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira foi pensado a partir do contexto sanitarista que alimentava o cenário político do país que “afirmavam dever-se o atraso do Brasil não ao clima tropical ou a “composição racial” de sua população, mas a doença.” (WANDERLEY, 2013, p. 8). O importante registro sobre esta fundação nos traz Helmara Wanderley quando relata:

Passados cerca de quatro anos, no dia 13 de junho de 1928, o jornal A União, “Orgão do Partido Republicano”, anunciava “está para ser inaugurada por todo [aquele] mês a Colonia de Alienados [da] Capital”. Para dirigir “o estabelecimento complementar do systema [parahybano] de assistência e filantropia”, o então governador, Dr. João Suassuna, convidou o médico pernambucano, Dr. Newton Lacerda, residente na Capital da Parahyba. (WANDERLEY, 2013, p.8).

Curioso é observarmos a gratidão e entusiasmo registrado pelo então Diretor da Cadeia Pública, devido a transferência dos “loucos” de sua cadeia para a nova instituição asilar, também registrado por Helmara Wanderley (2013, p.8), através de um relatório encaminhado pelo diretor ao chefe de polícia do Estado:

O dia 23 de junho deve ser lembrado nesta casa com especial carinho. Assignala a remoção dos loucos para a Colonia de Alienados, cuja inauguração vale por um titulo de lata benemerência para o actual governo. Sabe v. exc. [...] bem póde calcular do allivio ora desfructado pela administração desta casa, dantes sem tranquilidade, pela falta de recurso para proporcionar a tão infelizes creaturas um relativo conforto¹⁵. Em obediência às ordens do Dr. Julio do Nascimento Lyra, chefe de polícia da Parahyba, foram transferidos da Cadeia pública da capital dez alienados[as], 6 homens e 4 mulheres.

O HPCJM está localizado na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba, na região nordeste do Brasil, possuindo uma população de 723.515 habitantes, conforme o último Censo Brasileiro (IBGE,2010). É a capital do Estado da Paraíba, sendo a 3ª cidade mais antiga do Brasil.

“biofilosofia”, do “biopoder” e da “biopotência” que emprestarão uma unidade ao pensamento dos filósofos mencionados servindo de ferramenta crucial – um segundo guia no desfiladeiro – para pensar e organizar as análises discursivas coletadas. Proponho fazer uma cartografia teórica desses pensadores, apoiado nas noções de biofilosofia e saber trágico nietzschianas com o intuito de aproximá-las do território dos direitos humanos, como forma de empreender uma alternativa capaz de criar resistências à potencialização dos excessos da razão. Para Minayo (2010, p. 98), “[...] a teoria é uma construção científica, por meio da qual o pesquisador se aproxima de um objeto, mesmo que depois a refute e construa outra que considere mais adequada para compreender ou explicar o assunto que investiga”.

Nesse intuito, a presente dissertação divide-se em três capítulos que discutem e dialogam, a todo tempo, com o problema de pesquisa. No primeiro capítulo, “*Grito: o biopoder da dialética imunitária e sua função niilista no interior dos direitos humanos*”, é desenvolvida uma crítica direcionada a forma de dominação do progresso racional-científico que serviu de base para o desenvolvimento da lógica imunitária de cunho niilista, afetando também a construção jurídica no território do Direito Internacional dos Direitos Humanos. Para tanto, analisaremos o conteúdo de algumas normas fundamentais de direitos humanos como o Pacto Internacional e Direitos Civis e Políticos e o Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, bem como, alguns dos instrumentos regionais da Europa, África e América, abordando a realidade de dispositivos imunitários da modernidade no conteúdo destas normas que passam a justificar a exclusão de indivíduos humanos por meio do desejo de uma “saúde ideal”.

No segundo capítulo, “*Contragrito: a biopotência política e poética dos vaga-lumes no Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira*” apresentamos, através da análise de imagens em movimento, o saber trágico emanado das expressões artísticas de pessoas em sofrimento psíquico internas do Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira, como alternativa biopotente e antiniilista aos excessos da razão que desvaloriza existências trágicas. Para tanto, serão analisados dois tipos de materiais empíricos no formato de audiovisual: O documentário “Humano, Demasiado Humano”, de autoria do Prof. Dr. Carlos Alberto Farias de Azevêdo Filho, o qual foi gravado no HPCMJ no ano de 1990; e registros pessoais das atividades promovidas pelo Arteterapeuta João Paulo Macedo no interior do HPCMJ nos anos de 2015.

No terceiro capítulo, “*O Atelier dos lucioles: insuspeitadas riquezas da diversidade humana*”, é relatada a experiência histórica da realização da exposição do acervo do Ateliê Espaço Luz do CPJM em um espaço oficial e acadêmico destinado às Artes. O Ateliê “Espaço Luz” é um lugar reservado para a execução de atividades artísticas com papel machê, oficinas

de percussão, pinturas em papelão, atividades de dança, colagens, etc. Coordenado pelo artista plástico e filósofo Neuri Mossmann, conta com o auxílio também de outros Artistas como João Paulo Macedo. Segundo Mossmann: “Este trabalho é uma forma de contribuir com a luta antimanicomial. Se vai sair alguma peça pronta ou não, isso não importa. O mais importante é o vínculo e o cuidado com o usuário”.²¹

Num segundo momento realizamos uma análise desse acervo a partir da seleção de obras de três artistas – Poliana Fernandes, “Marconi” e “NÓPAPPAS”, trazendo importantes contribuições para a afirmação da diversidade humana através da biopotência gerada entre arte e loucura.

A maneira como tudo será relatado adiante possibilitará processos contínuos de construções e “desconstruções” pois acreditamos que essa pulsão da vida, potencializada através da arte, deseja sempre criar e recriar, a todo instante expandir-se, e justamente por isso é que todo esse processo de estudo nos proporcionou trilhar novos caminhos ainda desconhecidos e árduos, mas necessários para, experimentando o “trágico”, poder contribuir com uma autêntica ciência demasiadamente humana.

²¹ Entrevista realizada dia 16/10/2015. Disponível em: <http://antigo.paraiba.pb.gov.br/index-34395.html> . Acessado em: 03/11/2019.

2. GRITO: O BIOPODER DA DIALÉTICA IMUNITÁRIA E SUA FUNÇÃO NILISTA NO INTERIOR DOS DIREITOS HUMANOS

A ideia do grito é para o território da loucura uma dimensão que expressa na maioria das vezes o horror e a dor – física, psíquica e moral. Verificamos isso na fala da personagem Elisângela, do filme-documentário *A loucura entre nós*, da diretora Fernanda Fontes Vareille (2016)²², quando a mesma, após ouvir o grito de uma outra paciente, desabafa que “só o fato de ser grito já é estranho né. Já é... essa mistura né de... de dor com horror com desespero”²³. Essa sonoridade, por vezes ampliada, se torna possível contestação, única resistência que nesse território da loucura rapidamente é transformada como sinal de perigo, alerta, capaz de indicar as pessoas mais violentas daquele lugar, chamar a atenção das forças vigilantes.



Figura 3 – *Cabeça VI*, 1949, Francis Bacon
Fonte: Wahooart²⁴

A famosa pintura de Francis Bacon²⁵ (fig. 3), amplamente comentada e veiculada pelo mundo, nos ilustra um fragmento real da dor através de um grito. A obra intitulada *Cabeça VI*,

²² *A Loucura entre Nós*. Direção de Fernanda Fontes Vareille. Produção de Fernanda Fontes Vareille e Amanda Gracioli. Salvador: Águas de Março Filmes, 2016. (76 min.), DVD, son., color.

²³ Ibidem.

²⁴ Disponível em: <https://pt.wahooart.com/@/6E3SVR-Francis-Bacon-cabe%C3%A7a-vi-1949>, acessado em 15/11/2019

²⁵ Francis Bacon, foi um pintor irlandês, autodidata, que faleceu em 1992, com 83 anos. De acordo com Beatriz Elisa Ferro Siqueira (2007), sua “vida foi marcada pelo nazismo na Alemanha, pelo homossexualismo, pela asma, e pelo alcoolismo. Durante muito tempo foi considerado um artista marginal e maldito por ser provocador, obscuro e anticonformista. Sua obra, apesar de ter sofrido a influência de Picasso e Van Gogh, busca inspiração em velhos mestres tais como Velazquez e Rembrandt, ou nas fotografias de figuras nuas em movimentos variados feitas por Eadweard Muybridge, ao final do século XIX.” Ver SIQUEIRA, Beatriz Elisa Ferro. *Francis Bacon: um grito suspenso na distorção da imagem*. Psicanálise & Barroco – Revista de Teoria

foi pintada em 1949, a partir de um retrato do papa Inocêncio X realizado por Velázquez no ano de 1650. De acordo com David Sylvester²⁶ a obra representa um papa, “confinado num cubo de vidro, com a boca escancarada, dando-nos a impressão de gritar”. Nessa entrevista realizada por Sylvester (1995), Francis Bacon esclarece sobre a representação de sua obra da seguinte maneira: “O senhor poderia dizer que um grito é uma imagem de horror; na realidade eu quis mais o grito que o horror”. (SYLVESTER, 1995, p. 32). Verifica-se, nessa imagem, um outro tipo de grito, um grito mudo e profundo, que de acordo com psicanalista e psiquiatra Juan-David Nasio

é, na realidade, não uma brutal expiração, e sim uma inspiração. Mais que isso, uma aspiração violenta do ar sendo tragado pela cabeça e rasgando-a por dentro. [...] é um crânio atomizado, como se o silêncio reinante nesse cubo de vidro fosse absorvido abruptamente pela boca desse estranho papa, antes de lhe implodir a cabeça. (NASIO, 2017, pp. 71-72)

Esse sinal sonoro na obra é silenciado, é absorvido pelo interior da cabeça, nos remetendo a um “grito mudo”, como que um sofrimento visível, mas silenciado. Um grito excepcional. Como bem coloca Michel Foucault, um “silêncio sulcado de gritos”. (FOUCAULT, 2007, p. 576). Talvez pudéssemos – e quiséssemos – utilizar desta imagem para ilustrar a temática deste capítulo. Um biopoder que ao mesmo tempo silencia e implode o grito mudo da loucura com “terapias da hibernação”.

Alguns destes gritos são silenciados justamente por instrumentos científicos e normativos ligados à promoção de saúde mental, a lideranças políticas e até mesmo profissionais atuantes no território hospitalar de saúde mental, em diferentes lugares – hospitais, centros de atenção psicossocial –, que em certos casos perpetuam uma genealogia da violência – física, psíquica e social – dos direitos de pessoas em sofrimento psíquico.

A necessidade de atentarmos para um possível esgotamento político-normativo no interior do território da loucura, que deriva unicamente de um entendimento cada vez mais prejudicial à autodeterminação e promoção de pessoas em sofrimento psíquico, representa uma via importante para conquistas pessoais, sociais, culturais e econômicas, trazendo um novo paradigma de inclusão.

Desta forma, quando abordamos aspectos políticos-normativos sobre direitos humanos, necessariamente, há de se fazer referência a esta nova reflexão contemporânea – a biopolítica -

Psicanalítica, v.07, 06/2007, p. 2.

²⁶ O jornalista David Sylvester publicou um livro de entrevistas intitulado *Entrevistas com Francis Bacon* em 2007.

uma vez que tais direitos se definem a partir desta categoria de “vida” influenciando toda uma construção normativa no plano internacional e doméstico e proporcionando que algumas figuras conceituais surjam em função de exigências específicas e a elas ligadas uma lógica. É nesse desenvolvimento, que analisaremos o caráter biopolítico de algumas normas jurídicas fundamentais de direitos humanos a partir da reflexão da filosofia de Nietzsche, na qual o estudo de Roberto Esposito nos coloca uma inovação da matéria através do que intitula de “biofilosofia” nietzschiana.

2.1 Muito além da desinstitucionalização: a emancipação do biopoder no campo da saúde mental

Para falar da loucura, seria preciso ter o talento de um poeta, conclui Foucault [...]. Mas o senhor o tem, responde Canguilhem.

Didier Eribon

É impressionante notar que o tema do biopoder, que se tornará um tema maior nos cursos posteriores proferidos por Michel Foucault, já encontra um lugar particularmente interessante em sua obra ímpar, *História da loucura* (2007), ao observarmos toda a projeção de “[...] uma forma de internamento na qual a função médica e a função de exclusão, serão exercidas uma após a outra, mas no interior de uma estrutura única” (FOUCAULT, 2007, p.431). Nesta mesma estrutura ocorre o então advento do poder psiquiátrico juntamente com a cultura da medicalização que proporciona um grande salto para além dos muros do internamento com o intuito de difundir-se em toda a sociedade “em nome de um imperativo vigoroso de defesa social” (FOUCAULT, 2000, p. 180). Assim, não ocorre um desaparecimento completo do asilo, e sim sua recodificação a partir deste imperativo que percorre toda a sociedade, e se relaciona estreitamente com novos procedimentos de controle, passíveis frequentemente de até se fazerem passar por procedimentos de cuidado social, tendo como seus principais protagonistas os profissionais de saúde. Dentre estes novos procedimentos de controle no campo da saúde mental temos como exemplo o novo modelo psicossocial que atrelado a ideia de cuidado assistencial para com quem sofre, pode conter uma recodificação de sentidos e insinuações se relacionando intimamente com novas formas de controle, conforme nos coloca Lobosque (2003):

A palavra “ajuda” implica por si mesma, em muitos riscos; principalmente por ser o pretexto comum da autoridade de todas as filantropias e do pedantismo de todos os privilégios. Afirmar que o outro precisa de ajuda pode ser, e muitas vezes costuma sê-

lo de fato, uma forma de interferir, aliciar, tutelar, dominar, etc. É na tentativa de exercer uma “ajuda sem domínio” que o trabalho psicossocial vai se delineando (LOBOSQUE, 2003, p. 20 e 21).

E nessa mesma direção acrescenta:

A esta ajuda que se serve quando necessário de disciplinas e saberes psi, da farmacologia à psicanálise, mas sempre subordinado seu emprego a um projeto que não é psiquiátrico ou psicológico, mas político e social; a esta ajuda chamaremos de uma clínica em movimento: uma clínica que não caminha para si mesma, mas se combina e se articula com tudo o que se movimenta e se transforma na cultura, na vida, no convívio entre os homens (LOBOSQUE, 2003, p. 21).

Nesse contexto, ao descrever e desvendar as estruturas do “biopoder” ou do “poder biopolítico”, e através deste, o fenômeno de normalização da vida, Foucault (2008) traz em seus escritos, de forma constante, traços biopolíticos que modificam o território da filosofia política no mundo contemporâneo.

Através do resumo escrito no curso de 1980 no *Collège de France, Do governo dos vivos*, Foucault (1997, p. 101) nos traz uma definição de governo como um conjunto de “técnicas e procedimentos destinados a dirigir a conduta dos homens”. Sendo este governo elencado no curso *Os anormais* (2002), da seguinte maneira: “A Idade Clássica elaborou o que se pode chamar de ‘o governo das crianças’, ‘o governo dos loucos’, ‘o governo dos pobres’ e ‘o governo dos operários’” (FOUCAULT, 2002, p.61). Talvez por isso, tenhamos uma política pública específica de “Saúde Mental” como “governo próprio dos loucos” e não tenhamos na mesma condição uma política pública “própria” de “Saúde Oftalmológica” ou “Saúde Ortopédica”, ou ainda, “Saúde Cardiovascular” estando essas últimas inseridas no conjunto geral de políticas de Saúde Pública. Tal “prerrogativa” se dá justamente porque a política de Saúde Mental, bem mais do que qualquer outra, está intimamente relacionada a uma gestão biopolítica ao avesso.

É importante a observação que Foucault registra sobre uma outra abordagem de poder em sua outra obra – *Vigiar e punir* [1975] – nos explicando “que a disciplina-mecanismo foi progressivamente superada em proveito de mecanismos flexíveis de controle cuja tendência consiste precisamente em se desinstitucionalizar” (1999, p. 64). Pois, conforme elenca Foucault os “mecanismos disciplinares, tornam-se cada vez mais sutis e, cada vez menos têm necessidade do peso de instituições voltadas para si mesmas, com um forte aparato espacial”.

Ao abordar esse processo de desinstitucionalização nos assevera Foucault (1999) que, não é por isso que acabamos com o poder disciplinar, mas pelo contrário ele se emancipa das

instituições nas quais se aninhava e que constituíam lugar de suporte ativo para a disciplina, não mais pertencendo a um lugar fechado em si mesmo que corroborava para uma defesa da sociedade, mas um lugar de estadia conectado a outras instâncias de tratamento da loucura, cuja instauração é operada pela psiquiatria do setor dos “vínculos ordinários do indivíduo, sob o ângulo do ‘tecido social’, através do habitat, das relações com o meio ambiente, do trabalho, da vida na cidade” (DODIER; RABEHARISOA, 2006, p.73).

Importante observar mesmo com uma pauta justa de desospitalização e de luta antimanicomial, de valoroso caráter humanístico, deve-se atentar para um novo governo dos loucos que implicará, obviamente, em um novo formato, “um continuum médico-social da vigilância e da terapia dos indivíduos percebidos como psicicamente frágeis: uma das consequências desta transformação foi a proliferação dos “dispositivos psi” no interior do *continuum* médico-social” (CANDIOTTO, C; PORTOCARRERO, 2013, p. 292). Não é tão difícil como parece, encontrarmos na escola, no trabalho, na família, e em quase todas as outras relações sociais a intervenção dos poderes “psi” na forma de viver do corpo social.

É justamente como observa Guillaume Le Blanc, ao declarar que a conectividade dessa nova forma de poder se fará da “família aos locais de trabalho, passando pela escola,” onde “nenhum lugar social pode subtrair-se a essa construção medica pela qual são diagnosticados, avaliados, mensurados, relativamente aos sofrimentos psíquicos [...]” (BLANC, p.183). Daí percebermos o motivo desses mesmos profissionais de saúde, que geraram um grande movimento de luta antimanicomial, não colocarem em xeque o próprio “domínio psi”, posto que eles mesmos estão vinculados no interior desta estrutura de saber-poder. Isto explica como diria Foucault: “a grande trama ininterrupta que vai da triste enfermaria ao divã lucrativo” (FOUCAULT, 1994, p. 92). Esses reformismos humanizadores no âmbito da psiquiatria que no Brasil vem ocorrendo desde o final de 1970, consideraram em sua luta a má gestão da vida da população estigmatizada caracterizada como mentalmente doente em busca de uma “boa gestão” desses mesmos indivíduos. Ou seja, sem se dar conta por estarem inseridos no interior dessa estrutura biopolítica, proporcionaram o fortalecimento de uma “boa gestão biopolítica”, corroborando para o processo de emancipação e desinstitucionalização do poder biopolítico “Psi”.

Essas, grandes reformas institucionais, tiveram como pano de fundo, uma transição das relações de poder, demonstrando tensões e reviravoltas no próprio território da atividade psiquiátrica tendo em vista proposições limitadas apenas a mudanças de textos normativos e arcabouço teórico ligadas unicamente ao campo assistencial para construção de novas

modalidades de “cuidado”, sendo que neste “novo cuidar” estabeleciam-se novos processos de exclusão e normalização de indivíduos.

Assim, enfatiza Foucault, que no final do século XVIII, não tanto impelido por um debate científico, mas em função de um controle social cada vez maior, a loucura acaba sendo ligada à doença, e em função dessa nova distinção que o médico entra, entre os séculos XVIII e XIX, no espaço da internação. Assim, a “experiência concreta da loucura se deu no mundo clássico, [...] simbolizado e fixado pelo internamento” (FOUCAULT, 2007, p. 413), assumindo a internação, no século XIX, um significado e “um valor terapêutico” - ganhando assim também “seus títulos de nobreza médica.” (FOUCAULT, 2007, p. 476). Desta forma, nossos processos de desinstitucionalização colocados como processos humanizados estão o que para o século XVIII estava as iniciativas de Pinel, pois continua a rejeitar a loucura para fora do espaço social e sujeitando-a à observação e medicalização contínuas. Pois o biopoder agora emacipado de estruturas aterrorizantes como as instituições manicomiais, apresenta-se como instrumento positivo de uma gestão de “cuidados” para maximização de uma vida saudável.

2.2 A lógica imunitária e de conservação no conteúdo de normas jurídicas fundamentais de direitos humanos: quando o desejo de ser saudável supera o desejo de ser humano.

A patologia da razão é a racionalização que encerra o real num sistema de ideias coerentes, mas parcial e unilateral, e que não sabe que uma parte do real é irracionalizável, nem que a racionalidade tem por missão dialogar com o irracionalizável.

Edgar Morin

Para dar conta desta reflexão sobre a necessidade de problematizar o discurso de “saúde mental” no interior do conteúdo normativo dos direitos humanos construído em prol de pessoas em sofrimento psíquico, se faz necessário registrar a observação nietzschiana sobre o deslocamento político que ocorre na modernidade do plano institucional para o da vida efetiva. A crítica contundente da modernidade realizada por Nietzsche em algumas de suas obras, tem como tema central a exposição do seu objetivo polêmico quando combate o discurso biopolítico da modernidade como “potência perigosa [...] que solapa a vida!” (NIETZSCHE, 2014, p. 41). Ou seja, uma política contra a vida, uma biopolítica ao avesso.

Sua crítica aos dispositivos biopolíticos da modernidade, traça as principais características encontradas em todas as categorias jurídico-políticas modernas, e em especial

no conteúdo normativo destinado a pessoas em sofrimento psíquico, pois o quadro normativo apresentado na modernidade para o território da loucura tem como único alicerce o discurso de proteção de uma “saúde pública”, e nesta missão a necessidade de imunizar contra uma “contaminação” da “doença” destruidora do corpo biológico e social, transferindo a preocupação estritamente política para a nova categoria biopolítica, preocupada com a sobrevivência da espécie humana.

Com o discurso médico-psiquiátrico de formação acadêmica organicista, foi possível incorporar à legislação do direito internacional dos direitos humanos categorias prejudiciais as pessoas em sofrimento psíquico, tendo em vista que todo o *corpus* jurídico apresentado nasce no interior de estruturas do poder-saber psiquiátrico. Talvez a universalidade no desejo desenfreado pela saúde, transformado a partir do sinônimo de unicidade da ciência, prejudique uma afirmação e ou proteção para os Direitos Humanos no território da loucura.

Nisso, o projeto da ciência moderna se torna claro e mais evidente ao recordarmos a corrente científica hegemônica do darwinismo social que toma proporções mundiais sendo absorvida pelas estruturas políticas de diversos países, na qual assistimos o fortalecimento de um de seus desdobramentos niilistas mais fortes, qual seja: a perspectiva eugênica. (MISKOLCI, 2003, p. 118).

As teorias científicas da segunda parte do século XIX gravitaram em torno da biologia, que se tornara a ciência com poder explicativo mais forte a partir da publicação, por Charles Darwin, de *A Origem das Espécies* (1859). Esse livro, curto, simples e de influência duradoura, trouxe consigo um novo padrão epistemológico, que marcou a ciência, a literatura e a política, ao menos até a Segunda Guerra Mundial. As nascentes ciências humanas inspiraram-se nele ao compreender a sociedade como um organismo em que comportamentos individuais, que fugiam à norma, caracterizariam casos de anomia, mas a influência mais decisiva das explicações biológicas e evolutivas aconteceu na corrente conhecida como darwinismo social. Esta teve seus expoentes no próprio Charles Darwin, em seu primo Francis Galton, e no sociólogo Herbert Spencer. (MISKOLCI, 2003, p. 22).

A exclusão do louco – associado sempre a doença – nos traz uma importante dimensão ligada muito mais a perspectiva eugênica de “higiene mental” do que propriamente de “saúde mental”, visto que, vislumbra-se constantemente uma violência simbólica no tratamento e “normalização” de pessoas em sofrimento psíquico através de uma “limpeza” de sistemas de crenças considerados “patológicos” ou “anormais”. Assim corrobora o pensamento do Psicanalista britânico, Darian Leader

Por mais válidas que acreditemos serem essas concepções da doença e da saúde, certamente devemos levar a sério a vida íntima e as crenças de cada pessoa e evitar

impor-lhe a nossa visão de mundo. Essa é a diferença entre a higiene mental, na qual sabemos de antemão o que é melhor para o paciente, e a psicoterapia, na qual não sabemos. É fácil perder de vista a violência que entra em jogo aqui, mas ela se faz presente toda vez que tentamos esmagar o sistema de crenças de um paciente, impondo-lhe um novo sistema de valores e políticas. (LEADER, 2013, p. 14).

Mesmo com uma diminuição humanitária do uso da força e da contenção, percebemos em sua grande maioria que a violência simbólica continua presente através da imposição de uma visão de mundo.

Essa perspectiva negativa é justamente a que encontramos enraizada no desejo desenfreado de uma saúde “perfeita”, fazendo parte da construção de um *pathos* político - destinado a “imunizar” o corpo social contra as ameaças “contagiosas” - muito potencializado pelos devaneios da corrente eugênica. Evidentemente que esta “vontade de saúde” junta-se e entrelaça-se a essa evidência negativa posta por Nietzsche (2014) trazendo à tona um conteúdo normativo dominante no interior do território dos direitos humanos e intrínseco a biopolítica contemporânea, posto reserva-se tal conteúdo, apenas para uma preocupação voltada à atenção custodial ou ambulatorial dissolvendo desta forma direitos e potencialidades expressivas na única preocupação vinculada a eliminação da “doença”. Vejamos alguns exemplos em Convenções Internacionais de Direitos Humanos.

O Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (PIDESC, 1966)²⁷, contem em seu art. 12, um importante imperativo sobre essa vontade de saúde como valor prioritário e universal:

ARTIGO 12

1. Os Estados Partes do presente Pacto reconhecem o direito de toda pessoa desfrutar o mais elevado nível possível de saúde física e mental.

Esse desejo de promover e conservar “o mais elevado nível possível de saúde física e mental”, deixa evidente o imperativo sempre presente no desejo contemporâneo de busca pela a mais perfeita saúde. Constrói-se assim, não uma preocupação humanizada em uma vida apenas saudável, mas com um objetivo de atingir a mais perfeita saúde que acaba por afirmar aquilo que se insiste em pôr como doença para depois excluí-la do corpo – físico e social. É imprescindível compreendermos o que nos coloca Nietzsche (2001) ao abordar a questão da doença e sua relação com o que denomina de “vontade de saúde”:

Permaneceria aberta a grande questão de saber se podemos prescindir da doença, até para o desenvolvimento de nossa virtude, e se a nossa avidez de conhecimento e

²⁷ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d0591.htm, acessado em 23/01/2020.

autoconhecimento não necessitaria tanto da alma doente quando da sã; em suma, se a exclusiva vontade de saúde não seria um preconceito, uma covardia e talvez um quê de refinado barbarismo e retrocesso. (NIETZSCHE, 2001, p. 312).

Essa crítica nietzschiana em quereremos atingir um ideal universal de “saúde” é posta ao observarmos que a “grande saúde”, como coloca o autor, “[...] não somente se tem, mas que também constantemente se conquista ainda, e se tem de conquistar, porque sempre se abre mão dela outra vez, e se tem de abrir mão!” (NIETZSCHE, 2001, p. 307).

Nesse sentido, ao observar um dos princípios idealizados por Franco Basaglia no processo italiano de desinstitucionalização manicomial, Paulo Amarante (1996) destaca em seu estudo o princípio *duplo da doença mental*, demonstrando de forma pontual que tudo o “que se constrói em termos institucionais em torno do internado: é a face institucional da doença mental, construída tomando-se por base a negação da subjetividade do louco, da negação das identidades, a partir da objetivação externa da pessoa como objeto do saber”. (AMARANTE, 1996, p. 81). Por isso, segundo Franco Basaglia, “[...] se quisermos enfrentar cientificamente o problema do doente mental será preciso, em primeiro lugar, pôr ‘entre parênteses’ a doença e o modo pelo qual ela foi classificada, para considerar o doente em modalidades humanas – justamente enquanto tais nos pareçam abordáveis” (BASAGLIA, 2005, p. 36).

A Declaração Universal de Direitos Humanos - adotada pelas Nações Unidas em 1948 – estabelece logo em seu Artigo 1º que todas as pessoas são livres e iguais em direitos e dignidade.²⁸ Desta forma, também os indivíduos em sofrimento psíquico desfrutam de garantias e direitos fundamentais. Porém, ao analisarmos o conteúdo normativo do Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos (PIDCP, 1966), encontramos em alguns de seus artigos limitações a direitos fundamentais em nome da proteção de uma “saúde pública”, podendo acarretar graves violações aos indivíduos em sofrimento psíquico.

É possível vislumbrar que em seu art. 12, o qual trata sobre o direito de circular livremente, que tal direito fundamental poderá sofrer limitações no intuito de “proteger” uma “saúde pública”. Já no art. 18, cujo conteúdo refere-se a liberdade de pensamento, de consciência e de religião, tais liberdades sofrerão limitações com a mesma justificativa de proteção da “saúde pública.” Assim se repete no art. 19, que trata da liberdade de expressão; art. 21 com conteúdo sobre o direito de reunião pacífica e art.22 sobre o direito de associar-se livremente e construir sindicatos. Todos trazem em seu conteúdo limitações aos direitos

²⁸ “Artigo I -Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.” ACESSADO EM: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf> - Declaração Universal dos Direitos Humanos

fundamentais acima citados no intuito de “proteger a saúde ou a moral pública”. É por essa “proteção à saúde pública” que direitos de pessoas em sofrimento psíquico são subjugados.

Assim nos confessa Maura Lopes Cançado em sua obra *Hospício é Deus* (2015), quando se expressa sobre o “direito de ser louco” numa denúncia ao tratamento diferenciado entre outros tipos de doentes e o “louco”.

Dona Dalmatie falou-me: — Não dão ao louco nem o direito de ser louco. Por que ninguém castiga o tuberculoso, quando é vítima de uma hemoptise e vomita sangue? Por que os “castigos” aplicados ao doente mental quando ele se mostra sem razão? Compreendi: o absurdo disto. É monstruoso. Os médicos são de uma incoerência escandalosa; por mais que queiram negar, estão de acordo com os “castigos”, aprovam-nos ou mandam até mesmo aplicá-los. (CANÇADO, 2015, p. 110).

Essa proteção biopolítica com base no desejo de um “alto nível de saúde” transforma-se em seu avesso tornando para pessoa em sofrimento psíquico uma experiência que a coloca por inteiro fora desse corpo social e conseqüentemente pondo em exceção todas as suas garantias fundamentais. Um trecho dessa experiência nos conta Lima Barreto em seu *Diário do Hospício* (2017):

[...] quisesse experimentar em mim um processo novo de curar alcoolismo em que empregasse uma operação melindrosa e perigosa. Pela primeira vez, fundamentalmente, eu senti a desgraça e o desgraçado. Tinha perdido toda a proteção social, todo o direito sobre o meu próprio corpo, era assim como um cadáver de anfiteatro de anatomia. (BARRETO, 2017, p. 34)

Precisamos compreender o perigo alertado por Nietzsche (2001) e utilizado largamente por estruturas eugenistas do mundo moderno para compreendermos a relação da saúde, ou de suas práticas exacerbadas, que renova constantemente suas normas em detrimento de uma cultura de e para os Direitos Humanos. Pois nos alerta o autor que “Na verdade, a doença pode ser saúde interior e vice-versa. A saúde é coisa pessoal; é aquilo que pode ser útil a um homem ou a uma tarefa, ainda que para outros signifique doença ... Não fui um doente nem mesmo por ocasião da maior enfermidade”. (NIETZSCHE, 2001, p. 307).

Verificamos também, a mesma construção biopolítica em instrumentos regionais de direitos humanos na África, na Europa e na América.

Na Carta Africana (Banjul) dos Direitos Humanos e dos Povos (1981), encontramos igualmente em seus art. 11º, art. 12º e art. 16º, o mesmo desejo de atingir um estado máximo de saúde mental, bem como, exceções a liberdades fundamentais a favor de uma “proteção” à saúde pública:

Artigo 11º

Toda pessoa tem direito de se reunir livremente com outras pessoas. Este direito exerce-se sob a única reserva das restrições necessárias estabelecidas pelas leis e regulamentos, nomeadamente no interesse da segurança nacional, da segurança de outrem, da saúde, da moral ou dos direitos e liberdades das pessoas.

[...]

Artigo 12º

1. Toda pessoa tem o direito de circular livremente e de escolher a sua residência no interior de um Estado, sob reserva de se conformar às regras prescritas na lei.
2. Toda pessoa tem o direito de sair de qualquer país, incluindo o seu, e de regressar ao seu país. Este direito só pode ser objeto de restrições previstas na lei, necessárias à proteção da segurança nacional, da ordem, da **saúde** ou da moralidade públicas.

[...]

Artigo 16º

1. Toda pessoa tem direito ao gozo do melhor estado de saúde física e mental que for capaz de atingir.
2. Os Estados Partes na presente Carta comprometem-se a tomar as medidas necessárias para proteger a saúde das suas populações e para assegurar-lhes assistência médica em caso de doença.²⁹

Contudo, uma segunda categoria é encontrada na Carta Africana, elencada como “saúde moral”. Vejamos:

Artigo 18º

1. A família é o elemento natural e a base da sociedade. Ela tem que ser protegida pelo Estado, que deve zelar pela sua saúde física e moral.

Artigo 29º

O indivíduo tem ainda o dever:

[...]

7. De zelar, nas suas relações com a sociedade, pela preservação e reforço dos valores culturais africanos positivos, em um espírito de tolerância, de diálogo e de concertação e, de uma maneira geral, de contribuir para a promoção da saúde moral da sociedade.

Trata-se justamente, do que Foucault nos esclarece com relação aos poderes “científicos” que aplicados no século XIX no interior do espaço asilar pelo médico, se apresentam como “poderes que, por natureza, são de ordem moral e social”. O instrumento declara e afirma o desejo de uma “saúde moral” pois, a função médica requisitada para a preservação desta “saúde moral” se torna “garantia jurídica e moral” e não atua “sob o título de ciência”, visto que, o “trabalho do médico é apenas parte de uma imensa tarefa moral que deve ser realizada no asilo”. (FOUCAULT, 2007, pp. 624-625).

É nesse contexto político-normativo, que as primeiras legislações de saúde mental nascem com o objetivo de proteger a sociedade de pacientes tidos como “perigosos”, isolando-os do corpo social. Como diria Foucault:

²⁹ Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/africa/banjul.htm>, acessado em 28/01/2020.

“Se a psiquiatria - bem como mais à frente, a psicanálise e a psicologia - não escapam de maneira alguma desse “aprisionamento moral”, pois adotam, no processo científico de “cura” uma estrutura de tipo moral reproduzindo todos os valores e critérios da sociedade em que vivem (FOUCAULT, 2007, p. 624).

Na Região Europeia, a *Convenção Europeia para a Proteção dos Direitos Humanos e Liberdades Fundamentais* (1950)³⁰, traça em seu corpo normativo, direitos e liberdades fundamentais tais como: a) respeito pela vida privada e familiar (art. 8º); b) liberdade de pensamento, de consciência e de religião (art. 9º); c) liberdade de expressão (art. 10º); d) liberdade de reunião e de associação (art. 11º); Em seu Protocolo n.º 4, art. 2º acrescenta-se a liberdade de circulação. Contudo, estabelece como exceção ao exercício desses direitos e liberdade, a defesa da “*segurança pública, à proteção da ordem, da saúde e moral públicas*”. Ou seja, a proteção de uma “saúde” habilita quando necessário uma relativização de direitos e liberdades fundamentais.

Outro instrumento de grande importância para os Direitos Humanos na região europeia é a *Carta Social Europeia* revista (1996), que em particular no seu Artigo 11, desenha garantias aos indivíduos com relação a sua independência, integração e participação da vida em sociedade. Porém, traz um imperativo dentro do desejo de proteção à saúde que é importante analisarmos.

Artigo 11.º

Direito à protecção da saúde

Com vista a assegurar o exercício efectivo do direito à protecção da saúde, as Partes comprometem-se a tomar, quer directamente, quer em cooperação com as organizações públicas e privadas, medidas apropriadas tendentes, nomeadamente:

1) A eliminar, na medida do possível, as causas de uma saúde deficiente;

O imperativo elencado nesta normativa, apresenta duas categorias biopolíticas da lógica imunitária em desfavor das pessoas em sofrimento psíquico. O desejo de “eliminar” causas de uma saúde identificada como “deficiente”.

É evidente afirmar que o cerne desta “eliminação” como elemento de discursos jurídicos no âmbito de Convenções Internacionais de Direitos Humanos está intimamente ligado à reflexão do fenômeno de “higienização”, deflagrado no processo de teorias da evolução científica de “saúde mental” em exclusão a “doença mental” e a partir destes o controle biopolítico ao avesso exercido pelas práticas desenfreadas de “cura”.

³⁰ Disponível em: https://www.echr.coe.int/Documents/Convention_POR.pdf, acesso em

Tal contexto fornece causas de uma despersonalização civil e humana para pessoas em sofrimento psíquico, eliminando de forma tão negativa as experiências particulares de se expressarem e viverem, e conseqüentemente, elimina-se expressões da vida humana, pois tratam-se da diversidade humana que se faz tão presente e até mesmo requalifica toda uma humanidade.

É preciso entender que a condição/categoria da loucura é utilizada muitas vezes como último recurso de exclusão de grupos vulneráveis quando não excluídos na condição/categoria que se apresentam de negros, pobres, mulheres, etc. Ou seja, suas expressões são rebaixadas ao patamar patológico necessitando serem eliminadas. Nos deparamos, como bem coloca Allen Frances, com “o mau uso da psiquiatria a serviço dos senhores da lei ou da política [...]” (FRANCES, 2016, p.42). A serviço de uma biopolítica desumana.

Observamos assim, uma forma de proteção jurídica de pessoas em sofrimento psíquico, que coloca a doença em primeiro plano, exigindo sempre uma condição *sine qua non*, qual seja, a condição de permanecerem doentes. Tendo em vista, que os instrumentos jurídico-normativos internacionais e locais de proteção a estes indivíduos utilizam unicamente categorias médico-científicas em busca de uma “saúde” unificada que elimine as raízes da “doença” diversificada. Assim, transita contra a corrente dos direitos humanos uma classificação dominadora com uma única estratégia de “higienização” científica, política, social e cultural da pessoa humana.

Da mesma forma dos conteúdos normativos anteriormente apresentados, também em instrumentos de direitos humanos da Região das Américas, observamos uma exceção aos direitos e liberdades fundamentais em detrimento a “segurança” da saúde pública.

A Convenção Americana sobre Direitos Humanos (1978), ao abranger uma série de direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais, nos remete aos mesmos padrões políticos-normativos estabelecidos nos instrumentos europeus e africanos, trazendo em seus artigos a expressão em defesa da “segurança pública, à proteção da ordem, da saúde e moral públicas”. Com toda certeza as normas regionais posteriores devem ter recebido esta influência europeia do conteúdo normativo do PIDCP.

Contudo, ao analisarmos a Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem (1948), esta nos chamou atenção por não conter em todo o seu conteúdo maior preocupação com o desejo de uma saúde em potencial, demonstrando-nos que o Sistema Interamericano de Direitos Humanos tem uma outra tradição político-normativa. O único dispositivo a mencionar o termo “saúde” é o seu Artigo XI, tratando apenas de um “direito a preservação da saúde e ao bem-estar” sem trazer exceções aos direitos e liberdades fundamentais, nem categorias ligadas a “eliminação” de “deficiências”.

Direito à preservação da saúde e ao bem-estar.

Artigo XI. Toda pessoa tem direito a que sua saúde seja resguardada por medidas sanitárias e sociais relativas à alimentação, roupas, habitação e cuidados médicos correspondentes ao nível permitido pelos recursos públicos e os da coletividade.

A maioria dos outros instrumentos internacionais que são aplicados a pessoas em sofrimento psíquico, sempre abordam a categoria de “deficiência” em seu conteúdo. É o caso da Convenção Interamericana sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra Pessoas com Deficiências (1999), primeira convenção internacional que aborda a matéria destinada a pessoas com “deficiência mental”. E a Convenção sobre os Direitos da Criança, de 1989, reconhecendo em seu artigo 23 que “crianças com deficiências mentais ou físicas têm o direito de gozar de uma vida plena e decente em condições que garantam a dignidade, promovam a autodeterminação e facilitem a participação ativa da criança na comunidade.”³¹

Nesse sentido, o rótulo de incapacidade gerado por essa perspectiva de “deficiência” tem gerado inúmeras violações para à vida de pessoas em sofrimento psíquico, como se lhes faltassem sempre algo para sua integração ao corpo social. Assim nos apontam Ximenes e Raad (2011):

O diagnóstico é elaborado na perspectiva do que falta, ou seja, de algo que o profissional precisa enxergar além de sua visão. A avaliação é realizada em consonância com um padrão de comportamento esperado para as etapas da vida, organizadas previamente. O diagnóstico é elaborado na perspectiva do que falta [...] Muitas vezes o avaliador desconsidera as possibilidades de diferentes interpretações das informações coletadas, desprivilegiando as razões e os porquês do não respondido ou do não realizado, desacreditando no dever do desenvolvimento humano. (XIMENES, P.; RAAD. I. L. F., 2011, p.110).

Nessa direção, Esposito (2010), nos coloca a filosofia de Nietzsche não apenas se limitando a teorização foucaultiana sobre a biopolítica, mas enriquecendo-a a partir do momento que a reflete sobre o viés do paradigma imunitário³² que considera Esposito (2010) ser a “marca peculiar da ‘biofilosofia’ nietzschiana”, destacando o caráter negativo que, ao

³¹ Interessante apontarmos que, no recente Relatório de Inspeção Nacional de Hospitais Psiquiátricos do Brasil, divulgado em dezembro de 2019, declara o Ministério Público do Trabalho que “nenhuma unidade preencheu exigências de tratados internacionais dos quais o Brasil é signatário, tampouco de leis brasileiras. Na Paraíba, foram inspecionados o Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira e o Instituto de Psiquiatria, ambos com sede em João Pessoa. Este último foi fechado em abril deste ano.” (Ver BRASIL. Conselho Federal de Psicologia, Conselhos Regionais de Psicologia e Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas. Relatório de inspeções: 2018. 1ª ed. Brasília: CFP, 2019.)

³² Com o intuito de apresentar uma resolução sobre o enigma da biopolítica e assim refletir o contexto da modernidade, Roberto Esposito apresenta o conceito de “paradigma imunitário” que “semelhante à dinâmica do sistema imunológico de um organismo, a imunização política é uma proteção negativa da vida” (ESPOSITO, 2010, p. 24).

contrário da positividade filosófica hobbesiana sobre a necessidade comunitária de um pacto “imunitário”, Esposito (2010) assinala a postura crítica assumida no texto nietzschiano sobre a questão da imunização quando comenta que

Há forças que criam e que destroem; forças que acrescentam e outras que diminuem; forças que estimulam e outras que debilitam. Mas a característica peculiar da lógica nietzschiana é que a distinção mais significativa entre elas não passa pelo seu efeito – construtivo ou destrutivo - mas sim por uma discriminação mais profunda, relativa ao carácter mais ou menos originário das mesmas forças. É com este aspecto que a questão da imunização tem a ver - não só o relevo objetivo que vem a assumir, mas também a conotação explicitamente negativa que Nietzsche lhe atribui, em explícita contradição daquela, pelo contrário positiva, que lhe confere a filosofia política moderna de matriz hobbesiana. (ESPOSITO, 2010, p. 128).

Desta forma, a inovação da apropriação do pensamento nietzschiano realizado aqui por Esposito (2010) traz a centralidade desse pensamento no desenvolvimento do léxico imunitário ficando evidente por não ser somente aquele que “leva o léxico imunitário à sua plena maturação,” mas por também ser “o primeiro a pôr em evidência o seu poder negativo, à deriva niilista que o impele numa direção autodissolvente”. (ESPOSITO, 2010, p. 72).

A força do poder biopolítico sobe a perspectiva eugênica do paradigma imunitário constrói uma dominação político-normativa no plano internacional e local dos direitos humanos que direciona o campo legislativo de saúde mental para violações de direitos e liberdades de pessoas em sofrimento psíquico.

Ora “a conservação não é só considerada secundária e derivada em relação à vontade de poder, mas em latente contradição com ela.” Isso ocorre justamente “porque o potenciamento do organismo vital não suporta limites, fronteiras, margens de contenção - tende, pelo contrário, continuamente, a superá-los, ultrapassá-los, transgredi-los”. Segundo Esposito “[...] Passa como um redemoinho, ou uma chama, desfazendo e queimando qualquer barreira defensiva, qualquer parede, qualquer margem de definição” (ESPOSITO, 2010, p. 129). Não é este o papel anestésico, ou profilático, das estruturas do saber médico, aplicado da mesma maneira às formas do poder psiquiátrico? É desta forma que em Nietzsche inicia-se uma forte “martelada” na desconstrução da máquina moderna hiper imunitária descrita por ele, com o intuito de combater os resultados desumanos da imunização moderna.

É preciso bastante atenção ao ponto em que chegamos para, a partir da reflexão nietzschiana na obra de Esposito (2010), entendermos neste estudo, qual a relação entre o exercício do biopoder imunitário de cunho niilista e sua concepção antagônica entre saúde e doença - encontrado em instrumentos fundamentais de direitos humanos – e a relação entre

ambas. Esposito (2010, p. 120) esclarece que esta relação se estabelece como uma “barreira que as separa sob a forma, metafisicamente pressuposta, da distinção absoluta entre bem e mal.” E por isto encontramos a categoria de “eliminação” relacionada a este “mal” que seria a “doença”.

Em muitos países, verifica-se disparidades conceituais tendo por estrutura comum essa concepção de “má saúde” manifestada através de um modelo universalizado político-normativo no campo de saúde mental, refletindo diretamente em diversos fatores políticos, sociais, culturais e econômicos e criando graves violações de direitos humanos. É possível verificarmos claramente no quadro comparativo de definições contidas nas legislações de diversos países, elaborado numa cartilha proposta pela Organização Mundial de Saúde – OMS, cujo título unifica/universaliza essas disparidades conceituais como “má saúde mental”.

Tabela 1– Comparação de má saúde mental

<Termo	Enfermidade Mental	Transtorno Mental	Deficiência Mental	Incapacidade Mental	Insanidade Mental
1. Escopo	Muito estreito	Estreito	Amplio	Extremamente estreito	Variável, mas com tendência a ser amplo
2. Vantagens	<ul style="list-style-type: none"> Bem definido Em uso comum e por isso compreendido por todos os interessados (embora ocasionalmente com significados diferentes) 	<ul style="list-style-type: none"> Compatível com os sistemas de classificação médica Fácil de operacionalizar 	<ul style="list-style-type: none"> Escopo amplo do termo, útil para proteção positiva de direitos por garantir que todas as pessoas com a deficiência, seja qual for a gravidade, sejam incluídas Mais próximo da percepção dos consumidores acerca dos efeitos dos problemas de saúde mental sobre suas vidas 	<ul style="list-style-type: none"> Definido e entendido de modo similar pelas disciplinas médicas e legais Não identifica transtorno/enfermidade mental com incompetência Foco estreito, garante maior proteção a pacientes quando os direitos estão sendo retirados pela exclusão de todos que não aqueles com o transtorno/enfermidade mental mais grave 	<ul style="list-style-type: none"> Fluidez da definição pode ser alguma vantagem quando interpretado nos melhores interesses da pessoa
3. Desvantagens	<ul style="list-style-type: none"> Reforça o “modelo médico” 	<ul style="list-style-type: none"> Inclui uma série de condições, desde a mais benigna até a extremamente grave; isto pode ser uma limitação em situações em que o objetivo é restringir a aplicação apenas às condições de saúde mental mais graves Inclui uma série de condições, algumas das quais podem não ser o foco da legislação de saúde mental, como, por exemplo, retardamento mental 	<ul style="list-style-type: none"> Não bem definido Escopo amplo do termo implica que muitas pessoas possam ser incluídas dentro do escopo da admissão e tratamento involuntários 	<ul style="list-style-type: none"> Escopo estreito do termo limita sua utilidade para promoção positiva de direitos de pessoas com transtornos mentais 	<ul style="list-style-type: none"> Um conceito legal, não equivalente a categorias médicas específicas Risco de abuso Tende a prejudicar o diálogo entre as disciplinas médicas e legais

Fonte: Organização Mundial de Saúde

Em tempos tão confusos, não faltam ocasiões para observarmos a extensão da ofensa aos direitos humanos a partir dessas categorias acima elencadas nesta tabela da OMS, advindas de um super desejo à saúde ideal – nossa e a do outro. A ordem legal válida coloca esta “segurança imunitária” acima de direitos e liberdades fundamentais com grande tolerância do uso de medidas patrocinadas pelos poderes “psi”.

Importante destacar as devidas proporções elencadas pela “biofilosofia” nietzschiana, a que não se trata de uma apologia à doença, como do mesmo modo não se trata de uma apologia a irracionalidade. É preciso entender que a vida humana necessita desse jogo de forças, desse conflito, e não de um reino de “paz” onde todos sejam imunes, até mesmo imunes uns aos

outros. O resultado é que segundo Esposito (2010, p. 132), “para evitar um mal potencial, produz um mal atual. Substitui um excesso por um defeito, um cheio por um vazio, um mais por um menos.” A grande polêmica de Nietzsche, segundo Esposito (2010, p. 122), se resume no pressuposto de que se esta constante batalha “no interior do corpo singular é por si só infinita” e desta forma se estes corpos não conseguem “subtrair-se ao princípio da luta porque a luta é a própria forma da vida, como poderá alguma vez realizar-se aquela ordem que condiciona a sobrevivência dos súbditos à neutralização do conflito?” E acrescentaríamos, como poderia realizar-se aquela saúde mental perfeita, o comportamento social ideal?³³

Neste ponto, é importante ressaltar a relação de forças potentes da vida que se estabelece no território da loucura, e que por isto geram uma forte ameaça ao projeto político moderno, necessitando para tanto que entrem em ação os procedimentos biopolíticos virados ao avesso através de legislações que acabam afirmando uma política contrária a vida.

Nisto reside a nossa grande preocupação ao demonstrar a dominação político-médico-normativa do território da loucura que tem por base a ideia de conservação da vida mediante a abolição do conflito, do sofrimento, da diversidade que é parte constitutiva dela própria, pois como nos assevera Nietzsche (2012, p. 217), “querer preservar a si mesmo é a expressão de um estado indigente, de uma limitação do verdadeiro instinto fundamental da vida, que tende à expansão do poder e, assim querendo, muitas vezes questiona e sacrifica a auto conservação”.

A partir dessa crítica as estruturas básicas do cenário político-médico-normativo construído no interior dos direitos humanos em desfavor da vida, conseguimos ofuscar o clarão que nos impedia de enxergar as pequenas luzes das experiências trágicas da loucura. Trata-se agora de não apenas utilizarmos somente a lógica do sistema médico-psiquiátrico para enxergar essas existências, mas, apresentarmos um outro modo de afirmar essas vidas apagadas e silenciadas por esse domínio unificado de discurso *apolíneo*. Contudo, onde estariam esses lampejos de vida? Não nos surpreendamos, que os locais onde iremos encontrá-los ainda sejam os “palácios da saúde”, pois, quase nada mudou no interesse do clarão límpido que insiste na tentativa biopolítica de “higienizá-los”. Decerto, não é mais possível escondê-los, pois, ao menor interesse de irmos ao encontro deles, percebemos que mesmo na escuridão dos locais

³³ É com base nessas primeiras considerações que Esposito torna evidente em seu estudo que “Nietzsche, embora sem o formular nos mesmos termos, antecipou todo o percurso biopolítico depois definido, e autonomamente desenvolvido, por Foucault: da centralidade do corpo, como gênese e término das dinâmicas sócio-políticas, ao papel fundador da luta, e também da guerra, na configuração dos ordenamentos jurídico-institucionais, até à função de resistência como contraponto necessário ao desenvolvimento do poder, pode dizer-se que todas as categorias foucaultianas estão presentes em embrião na linguagem conceitual de Nietzsche.” (ESPOSITO, 2010, p. 127).

em que vivem, são capazes de emitir incessantes lampejos biopotentes que apresentam um outro caminho – de aparência sublime - apagado pela razão. É justamente isso que buscamos agora apresentar no capítulo seguinte. Através da narrativa das expressões artísticas da loucura, que pulsa em constante expansão de vida, traremos, por meio de imagens audiovisuais gravadas no interior do Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira em João Pessoa-PB, uma importante alternativa de afirmação dessas existências excluídas, sem pretender grandes teorias, mas apenas, uma tentativa de fazermos chegar bem próximo ao que essas experiências trágicas nos contam.

3. CONTRAGRITO: A BIOPOTÊNCIA POLÍTICA E POÉTICA DOS VAGA-LUMES DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO COLÔNIA JULIANO MOREIRA

Devemos, portanto, - em recuo do reino e da glória, na brecha aberta entre o passado e o futuro - nos tornar vaga-lumes e, dessa forma, formar novamente uma comunidade do desejo, uma comunidade de lampejos emitidos, de danças *apesar de tudo*, de pensamentos a transmitir. Dizer sim na noite atravessada de lampejos e não se contentar em descrever o não da luz que nos ofusca.

Didi-Huberman

Ao longo do processo histórico global, observamos algumas leituras apocalípticas³⁴ do território da loucura através de imagens e expressões aterrorizantes, propagadas por muitos estudiosos que ao denunciarem as condições desumanas vivenciadas por pessoas consideradas “loucas”, principalmente estudos que por mais lúcidos, humanísticos e “luminosos” que sejam, no intuito de encontrar “soluções” para acabar com o horror desumano praticado no interior da estrutura institucional dos manicômios, propagavam indiretamente uma cultural visual do “território do horror”. Desta forma, estes estudos ao fortalecerem o cenário apocalíptico do “Poder Manicomial” auxiliaram a ofuscar justamente os indivíduos que sobreviviam e sobrevivem ou se reinventam, com sua discreta luminosidade.

É desta perspectiva que o pensador francês Didi-Huberman³⁵ em sua obra *Sobrevivência dos Vaga-Lumes*,³⁶ nos propõe uma oposição a essa luz “maior”, apocalíptica, que constrói um projeto de destruição total, dessas pequenas luzes, frágeis. Essas *lucioles* – os vaga-lumes tão caros ao pensamento de Didi-Huberman – que, “fatalmente provisórias, empíricas, intermitentes, frágeis, díspares, passeantes como os vaga-lumes” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 85), necessitam ser encontradas, nos interstícios do clarão apocalíptico, para “dar-se os meios de ‘ver aparecerem’ [...] no espaço de superexposição, feroz, demasiado luminosa, de nossa história presente”. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 71).

Assim, parece-nos pertinente e providencial o caminho aberto pelo pensamento de Didi-Huberman para então acessarmos essa via e, nós também, irmos em busca dos tantos vaga-

³⁴ O termo utilizado refere-se ao pensamento desenvolvido por Didi-Huberman em *Sobrevivência dos Vaga-Lumes* (*Survivance des lucioles*) onde no terceiro capítulo, intitulado “Apocalipses?”, o autor estabelece um diálogo com Pier Paolo Pasolini e Giorgio Agamben, os quais identificam uma “visão apocalíptica” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 78).

³⁵ Georges Didi-Huberman é Filósofo, Historiador de Arte e Professor da Escola de Altos Estudos de Ciências Sociais de Paris na França.

³⁶ Título original: *Survivance des lucioles*. 2009, Éditions de Minuit. Paris.

lumes que parecem permear o território de manicômios e hospitais psiquiátricos, em particular, neste Capítulo, as *lucioles* do Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira, localizado na cidade de João Pessoa-PB.³⁷ Observemos, “essas ‘pequenas’ sobrevivências das quais fazemos a experiência, aqui e lá, em nosso caminho pela *selva oscura*, como outros tantos lampejos em que a esperança e memória se enviam mutuamente seus sinais.” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 79).

Para tanto, analisamos neste Capítulo dois tipos de materiais empíricos no formato de audiovisual: o documentário *Humano, demasiado humano*, de autoria do Prof. Dr. Carlos Alberto Farias de Azevêdo Filho, o qual foi gravado no HPCMJ no ano de 1990; e registros pessoais das atividades promovidas pelo Arteterapeuta João Paulo Macedo no interior do HPCJM no ano de 2015.

A história contada no documentário “Humano, demasiado humano”, transforma em memória as experiências vivenciadas no HPCJM, apresentando todo um cenário vivenciado por pessoas em sofrimento psíquico internadas naquela instituição. De roteiro e direção do Jornalista e Prof. Dr. Carlos Alberto Farias de Azevêdo Filho, o documentário que apesar de iniciar num mesmo percurso de outras gravações feitas no interior de hospitais psiquiátricos, buscando uma narrativa-denúncia do “horror” do território manicomial destinado a loucura, apresenta no desenvolver das cenas uma outra experiência do contato com esse território.

Logo de início, o roteirista escolhe uma trilha sonora digna de filme de terror, associada a imagem de pinturas como *A Extração da Pedra da Loucura*, do pintor Hieronymus Bosch, muito utilizada por diversos pensadores para falar da loucura. As cenas são gravadas sempre captando em som ambiente as diversas situações ordinárias realizadas no interior do hospital, sempre tendo como protagonistas os pacientes. Os profissionais apenas aparecem em segundo plano quando é registrada a celebração de fim de ano. Apesar de seu conteúdo inicial ser inspirado numa cultura visual da loucura propagada no imaginário social, a maioria dos discursos proferidos pelos próprios pacientes, tornam o documentário não uma estética “monstruosa” mas, fiel ao proposto no título, humaniza as situações cotidianas vividas pelas personagens, mesmo aquelas que denunciam violações relacionadas a privação de liberdade e condições de alimentação.

É indicada uma protagonista do gênero feminino a quem nomeamos de Joana, que na narrativa é colocada como a condutora que apresenta a sua condição interligando a todas as outras relações com as outras personagens e com o ambiente em que vive.

³⁷ Cenário já descrito na Introdução deste trabalho.

A arte, em especial a música do próprio ambiente e algumas vezes os cantos proferidos pelas personagens, é uma expressão bastante presente no documentário, retratando como pano de fundo as experiências não hospitalares, não médicas, mas as demasiadamente humanas.

Trata-se perfeitamente de um documentário de saber trágico, que soube utilizar a arte visual como instrumento para, neutralizando o domínio do poder psiquiátrico, proporcionar afirmativamente as expressões humanas da loucura.

A metodologia utilizada para análise, teve como base o método de Análise de Imagens em Movimento descrito por Diana Rose (2008), cuja forma de aplicação da metodologia se divide em quatro etapas: a) seleção; b) transcrição; c) codificação e d) tabulação.

Seguindo por este percurso metodológico definido pela autora, realizamos a seleção das cenas em conformidade com o objetivo do presente trabalho e que pudessem dialogar com o referencial teórico desenvolvido, tendo posteriormente, realizado a transcrição do material através da técnica de decupagem gerando assim o conjunto de dados que foram utilizados na análise. Acreditando que tanto o referencial teórico proposto, quanto os objetivos apresentados neste trabalho corroboram para um enfoque de cunho qualitativo, e por isto, descartamos estas duas últimas etapas por não guardar afinidade e relevância frente ao problema de pesquisa apresentado.

Neste cenário metodológico, apresentamos no presente capítulo, 09 (nove) tabelas, contendo em cada uma a descrição do aspecto visual e a transcrição verbal – separada por colunas – das cenas selecionadas a partir dos materiais audiovisuais já descritos acima, sendo analisados em profundo diálogo com as abordagens teóricas desenvolvidas ao longo deste capítulo.

As imagens das cenas selecionadas foram levemente reeditadas em sua forma visual no programa *PicsArt*³⁸, sendo apresentadas ao longo do trabalho em figuras com uma forma de pintura artística, conservando o original nos Apêndices (F, G, H e I) através da técnica de decupagem. Além de enriquecer a discussão e contribuir para uma cultura visual da loucura de forma afirmativa, contribuiu para as questões éticas na preservação das identidades das pessoas filmadas.

Com relação a identificação pessoal dos indivíduos quando da utilização de seus discursos, utilizamos como procedimento ético para resguardar suas identidades, nomes das personagens da peça teatral brasileira *Gota D'Água – Uma Tragédia Brasileira*, de autoria de Chico Buarque e do ilustre dramaturgo paraibano Paulo Pontes. Nesta obra os autores se reúnem

³⁸ Programa licenciado para edição de imagens.

para revitalizar o texto clássico de Eurípedes, adaptando para a realidade do subúrbio carioca. Desta forma, utilizamos os seguintes nomes *Joana, Jasão, Corina, Zaíra,, Estela, Galego*.³⁹

2.1 Via *Pulchritudinis Punctum*⁴⁰: um pequeno relato sobre a experiência de campo

[...] para conhecer os vaga-lumes é preciso observá-los no presente de sua sobrevivência: é preciso vê-los dançar vivos no meio da noite ainda que essa noite seja varrida por alguns ferozes projetores.

Didi-Huberman

Foi desafiante, de início, imaginar esse contato físico com o HPCJM no qual iria se concretizar o trabalho de campo. Todo o entusiasmo gerado pelo aprofundamento teórico, nos induziu a um imaginário coletivo da loucura “violenta”, “criminosa”, “monstruosa” e de que aquele local seria praticamente uma “casa dos horrores”. Uma loucura que justificaria ser banida, trancafiada e esquecida. Nunca autorizada sua liberdade. A imagem sempre compartilhada na memória da sociedade atual.

Contudo, apoiado nesse compromisso de campo – e sobretudo ao recordar um pensamento de Jung (2016, p. 69) alertando que “antes de construirmos teorias gerais a respeito do homem e sua psique, deveríamos aprender muito mais sobre o ser humano com quem vamos lidar.” –, percebi a importância crucial de “pular” aquele extenso muro em sentido inverso, de fora para dentro, do exterior para o interior, e iniciar em abril de 2018, esta aventura no território destinado para a loucura.

Ao apresentar-me a Coordenadora do Núcleo de Ações Estratégicas, Ana Karina, e relatar a temática proposta para a pesquisa, a mesma me informou sobre as atividades artísticas que ocorriam no Hospital e me encaminhou ao Artista João Paulo Macedo⁴¹ que seria o responsável para acompanhar as minhas atividades no lugar chamado *Ateliê Espaço Luz*. Tais atividades aconteceriam numa frequência semanal - todas as sextas e sábados pela manhã -, com pelo menos 2 (dois) meses de inserção no campo de estudo. (Diário de Campo, 12/04/2018).

³⁹ BUARQUE, Chico; PONTES, Paulo. *Gota d’água*. Inspirado em concepção de Oduvaldo Vianna Filho. 46ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

⁴⁰ “O Caminho da Beleza e da Dor” – tradução livre nossa, inspirada em um documento da *Assembléia Plenária do Pontifício Conselho da Cultura da Igreja Católica* usado neste subtítulo, como referência ao caminho que foi traçado pela pesquisa nos espaços de beleza artística e sofrimento psíquico do CPJM.

⁴¹ João Paulo Macedo é um dos profissionais do quadro funcional do CPJM responsável pela Arteterapia.

Após reunião de ajuste com todas as orientações sobre os procedimentos da pesquisa, a Coordenadora Ana Karina dirigiu-me a seguinte frase: “ah! aqui você vai encontrar muitas coisas trágicas”. E neste momento percebi com grande entusiasmo sua percepção e compreensão sobre o objeto de pesquisa e a relevância do tema a ser pesquisado.

Ao entrar no interior da instituição – pois só havia conhecido o corredor principal e a sala do Setor de Ações Estratégicas – percebi de forma imediata, de onde vinham as inspirações cinematográficas e literárias sobre o imaginário da loucura: das próprias instituições psiquiátricas. É um local onde você se sente em um labirinto. São corredores que lhe causam uma sensação que apesar de caminhar muito você não chegaria a encontrar a saída. E acredito mesmo que fora construído para que aqueles que entrassem nunca saíssem. As diversas alas e quartos conservam em suas janelas grades de ferro semelhantes a uma prisão, e no interior dos quartos apenas se vê camas de ferro e paredes machadas com algumas imagens e escritos que não foi possível identificar no momento. Nesse primeiro instante, o ambiente se confunde com o imaginário da loucura muito propagado em nossa sociedade, qual seja, um ambiente de terror, onde a qualquer momento você encontrará com alguém violento, espumando pela boca, pronto para lhe ceifar a vida. Isso porque não ouvi nenhum grito de desespero como acharia que ouviria. Seguindo, em seu interior, há uma grande Praça que nos oferece um alívio de liberdade, pois em contato com a natureza, em suas diversas formas, nos permite uma deliciosa sensação de que existe vida e beleza naquele local. (Diário de Campo, 12/04/2018).

A partir desses dados, podemos observar a estrutura física do hospital e todo o imaginário social construído ao seu redor. Participei das oficinas de música e percussão, onde foi pedido que utilizasse um crachá de identificação. Ao chegar na oficina me senti estranho portando aquele crachá, sendo identificado daquele jeito por todos, como um intruso ou um “inspetor de anomalias”. Devido a essa primeira experiência, logo indaguei ao João Paulo Macedo se seria possível, enquanto tivesse participando das atividades da oficina, não utilizar o crachá de identificação, tendo ele, de prontidão, confiando na sincera intenção do meu pedido, autorizado guardar o crachá no bolso. Desta forma me senti mais integrado naquele espaço e mais próximo daquelas pessoas. Constatei através desta experiência, como poderia ser as inúmeras sensações das pessoas em sofrimento psíquico que, após passarem por uma internação hospitalar, já são “identificadas” – dentro e fora daquele ambiente - como “loucos” e junto a esta identificação toda as exclusões que hoje esse termo causa no espaço comunitário que vivem, gerando por vezes violações desumanas por toda vida através de um processo doloroso de “etiquetagem psiquiátrica”, onde nos retrata bem a autora Maura Lopes Cançado (1991) em sua obra *Hospício é Deus*, quando desabafa:

Terminarei pela vida como essas malas, cujos viajantes visitam vários países e em cada hotel por onde passam lhes pregam uma etiqueta: Paris, Roma, Berlim, Oklahoma. E eu: PP⁴², Paranoia, Esquizofrenia, Epilepsia, Psicose-Maníaco-Depressiva, etc. Minha personalidade mesma está sufocada pelas etiquetas científicas. Serei a mala ambulante dos hospitais, vítima de brincadeiras dos médicos, bonitos e feios. Terei a utilidade de diverti-los ao lançarem a sigla: PP (CANÇADO, 1991, p. 138).

Para além da oficina percebi vários quadros e pinturas no interior do *Ateliê Espaço Luz*. Logo, João Paulo Macedo me informou que tinha um Artista Plástico e Filósofo de nome Neuri Mossmann, que fazia parte da equipe, mas acabou transferindo-se para outra cidade deixando um belíssimo acervo que fora preservado e protegido por ações de preservação da própria Coordenadora de Ações Estratégicas do Hospital, Ana Karina, que com seu empenho pessoal foi peça-chave para a conservação desse patrimônio humano de valor artístico, histórico e cultural inigualável, o qual poderia ser refém, assim como seus criadores, da cronificação e condicionamento manicomial por parte da gestão. Percebi que no Espaço Luz, onde a criação e produção de arte acontecia, o grande risco de ser engolido pelo mesmo mal do condicionamento institucional psiquiátrico que aqueles indivíduos são reféns. A atividade artística poderia estar correndo grande perigo de se cronificar pelo interesse do controle dos comportamentos através da oficina objetivando apenas ocupar os pacientes. (Diário de Campo, 12/04/2018).

Não esperaria encontrar tanta beleza. A experiência de campo possibilitou uma (des)construção do meu imaginário social da loucura e uma preciosa aproximação com a fundamentação teórica, visto que alguns conceitos foram sendo paulatinamente materializados diante daquela observação gerando a partir disso “cadeias de significação”, conforme acertadamente nos ensina Ruth Cardoso (1986, p. 103), “Observar é contar, descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos, construindo cadeias de significação”.

A ideia inicial de permanecer no HPCJM apenas por um mínimo período de 2(dois) meses, com o intuito de cumprir o prazo orientado, foi rapidamente golpeada por aquelas expressões - não só as expressões artísticas, mas as demasiadamente humanas -, permanecendo do primeiro semestre de 2018 até o final do segundo semestre de 2019⁴³, tendo em vista a necessidade de retornar após algumas considerações postas no exame de qualificação para coleta de novos dados.

⁴² PP é utilizado na linguagem médica da psiquiatria como abreviação de psicopata.

⁴³ 08 de julho de 2019.

Tal experiência de campo, proporcionou não apenas coletar importantes dados produzidos pelos próprios indivíduos que ali se encontravam internos, mas, enriquecer de forma biopotente minha experiência pessoal como pesquisador ao ser contemplado com esses pequenos e singelos feixes de luzes criativas. As análises serão apresentadas a seguir nas próximas seções.

3.3 Por uma estética humana dionisíaca: para gostar tanto de doido(a)s

o dionisíaco é a vida na sua forma absoluta, ou dissoluta, livre de qualquer pressuposto, abandonada ao seu fluxo originário. Pura presença – porque irrepresentável enquanto tal, também porque sem forma, em perene transformação, em contínua ultrapassagem.

Roberto Esposito

É através da obra *O nascimento da tragédia* e nos escritos e fragmentos que lhe servem de preparação – como *A Visão Dionisíaca do Mundo*⁴⁴ –, que Nietzsche formula, ao refletir sobre a arte da tragédia helênica, uma crítica a racionalidade científico-filosófica e seus valores – estes considerados superiores a própria vida – quando analisa pela primeira vez as relações entre arte e ciência.

A importância da afirmação do viver no pensamento nietzschiano toma como pano de fundo a reflexão sobre a arte, especificamente, a arte da representação teatral da tragédia grega, na qual assinala duas potências fundamentais: a beleza apolínea e o sublime dionisíaco que segundo tal perspectiva são “[...] como poderes artísticos que, sem a mediação do artista humano, irrompem da própria natureza, e nos quais os impulsos artísticos desta se satisfazem inteiramente [...]” (NIETZSCHE, 1992, p. 32).

A arte apolínea, segundo Nietzsche, é representada pelo povo grego como a arte da beleza, sendo esta beleza interpretada como “medida, harmonia, ordem, proporção, delimitação, mas também significa calma e liberdade com relação às emoções, isto é, serenidade.” (MACHADO, 2017, p. 26). Apolo é representado com um corpo atlético, de uma beleza simetricamente harmônica, combatendo severamente contra a *hybris* (desmedida), sendo representado ainda como a luz do sol, a luz da razão

⁴⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *A visão dionisíaca do mundo, e outros textos de juventude*. Trad: Marcos Sinésio P. Fernandes e Maria Cristina dos S. de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

A beleza simétrica do corpo de Apolo e a harmonia de sua música expressariam a aparente ordem e a justa medida que parecem permear o cosmo. [...] A ordem e a medida que delimitam as artes plásticas, a arquitetura e a poesia épica seriam expressões do princípio apolíneo que gera a bela aparência. (MELO NETO, 2017, p. 34).

É em torno dessa representação do Apolíneo, que se construirá toda a estrutura do belo na civilização pós-socrática e cientificista, pois o “mundo apolíneo da beleza é o mundo da individuação (do indivíduo, do Estado, do patriotismo), da consciência de si.” (MELO NETO, 2017, p. 28).

Por conseguinte, Dioniso é representado como *desmesura*, expressão ligada à excessivo, inconveniente, além da medida, um êxtase, “uma extravagância de frenesi sexual”, uma “embriaguez do sofrimento” que destrói o “belo sonho” num acesso à verdade que mostra o mundo caotizado. Para Nietzsche, “esse impulso é o princípio das artes que se caracterizam pela ausência de plasticidade e visualidade.” (MELO NETO, 2017, p. 36).

Retratando a força afirmadora Dionisíaca, Deleuze vem nos afirmar que:

Dionísio é apresentado com insistência como o deus afirmativo e afirmador. Ele não se contenta em “dissolver” a dor num prazer superior e suprapessoal, ele afirma a dor e dela faz o prazer de alguém. [...] ele afirma as dores do crescimento, mais do que reproduz os sofrimentos da individuação. É o deus que afirma a vida, para quem a vida deve ser afirmada, mas não justificada nem redimida. (DELEUZE, 2007, p. 10).

É importante identificar nas palavras de Deleuze, que esta experiência dionisíaca “afirmativa e afirmadora” não se preocupa com uma justificação ou entendimento da vida, mas procura primordialmente afirmá-la independente de qualquer lógica racional. Justamente sobre essa mesma perspectiva que Nietzsche direciona seu pensamento, quando nos traz que “sob a magia do dionisíaco torna a selar-se não apenas o laço de pessoa a pessoa, mas também a natureza alheada, inamistosa ou subjugada volta a celebrar a festa da reconciliação com o seu filho perdido, o homem.” (NIETZSCHE, 2003, p. 31). Tal celebração festiva afirma uma vida subjugada pela razão socrática.

Esse significado estético conferido a existência através da arte trágica, é resgatado por Nietzsche ao demonstrar seu aniquilamento pela dominação – excludente – de um projeto de significação racionalizada da própria existência. Ora, não se trata apenas, na presente reflexão do jovem Nietzsche, de um mero investigar histórico de como a vida cultural e artística dos gregos antigos se estabeleciam, mas de uma autêntica abordagem de como um legado unicamente científico constituiu essa repulsa do Ocidente ao espírito trágico da Grécia antiga na compreensão de nossas existências, dando lugar ao reinado incontestado da racionalidade

socrática que ofuscou a formação da cultura grega sobre a significação da vida, onde a desejavam em sua totalidade.

Certamente, ao depararmos com uma afirmação vigorosa da vida – através da arte - de pessoas em sofrimento psíquico no interior de uma instituição manicomial, esta reflexão nietzschiana é atualizada e nos permite pôr em xeque uma compreensão estritamente organicista da existência humana - de suas alegrias e sofrimentos. Entender que a arte certifica a esse embate pessoal, existencial e psíquico uma beleza, uma potencialidade, um sentido estético para condição absurda em que se encontram esses indivíduos, é permitir que suas existências sejam transfiguradas.

Sobre este sentido estético humano proporcionado pela arte trágica, apresentamos uma primeira cena do documentário “Humano, demasiado humano” onde aparece Joana cantando um trecho da música do Trio Nordestino, intitulada “Amor de Doido”, composta por Lindolfo Barbosa e Pedro Bandeira, onde claramente faz referência a esse “gostar”, esta estética da loucura.⁴⁵ Consideramos Joana a protagonista do documentário visto que ela não só aparece na maioria das cenas, como também, o seu discurso está presente em quase todas as cenas do documentário ainda que interligado as outras personagens.

Tendo em vista a impossibilidade de identificar a história pessoal de Joana, seja por questões éticas relacionadas a autorização pessoal da personagem ou a autorização no acesso e busca de todos os prontuários dos pacientes internados em 1990⁴⁶, seja por questões de prazo para conclusão da presente pesquisa, nos limitamos apenas a descrever as informações contidas nas imagens selecionadas.



Figura 5 – “Eu quero bem a minha doida”

Fonte: Fotograma extraído do documentário “Humano, demasiado humano”.

⁴⁵ A estética concebida aqui neste capítulo é entendida a partir do sentido original do termo, *aisthètikos*, de *aisthanesthai*, “sentir” que aparece nos gostos, odores, tatos, aqui aplicado ao gosto por “doidos”.

⁴⁶ O HPCJM não dispõe de arquivos informatizados dos prontuários, necessitando uma intensa busca manual através de técnica apropriada.

TABELA 2: “GOSTAR TANTO DE DOIDA”

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL/SONORA
Joana sentada cantando com o olhar perdido ao longe e enrolando o cabelo.	Eu quero bem a minha doida, minha doida me quer bem, eu não troco a minha doida, pêra doida de ninguém. Viu!
Joana olha para câmera no final do canto e parece expressar um sorriso.	Todo ano é um abraço, Todo ano é um doidinho. Eu gosto tanto de doida. ⁴⁷

Fonte: Fotograma extraído do documentário “Humano, demasiado humano”.

A cena é bastante curta, por volta de 20 segundos. Se inicia com a voz de Joana cantando ao fundo enquanto passa uma paciente beijando outra paciente no rosto. Imediatamente surge Joana sentada perto de tijolos cantando e olhando para o horizonte. A cantoria é espontânea e sem nenhum acompanhamento instrumental. A letra da música “Amor de Doido” cantada por Joana foi lançada no ano de 1981, o que indica que talvez Joana já estivesse interna no HPCJM, já que em outra cena revela que sua estadia no HPCJM já completara 19 anos e o documentário foi gravado em 1990. A letra cantada por Joana além de expressar essa estética de doido, destaca que essa importante dimensão da loucura está contida em todo ser humano ao afirmar que “se a gente disser xô...doido. Aqui não fica ninguém não.” Outra situação expressada pelo trecho escolhido por Joana é a situação da acolhida anualmente de mais um “doidinho” naquele local quando finaliza a cantoria dizendo: “Todo ano é um doidinho viu”.

Esse dizer sim à vida através dessa expressão musical de Joana, apesar das condições em que ela e os outros indivíduos internos do HPCJM vivem, é para Nietzsche a denominação do dionisíaco quando retrata que “o dizer-sim à vida, até mesmo em seus problemas mais estranhos e mais duros, a *vontade* de vida, alegrando-se no *sacrifício* de seus tipos mais superiores à sua própria inexauribilidade – foi *isso* que denominei dionisíaco.” (NIETZSCHE, 2003, p.139).

⁴⁷ Esta letra cantada por Joana faz parte da Música “Amor de Doido”, canção do Trio Nordestino composta por Lindolfo Barbosa e Pedro Bandeira.

Aqui percebemos uma estética humana dionisíaca que se aproxima do outro. Que mais do que mundos normalizados, se permite e deseja o outro porque assumindo sua diversidade se vê também no outro que é excluído e marginalizado.⁴⁸

Ao se expressar através da música, Joana expressa claramente as condições de relação estabelecidas no território da loucura entre os indivíduos em sofrimento psíquico, que certamente Joana tenha convivido dentro do HPCJM ou fora do território manicomial. Através desta expressão musical, nos parece possível afirmar que Joana formou uma pequena e frágil experiência comunitária, forjada pela loucura e nesta, pela amizade. É assim que nos coloca Erasmo de Rotterdam (1997) nos afirmando, em outras palavras, que é justamente a loucura que nos aproxima dessas relações, porque do contrário como suportaríamos as verdades cruas a nós impostas.

Outro manancial de prazer é a amizade. Seu encanto é tamanho que tirá-lo do convívio social seria o mesmo que eliminar o sol. Por ela os filósofos dão preferência, mas ninguém imagina que eu, a loucura, sou a alma da amizade humana. Vejam o que se instala em meio à amizade: convivência, cegueira, ilusão em face dos defeitos do amigo. Aí, os vícios mais evidentes são tidos como virtudes. Ora, não seria isso estar próximo da loucura? Enquanto isso vale para o comum dos mortais, os tais de sábios, embora tenham olhos de águia, têm vistas curtas para os próprios limites. Essa convivência indulgente consigo mesmo não é sinal de loucura? (ROTTERDAM, 1997, p.50)

Este “gostar de doido” é um elemento presente entre os que estão internados no interior de hospitais psiquiátricos, ao observarmos outro discurso proferido no documentário *A loucura entre nós*, quando a personagem Elizângela relata suas experiências no interior do hospital e sua amizade com Nadir, declarando o seguinte trecho “Então é isso Fernanda, o Hospital Psiquiátrico é isso, é loucura. Somos todos loucos, uns pelos outros.” (2016).

Essas pequenas relações na grande relação desumana vivida no território manicomial são como coloca Didi-Huberman (2011) “nuvens de vaga-lumes” ao relatar sobre a beleza da amizade em tempos sombrios de guerra: “Pensei então no quanto é bela a amizade, e as reuniões dos rapazes de vinte anos, que riem com suas másculas vozes inocentes e não se preocupam

⁴⁸ Sobre esta reflexão, há uma passagem intrigante e ao mesmo tempo engraçada que ilustra este “gostar de doido”. É retratada por Lima Barreto em sua obra *Diário do Hospício* (2017, p. 80), sobre um rapaz que Lima comenta ter subido ao telhado do Hospício do casarão da praia Vermelha (Hospício Nacional dos Alienados) onde estava internado. Sobre a criação do Hospício ver MACHADO, Roberto et al. *Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978. Lima Barreto no conto que este rapaz lá do telhado “Atirava telhas e berrava.” Contudo, acrescenta Lima: “Alguém, de onde nós estávamos, um tanto próximo dele, gritou-lhe: – Atira para aqui!” E este rapaz respondeu: “ – Não, entre nós, não! Vocês são os infelizes como eu.” Será que nesse momento a loucura desse rapaz como diria Lima Barreto (2017) deu um intervalo e pode se reconhecer no outro que também era excluído?

com o mundo a sua volta, continuam vivendo, preenchendo a noite com seus gritos” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.19).

É todo esse movimento humano que a arte potencializa em prol de expressões da loucura, é este celebrar a vida, dentro ou fora de espaços hospitalares, cuja a necessidade urgente de ser preservado se faz presente. Não estamos aqui apresentando o substituto para o lugar da ciência médica, pelo contrário, estamos apresentando seu mais precioso complemento, pois, devemos atentar para o auxílio preciso da advertência de Roberto Machado nos colocando de forma acertada que “separar o dionisíaco e o apolíneo é matar os dois. O herói foi morto não pelo trágico, mas pelo lógico”⁴⁹. Mas será que essa reflexão nietzschiana se resume apenas a uma luta pelo fortalecimento de uma compreensão “dionisíaca” do mundo, das existências trágicas? Será apenas uma crítica ao socratismo estético e sua forma aniquiladora da tragédia antiga? É o que tentaremos compreender a seguir.

3.4 Tragédia e Verdade: da desvalorização das existências trágicas pelos domínios da razão

[...] será – assim devia ele se perguntar – que o que eu não entendo nem por isso é ininteligível? Será que há um reino da verdade, de que o lógico está banido? Será que a arte é até mesmo um correlato e suplemento necessário da ciência?

Friedrich Nietzsche

A arte trágica – como forma de celebração da vida – é, conforme elenca Nietzsche, levada diante do grande tribunal da “estética racionalista: o mito antes de todas, os personagens principais, a estrutura dramática, a música coral, por último, e, mais decididamente a linguagem”. (NIETZSCHE, 2005, p. 77). Não muito diferente, ocorrerá um semelhante julgamento na Idade Clássica com a loucura – só que com um novo juiz -, que colocará, sob o veredicto cartesiano, a loucura entre os interditos de linguagem. Ou seja, “a linguagem excluída” que indo de encontro contra o código da linguagem consciente dominante “pronuncia palavras sem significado (os ‘insensatos’, os ‘imbecis’, os ‘dementes’), [...] palavras sacralizadas (‘os violentos’, ‘os furiosos’), ou ainda a que faz passar significações interditas (os ‘libertinos’, ‘os obstinados’). (FOUCAULT, 2007, p. 417). É decretada a desvalorização da existência trágica,

⁴⁹ MACHADO, Roberto. Nietzsche e a verdade. 3ª ed. rev. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. p. 49.

Quando a racionalidade faz uma crítica explícita à criação artística na perspectiva da consciência, quando toma como critério o grau de clareza do saber, a tragédia será desclassificada como irracional ou como desproporcional: ‘um compromisso de causas parecendo sem efeitos e de efeitos parecendo sem causas’, ou uma profundidade enigmática e infinita, incerta, indiscernível, sombria, em suma, obscura. Por não ter consciência do que faz e não apresentar claramente o seu saber, o poeta trágico será desvalorizado, desclassificado pelo saber racional. (MACHADO, 2017, p. 53).

O contexto dessa reflexão nietzschiana sobre a arte trágica “vai muito além de uma simples questão de estética”, remetendo em última instância, como sempre vemos em Nietzsche, ao problema da verdade. Há nisso tudo, segundo Machado (2017) um modo de pôr em questão o “espírito científico”, caracterizado na época por Nietzsche como a “crença, que nasceu com Sócrates, na penetrabilidade da natureza cuja reflexão remete a análise da relação entre arte e ciência, entre a oposição do espírito científico e a experiência trágica.” (MACHADO, 2017, p. 47). Esta reflexão é posta por Nietzsche como “uma crítica da prevalência da verdade, ou da verdade como valor superior” que apresentando suas características dominantes, nega a vida através do “conhecimento incessante”, de uma “verdade a todo custo”.

Surge então, na cultura grega, através de Sócrates, uma preocupação em expor diálogos racionais e claros, estabelecendo a subordinação da beleza à razão, um “[...] estabelecimento do postulado socrático segundo o qual só pode ser belo aquilo que é consciente, racional”. (MACHADO, 2017, p. 46).

Em uma cena extraída de um dos vídeos coletados do acervo pessoal do Artista João Paulo Macedo, verificamos um grupo de pacientes internos do HPCJM, vestidos das mais diversas formas, num jogo teatral conduzido pelo profissional.



Figura 6 – O Teatro Trágico do Juliano

Fonte: Fotograma extraído do documentário “Humano, demasiado humano”.

TABELA 3: TEATRO TRÁGICO

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL/SONORA
Todos deitados no chão	Gargalhadas Altas
Ficam de pé e começam fazer uma roda onde rebolam, dançam, fazem outras performances corporais próprias de jogos teatrais	<p>Música de fundo</p> <p>Se você quiser saber o que a jamburana faz O tremor do jambú é gostoso demais E o jambú treme, treme, treme, treme Treme, treme, treme, treme O tremor vai descendo, vai descendo, vai descendo Vai descendo, vai descendo, vai descendo Vem subindo, vem subindo, vem subindo, vem subindo Vem subindo, vem subindo, vem subindo Chegar até o céu da boca, a boca fica muito louca Muito louca, louca, louca Muito louca, louca, louca Muito louca A boca fica muito louca! Com o tremor do jambú</p> <p>O jambú é um tempero gostoso que tempera o Pará Onde tem tucupi o jambú vai temperar Onde tem tucupi o jambú vai temperar</p> <p>O pato no tucupi tem jambú, tem jambú O famoso tacacá tem jambú, tem jambú O arroz paraense tem jambú, tem jambú Caldeirada no Pará tem jambú, tem jambú O vatapá e o caruru a gente enfeita com jambú</p>
Abrem os braços como se estivessem voando	Intercalam em voz alta a seguinte expressão “Aaaaahhhh!”

Fonte: Fotograma extraído do documentário “Humano, demasiado humano”.

A cena é filmada na Praça “Beija-Flor” que integra, juntamente com o Ateliê “Espaço Luz” e a biblioteca “Arco-Íris”, o Centro de Convivência Nise da Silveira, do HPCJM. Possui uma área de 800 m² com diversas árvores de grande e médio porte como cajueiros, mangueiras e oliveiras. Na paisagem, observa-se pneus coloridos que servem de vaso para plantas menores. Costuma-se deixar os pacientes livres em períodos alternados, onde escolhem livremente participar das oficinas realizadas em um desses três espaços do Centro de Convivência. Esta

cena selecionada registra um grupo de internos do HPCJM que vestidos das mais diversas formas, interagem com o Artista João Paulo Macedo em jogos teatrais. Atividades de expressão facial e corporal, projeção de voz entre outras. Observamos uma maior naturalidade e desejo em participar das atividades artísticas.

É perceptível a potência de vida gerada por esta encenação trágica. Percebemos várias performances livres, sem padrões. Há interação e intervenção de todos. Estão todos no mesmo palco, fazendo a mesma arte. Observamos este deslocamento provocado pela arte que é assumido através de uma postura cênica no corpo social, potencializando vidas que foram excluídas por suas “incapacidades”, demonstrando o quanto estas expressões podem mudar o foco de luz e ofuscar não mais a loucura e sim a iluminadora⁵⁰ razão.

Ao refletir sobre o teatro encenado pela Cia Teatral *UEINZZ!*, Pelbart (2007) afirma que o teatro tem “uma eficácia mágico-poética” que redesenha toda essa geografia marcada pelo controle da vida chamado de biopoder, tornando-se essa ferramenta poderosa contra a força “biopolítica”, podendo de alguma forma “tornar-se biopotência”.

o teatro pode ser um dispositivo, entre outros, para a experimentação hesitante e sempre incerta, inconclusa e sem promessa de reversão do poder sobre a vida em potência da vida, do biopoder em biopotência, redesenhando inteiramente a geografia de nossa perversão, expropriação, clausura, silenciamento. [...] É nesse diapasão que na “esquizocenia” - termo cunhado por um dos nossos diretores, Sérgio Penna, para designar a prática - a loucura pode tornar-se força biopolítica, pode tornar-se biopotência (PELBART, 2007, p.25).

Além disso, e de maneira mais singular, a música executada na cena extraída do documentário *Humano, demasiado humano*, representa uma grande relação com esta característica trágica da humanidade: a loucura. Entendamos.

A música de nome “Jamburana”, de composição e interpretação da cantora paraense Dona Odete, descreve no ritmo do Pará, as características e utilidades que esta planta o jambú tem na culinária paraense, destacando o seu “tremor” na musicalidade da canção.

A planta ressaltada na letra da música, qual seja o “jambú”, é descrita como ingrediente essencial em quase todas as receitas gastronômicas do Pará: “O pato no tucupi tem jambú, tem jambú, o famoso tacacá tem jambú, tem jambú, o arroz paraense tem jambú, tem jambú, caldeirada no Pará tem jambú, tem jambú,”. E naquelas que não integra como ingrediente principal como “o vatapá e o caruru” utiliza-se a planta como enfeite.⁵¹

⁵⁰ Aqui foi usado o termo “iluminadora” em analogia ao profissional que cuida da iluminação cênica no teatro – o iluminador.

⁵¹ Não por acaso, observamos que a loucura está presente como ingrediente indispensável da dimensão humana,

Em outro trecho da música observada na cena acima extraída, verificamos a seguinte afirmação: “O tremor do jambú é gostoso demais [...] O jambú é um tempero gostoso que tempera o Pará”. A ideia de afirmação do fruto a partir da valorização trágica da característica “estranha” de “tremor” que seu consumo causa como consequência de alterações biológicas, e sua identificação cultural com o estado do Pará, possui uma importante abordagem para a dimensão trágica da loucura. Ora, o que nos interessa observar, é o elo que se pode traçar entre essa afirmação contida na música e a afirmação do viver retratado na cena. Mesmo compreendendo as dores e sofrimentos causados pela condição psíquica e asseverado pelas forças opressoras do biopoder, percebem que a loucura é este “tempero” da vida, esta festa celebrada mesmo conhecendo o seu trágico destino.⁵²

É essa relação trazida por Erasmo de Rotterdam (2011) quando coloca a loucura como protagonista da “Verdade” e heroína da vida humana: “A loucura dá sabor à vida.”, pois, acrescenta, “o que faz a vida agradável não é a frieza da razão e sim o calor das paixões. Por isso a natureza gerou o ser humano para desfrutar dos ímpetos passionais que dominam o corpo enquanto a razão situa-se num pequeno recanto da cabeça. (ROTTERDAM, 2011, p. 34).

Mas quem dera que a loucura fosse tão elogiada nos dias atuais. Pelo contrário, sem esperar, esta beleza expressiva é subordinada ao interdito da razão institucional quando verificamos o discurso ao fundo, quase que imperceptível, de um dos funcionários do CPJM, sinalizando que aquele registro audiovisual precisaria ser finalizado imediatamente. À luz desta intervenção, verificamos neste mesmo momento os indivíduos expressarem em alta voz a sonoridade que vinham intercalando: “Aaaaaahhhhhh!”, dando uma nítida ideia de terem se lastimado pela interdição do funcionário.

no que para Morin (2002) seria o *homo complexus*, visto que, “se o *homo* é, ao mesmo tempo, *sapiens e demens*, afetivo, lúdico, imaginário, poético, prosaico, se é um animal histórico, possuído por seus sonhos e, contudo, capaz de objetividade, de cálculo, de racionalidade, é por ser *homo complexus* (MORIN, 2002, p. 140). É neste *homo complexus*, que as aparentes bipolaridades são antagônicas, mas também complementares “assim, se há realmente *homo sapiens, economicus, prosaicus*, há também, e é o mesmo, o homem do delírio, do jogo, da despesa, da estética, do imaginário, da poesia” (MORIN, 2002, p. 141).

⁵² Essa dimensão complexa da condição humana refletida por Morin (2002) – *homo sapiens e demens*, é observada na diversidade poética do dramaturgo e poeta oitocentista Qorpo-Santo⁵² em sua peça *Hoje sou um, amanhã outro*,⁵² nos trazendo essa diversidade e multiplicidade de sua experiência através de seus personagens: “Que nossos corpos não são mais que os invólucros de espíritos, ora de uns ora de outros; que o que hoje é Rei como V.M. ontem não passava de um criado, ou vassalo meu, mesmo porque senti em meu corpo o vosso espírito e convenci-me, por esse fato, ser então eu o verdadeiro Rei, e vós o meu Ministro! [...] Que pelas observações filosóficas, este fato é tão verídico, que milhares de vezes vemos uma criança falar como um general; e este como uma criança.” (1969, p. 124).

Assim como nesta cena, as tragédias gregas deixam de ser encenadas, sendo expulsas do cenário das interpretações existenciais como forma de instrução do homem grego e, desta forma, o almejado processo formativo do homem ocidental moderno, inicia-se, pautado exclusivamente no paradigma da racionalidade, tornando-se um modelo desastroso, segundo Nietzsche (2005), para a cultura grega que estabelece este isolamento racional.

Nada pode ser mais contrário à nossa técnica cênica do que o *prólogo* em Eurípedes. Que uma personagem, entrando em cena isoladamente, seja ela divindade ou herói, conte, no começo da peça, quem ela é, o que antecede a ação, o que aconteceu até então, e mesmo o que vai acontecer no decorrer da peça [...] Se já se sabe tudo o que aconteceu e o que acontecerá, quem vai esperar o fim? (NIETZSCHE, 2005, p. 78).

Ao mencionar o caráter artístico adotado por Eurípedes – “quase não grego” -, Nietzsche (2005) resume o poeta ao conceito do *socratismo*, acrescentando que “Eurípedes é o poeta do racionalismo socrático. [...] ‘Tudo precisa ser consciente para ser belo’ é o princípio paralelo de Eurípedes para o socrático ‘tudo precisa ser consciente para ser bom’”. (NIETZSCHE, 2005, p. 81). É dessa forma que Eurípedes inaugura “a íngreme trajetória de uma criação artística consciente.” (NIETZSCHE, 2005, p. 83) e por consequência um postulado no mundo ocidental que atrela o “bom” e o “belo” ao domínio da razão moderna. Essa perspectiva nietzschiana sobre a arte trágica, assinala uma ruptura considerável na formação do homem ocidental sobre a existência, pois, a partir da concepção socrática de Eurípedes - “o poeta sóbrio que condenou os poetas embriagados,” – o saber trágico será vencido e banido, colocando em evidência a consequente interpretação da existência ocidental – e moderna – que será subordinada a consciência, a lógica, a razão, despontando novos critérios de exclusão de existências inconscientes ou desarrazoadas.

Em uma cena inicial, do documentário *Humano, demasiado humano*, observamos uma tentativa institucional de contenção de expressões trágicas de uma interna do hospital. Trata-se de uma celebração de natal onde durante a execução de um “hino”, cantado por mulheres de uma instituição religiosa, que estão dispostas em formato de um coral, uma interna do HPCJM começa a dançar na frente de todos quando em alguns minutos após iniciar a dança uma outra mulher com características de enfermeira vai ao encontro da que dança e a impede de continuar.



Figura 7 – Dança Natalina

Fonte: Fotograma extraído do documentário “Humano, demasiado humano”.

TABELA 4: PROIBIÇÃO DA DANÇA NATALINA

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL/SONORA
Um coro de mulheres cantando o hino	Hino Maria e José estava a procurar um aposento para descansar. Pois maria o menino estava a esperar. Belem, Belem, Belem, Belem Onde Jesus Nasceu. Belem, Belem, Belem, Belem Onde Jesus Nasceu.
Uma interna com um cigarro na boca vai ao meio dançando ao som do hino.	
A enfermeira levanta e tenta segurá-la	

Fonte: Fotograma extraído do documentário “Humano, demasiado humano”.

O registro aqui selecionado traz grande importância para entendermos a compreensão imposta pelos saberes de radical “psi” sobre as expressões da loucura, tidas nas maiorias das vezes como perigosas, e desta forma a necessidade de contenção. Talvez esta celebração de Natal se realizasse aos olhos atentos e temerosos dos Profissionais de saúde que ali estavam, preparados para no primeiro sinal de expressão do “anormal” atuar de forma que assegurasse a ordem e o “bem-estar” de todos. Recordo aqui de um relato compartilhado por um dos profissionais do HPCJM que retratou um episódio de um interno que numa manhã livre na praça “Beija-flor” decidiu se despistar tirando toda a roupa. Imediatamente a “força de segurança” se fez próximo ao indivíduo para obrigá-lo, pelo uso da força física, a recolocar suas roupas. De

sorte que esse mesmo profissional que me confessou esse episódio, entreviu a tempo direcionando que aquele despir não tinha nenhum problema fazendo parte de um processo próprio do sofrimento psíquico, e que obrigar aquele indivíduo a se vestir seria tão violento quanto a força física que poderia ter sido empregada. Quantos indivíduos em sofrimento psíquico desejam se “despir” de um vestuário de “rótulos” que os obrigam a se expressarem através de uma forma unificada, desqualificando suas diversidades?

Desta mesma forma, se torna evidente que o desejo dessa profissional de saúde que observamos na cena, também é de “neutralizar” aquele saber trágico manifestado pela dança. Talvez porque, para os “tutores” (normalizados) que ali estavam, aquela atitude fosse considerada “anormal”, fora dos “padrões” ou até mesmo um desrespeito ao momento do canto religioso, ou ainda, proibido manifestar qualquer comportamento que não seja o unificado pelo olhar psiquiátrico.

É ao desprezar o instinto em nome de uma criação artística consciente, que segundo Machado (2017), adotando como critério “a razão, o discernimento, a clareza do saber, o socratismo condena a arte e o saber trágicos.” (MACHADO, 2017, p. 42). Ou seja, “se algo só é bom se for consciente, se há relação necessária entre saber, virtude e felicidade, o saber trágico, que é um saber inconsciente, se encontra necessariamente desclassificado.” Diante disso, Machado (2017) acrescenta, que “pelo fato de ser impossível expressar conceitualmente – expor e comprovar racionalmente, logicamente – o trágico, Sócrates e Eurípedes negaram um saber como o de Ésquilo, que deve o que tem de melhor a uma ‘criação inconsciente’” (2017, p. 42). Criação esta “brotada a partir da vida do povo” (NIETZSCHE, 2005, p. 48). Daí por isso, lança Nietzsche (2005) sua crítica a grande inversão realizada por Sócrates em relação a atuação do inconsciente e da consciência:

Também aqui se revela como Sócrates realmente pertencia a um mundo invertido, colocado de cabeça para baixo. Em todas as naturezas produtivas justamente o inconsciente atua criativa e afirmamente, enquanto a consciência se comporta crítica e dissuasivamente. Nele o instinto se torna crítico, a consciência criativa. (NIETZSCHE, 2005, p. 84).⁵³

⁵³ É com base nesse contexto de desqualificação do saber trágico que a razão científica através de seu poder universal inicia seu reinado no mundo ocidental, onde aqueles que se colocaram em oposição a esse projeto seriam categorizados, desqualificados e futuramente “higienizado” do corpo social. Não é à toa que apesar da sua característica “moderna” o poeta gaúcho Qorpo-Santo fora esquecido por 100 anos – e ainda hoje o é, conforme nos recorda o escritor também gaúcho Álvaro Moreyra (1954), através de suas memórias *As Amargas Não*: “Há um poeta esquecido demais no Brasil. Chamou-se José Joaquim de Campos Leão Qorpo Santo. Eu vi as *Obras Completas* dele, em grossos e altos volumes. Guardei na memória algumas das páginas. Durante a revolução contra o passadismo, a ninguém ocorreu dar ao colega de 1880 e de Porto Alegre, o título de precursor da poesia moderna.” (MOREYRA, *Álvaro, As amargas, não...: (lembranças)*. Rio de Janeiro: Lux, 1954. pp. 126-127).

Assim é concretizado o projeto civilizatório da modernidade pautado na razão socrática que desqualifica qualquer expressão da vida, e neste caso a potência artística. O que aqui é defendido por Nietzsche, nesse primeiro momento de sua reflexão filosófica, assevera Machado (2017, p. 23), “é a denúncia da verdade como única deusa da ciência – sua ilusão constitutiva [...],” tomando-a como valor supremo que desclassifica a essência de uma existência artística, essencialmente humana, como uma força científica que reprimiu a força vital da existência dionisíaca e neste ato reprimiu a vida, “desvalorizada pela metafísica socrática”. (MACHADO, 2017, p. 32).⁵⁴ É preciso compreender através da crítica nietzschiana que a natureza humana é constitutiva de diversos instintos que a torna vivente e que não considerar esta perspectiva instintiva é destruir a natureza humana quase que por completo.

É neste lugar crítico com relação a essa “Verdade” aniquiladora das existências trágicas, que se estabelece um elo mais ou menos evidente que une a reflexão nietzschiana ao pensamento de Foucault, em particular na leitura que se faz da *História da Loucura*, pois, nesse mesmo contexto, Foucault esclarecerá os poderes “científicos” exercidos pelo personagem médico no interior da instituição asilar do século XIX, “poderes que, por natureza, são de ordem moral e social”, e não propriamente científicos ou médicos. Não é por acaso que se vislumbra o silenciamento e interdição do elemento trágico da loucura, proibido de se expressar como condição e forma de vida, estabelecendo-se uma lacuna entre o elemento trágico da loucura e o elemento crítico racional que não levará à destruição daquele, mas à “ocultação” da experiência do primeiro pelo segundo.⁵⁵

Porém, esse pseudo progresso científico de “descoberta” e “libertação da loucura” dos espaços da prisão liderado por Pinel, apenas alterou a roupagem desse antigo regime prisional, acompanhando agora a figura do louco sob a perspectiva do “cuidado” nos hospitais psiquiátricos. Verificamos esta realidade ao observarmos uma cena em que Joana e Zaíra aparecem cantando de forma crítica, esta condição de aprisionamento.

⁵⁴ É desse lado, parece-me, que cada vez mais no pensamento nietzschiano, estabelecerá uma reflexão de que as “condições de possibilidade do conhecimento são sociais, políticas ou, mais precisamente, morais.” Para ilustrar essa engrenagem Nietzsche (2005) nos coloca em diversos trechos que “*A crença na verdade é necessária ao homem. A verdade aparece como uma necessidade social; por uma metástase ela é, em seguida, aplicada a tudo, mesmo onde não é necessária.*” A fundação dos Estados suscita a veracidade. O instinto de conhecimento tem uma fonte “*moral.*” E finaliza Nietzsche que “por natureza o homem não existe para o conhecimento. [...] Assim, um fenômeno moral, esteticamente generalizado, produz o instinto intelectual.”

⁵⁵ “Apesar de tantas interferências ainda visíveis, a divisão já está feita; entre as duas formas de experiência da loucura, a distância não mais deixará de aumentar. As figuras da visão cósmica e os movimentos da reflexão moral, o elemento trágico e o elemento crítico irão doravante separar-se cada vez mais, abrindo, na unidade profunda da loucura, um vazio que não mais será preenchido.” (FOUCAULT, 2007, p. 32-33)



Figura 8 – Dueto sobre condições do aprisionamento

Fonte: Fotograma extraído do documentário “Humano, demasiado humano”.

TABELA 5: “TIRA NÓS TODA DESSA PRISÃO”

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL/SONORA
Joana sentada cantando olhando para câmera.	Doutô Tiago tenha compaixão, Tira nos toda dessa prisão Tão ficando toda'rmarelada Tomá comprimido e comer feijão
Zaíra cantando numa postura lateral olhando para o interior do hospital.	Olha as boiadas das paciente Feijão queimando arroz sem sal Ai atrás vem a subremesa Banana podi denti da bandeja Ai atrás vem o macarrão Parece cola de colar caixão Ai atrás vem o batatinha Parece chubi de matar rolinha Ai atrás vem o pão Parece funto dentro dum caixão (Joana e Zaíra)
Imagens dos pacientes pegando comida no chão e fazendo refeições em bandejas de metal com as mãos.	

A letra cantada por Joana e Zaíra, não somente nos apresenta as condições relacionadas a alimentação, mas também, apresenta a relação com o excesso no consumo de medicamentos que se mistura com ingredientes do cardápio servido pelo hospital. Outra relação é quando em um dos trechos as duas fazem referência ao “macarrão” como “cola de colar caixão”, como que expressassem o desejo do poder psiquiátrico em selar seus destinos, descrevendo logo após que, “o pão” se assemelharia a um “funto dentro dum caixão”. Naquelas condições a aproximação com a morte seja por condições estruturais desumanas, seja pela condição definitiva do aprisionamento se tornava algo já aguardado por aqueles indivíduos. Porém, percebemos através desta cena, que o canto torna possível essa resistência, abre uma via para uma reviravolta, pois estes indivíduos tidos como “perigosos” para a vida, na verdade são eles agora

que demonstram, de forma artística, o perigo que suas vidas estão sendo submetidas, e não só demonstram, mas reivindicam “liberdade” daquela sentença de morte.

Será mesmo que ainda insistimos em não escutar e afirmar esses discursos da loucura? Será que dirão que eles são “absolutamente incapazes”? Quem seria mais verdadeiro em relatar essas condições naquele território, eles próprios ou um terceiro qualquer? E esse discurso “terceirizado” seria então mais autêntico que o que acabamos de registrar pelas duas personagens?

Não por acaso, esta música executada por Joana e Zaíra é ressonância de um dos momentos cruciais para o início do processo de luta antimanicomial e Reforma Psiquiátrica brasileira. Trata-se da letra da música de Sueli, personagem do também documentário “Em nome da razão” do cineasta Helvécio Ratton.⁵⁶



Figura 9 – Sueli Rezende cantando.

Fonte: Fotograma do documentário “Em nome da razão”.⁵⁷

Ô seu Manoel, tenha compaixão
Tira nós tudo desta prisão
Estamos todos de azulão
Lavando o pátio de pé no chão
Lá vem a boia do pessoal
Arroz cru e feijão com sal
E mais atrás vem o macarrão
Parece cola de colar bolão
Depois vem a sobremesa
Banana podre em cima da mesa
E logo atrás vêm as funcionárias
Que são umas putas mais ordinárias.
(Sueli Rezende)⁵⁸

⁵⁶ RATTON, Helvécio. *Em nome da razão* [CD]. Belo Horizonte: Quimera filmes, 2009.

⁵⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PeXjSSs4q2k>, acessado em 04/01/2020. 12 min e 38 ss.

⁵⁸ Conforme nos coloca Daniela Arbex “passadas mais de três décadas da criação da composição, a música ainda é lembrada pelos sobreviventes do campo de concentração em que o Colônia se tornou.” (2013, p. 126). E como observamos, reverberada para outros territórios manicomiais. Eis um forte exemplo da dimensão criativa da loucura. Essa força trágica ultrapassa territórios para além do tempo.

Verificamos desta forma, a urgência em afirmar esse saber trágico da loucura manifestado através da arte, pois se torna claro a riqueza não só para uma outra cultura visual da loucura, mas para que possamos neutralizar um domínio que insiste em ir de encontro a essas vidas. Que insiste em excluí-las definitivamente do corpo social. Se há uma via para retirar o silêncio imposto a estas expressões, e acreditamos que seja a arte, corramos em direção de afirmá-la, em possíveis e novas estruturas políticas para o território da loucura.

Porém, constatamos que a base de qualquer “avanço” político-institucional sempre está focado no conflito entre “boa ou má” gestão biopolítica no território da loucura, sempre na preocupação que este lugar possa estar em uma plena gestão, como bem nos aponta Machado (1978), ao demonstrar o verdadeiro interesse do discurso médico no território brasileiro:

O discurso médico aponta a instituição como um foco de periculosidade e a ataca em dois aspectos: na sua má colocação no centro da cidade e na falta de organização interna. Deve ser afastado, para evitar contaminação da cidade e de do seu interior. (pp.282) [...] criticam o tamanho, a falta de ventilação, a presença do cemitério. (pp. 284).⁵⁹

Nisto, percebemos como o biopoder se torna uma forma avançada de poder. Esse “governo” é universalizado. É algo aplicado em todo o tecido da sociedade pelo Estado, bem como, por outras instituições e/ou atores da sociedade civil. A saída do manicômio era uma ilusão, posto que uma vez identificados como loucos eram lá que deveriam habitar. Não havia espaço na sociedade “normal” para esses indivíduos, e a gestão biopolítica ao avesso necessitava mantê-los neste território.⁶⁰

É justamente uma situação “contratual” celebrada entre biopoder e os saberes “psi”, cujo objeto deste contrato é a pessoa do louco. Assim observamos no discurso proferido por Jásão ao relatar sua condição no HPCJM.

⁵⁹ MACHADO, R. et al. *Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

⁶⁰ A ideia de que as reformas, ocorridas no século XVIII, são sinais de um interesse humanitário, unido a um progresso médico-científico, plenamente afirmado no século XIX, pertencem a uma reconstrução histórica que Foucault não corrobora em sua análise. Pois da mesma forma podemos perceber que nossos processos de desinstitucionalização atuais colocados como processos humanizados estão o que para o século XVIII estava as iniciativas de Pinel, transferindo apenas as modalidades e regimes de prisão, posto que o louco continua sendo tratado como o oposto, e não como parte integrante de nosso corpo social.



Figura 10 – Contrato Biopolítico

Fonte: Fotograma extraído do documentário “Humano, demasiado humano”.

TABELA 6: CONTRATO DE INTERNAÇÃO

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL/SONORA
Vários pacientes homens ao redor de Jasão escutando-o falar de frente para a câmera.	Eu não vou passar esses oito anos por aqui não, mas parece que o contrato foi de oito anos. [...] Mas pai já foi de... já foi de comum acordo falar com três doutô aqui...ou...falar com dezesseis adevogados, promotô.

Percebemos nesta cena que não somente Jasão discursa sobre a sua realidade “contratual” com o biopoder na vertente Psiquiátrica, mas outros internos que estão dispostos ao redor de Jasão dão a ideia de um grupo que é liderado por ele. Assim, transformam o discurso de Jasão em um discurso coletivo onde eles também são prisioneiros dessa perspectiva contratual imposta em suas vidas. Uma das justificativas propagadas universalmente para que este “contrato” se torne eficaz e atuante, é seu objetivo primário de “proteção” do “perigo”, argumentado pelos “doutô” - tomando por emprestado a menção de Jasão -, sejam estes atuantes no cenário médico e/ou jurídico, afirmam essa necessidade de proteção social e biológica contra a loucura. Ainda hoje esta estrutura corrobora para ações de extrema violência física por parte tanto do aparelho policial⁶¹, quanto dos ditos “cuidadores”. Em espaços como o HPCJM, diversas denúncias são apuradas em períodos relativamente curtos, devido a este desejo de

⁶¹ Lima Barreto denuncia os abusos de Poder exercido pela polícia através do seguinte relato: “A polícia, não sei como e porquê, adquiriu a mania das generalizações, e as mais infantis. Suspeita de todo o sujeito estrangeiro com nome arrevésado; assim os russos, polacos, romaios são para ela forçosamente castens; todo cidadão de cor há de ser por força um malandro; e todos os loucos hão de ser por força furiosos e só transportáveis em carros blindados”. (BARRETO, 2005, p. 32). Também Maura Lopes Cançado nos ilustra essa relação no território da loucura, quando relata sobre a figura do guarda: “Os guardas em geral, principalmente os do Pavilhão e da seção dos pobres, têm os loucos na conta de sujeitos sem nenhum direito a um tratamento respeitoso, seres inferiores, com os quais eles podem tratar e fazer o que quiserem.” (BARRETO, 2005, p. 26).

contenção violenta no exercício de um disciplinamento em busca da “normalização” seja através da força física, como também não fica de fora a força psíquica-farmacêutica do poder psiquiátrico.

Conforme bem acentua Foucault, o que acontece no século XVIII – atualizado na modernidade pelo biopoder -, por outro lado, não é de forma alguma uma maior proximidade ou solicitude em relação à loucura, mas exatamente o oposto. A loucura se torna visível através de um movimento que a afasta e que - ao mesmo tempo - a isola em um espaço separado: “seus rostos, suas diferenças, não se devem a uma atenção que vem a ela, mas a um indiferença que a desloca”. (FOUCAULT, Michel. 2007, p. 433). Contra qualquer reconstrução otimista da história (incluindo a história médica), a *História da Loucura* visa revelar como todo progresso técnico e científico - assumido pela nova ordem social e imposto pela modernidade - continua a determinar, para a loucura, uma condição de exclusão e alienação geral. É justamente esta reflexão posta por Foucault em sua *História da Loucura* atualizada para o território da loucura deflagrado nos dias de hoje.

A análise do objeto loucura evidencia que a emergência das chamadas “ciências” humanas – psiquiatria, psicologia, psicanálise – é um processo estruturalmente vinculado à história de práticas que silenciam o louco. Cada uma destas práticas corresponde a diferentes modos de perceber a loucura em uma determinada época, independentemente do conhecimento científico. A psiquiatria, embora queira dar conta das condições de possibilidade da percepção e do conhecimento moderno da loucura, representa sempre um “compromisso entre dois aspectos heterogêneos: uma ‘analítica médica’ e uma ‘percepção asilar’”. É por isso que Foucault privilegia a história da loucura em detrimento da história da psiquiatria. (CANDIOTTO, C ; PORTOCARRERO, V. 2013, p. 287.)

Num belíssimo poema trágico, a escritora Maura Lopes Cançado (1991) estabelece essa relação do sujeito com o espaço gradeado, trazendo como um “casamento” entre o louco e as grades:

*Permitam-me destruir o livro de Sagan
É a seda pura que deve nos envolver,
ter música no momento do beijo.
Inclinada, a rosa mostrará à brisa, a grade
rendada,
o jardim.
Além do mar outros casais existem,
A noite nos destrói pelas esquinas
Repetindo-se (e envelhecendo) – como as almas
Fizeram muros altos, cinzentos – esconderam a terra
Mas o quadro azul está presente.
Senhora Rainha do Egito, dai-me pálpebras pesadas,
De mistérios piramidais.
Quantos são? Onde a bola, ou sou bola?
Santos coroados cantam, que vestidos rasgados não são nódoas.*

*Senhora do Egito, meus versos falam de
Areias quentes,
e Faraós, onde Cleópatra dançava.
Por que falar do calor se vitrais já cintilavam
no pátio?
Vidro
É saudade de louco
Casado com as grades.*⁶²

Contudo, este “contrato” imunitário tem como testemunhas atuantes em grande parte das ocasiões, a própria família. O abandono familiar é o primeiro sinal de eficácia do biopoder que logo cuida de transferir para o Estado a tutela daquele que está “contaminado” e se transformou num “perigoso” indivíduo para o núcleo familiar. Esse desumano destino é partilhado por Joana em uma outra cena.

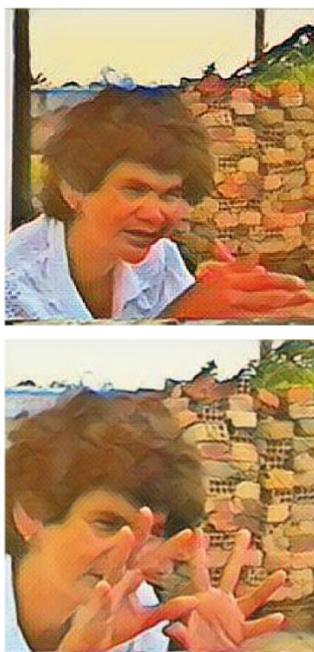


Figura 11 – Abandono Familiar

Fonte: Fotograma extraído do documentário “Humano, demasiado humano”.

TABELA 7: “JÁ ERA PRA TER SAÍDO. FUI CRIADA COMO JOGADA”

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL/SONORA
-----------------	------------------------

⁶² CANÇADO, 1991, p. 117.

<p>Joana sentada gesticula com as mãos abertas para fazer referência a contagem de anos.</p>	<p>Faz 19 ano que eu to aqui...19... vai completar 20...que eu to aqui. E nem vem ninguém da minha família. Nem pai, nem mae, nem irma, nem irmão. Num vem ninguém. Num vem nem aqui saber de mim. Agora eu fui criada como jogada.</p> <p>[...]</p> <p>Já tô boa de sair, eu durmo a noite toda não tomo mais remédio. Era...já era pra eu sair a muito tempo (estalando os dedos fazendo referência ao tempo que se passou).</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Fotograma extraído do documentário “Humano, demasiado humano”.

Essa realidade colocada de forma tão nítida por Joana, nos faz perceber o quanto esses indivíduos compreendem as violações que suportam arquitetada por esta construção em desfavor da loucura que os colocam sempre como algo terrível de perigo para à vida. Verificamos nesse discurso de Joana uma possível reivindicação política sobre sua situação que não se resolve há anos. Ela constata não somente um abandono familiar, mas um expressivo abandono político, pois identificamos a ausência no seu discurso de qualquer ação estratégica da instituição, seja no âmbito clínico ou administrativo a respeito de sua internação ou possível saída. Talvez Joana fizesse parte daqueles moradores permanentes do HPCJM, que de acordo com o depoimento da ex-diretora do HPCJM, Profa. Dra. Ana Tereza, existiam em 2012, 44 moradores

destes, 19 são totalmente dependentes de cuidados diretos para exercer as atividades diárias e os hábitos de higiene oral e corporal. O tempo de internação dos moradores oscila entre 2 e 34 anos, com tempo médio de 11 anos. Conforme dados dos prontuários, o morador mais recente está internado no serviço desde 2010 e o mais antigo está interno há 34 anos ininterruptos.⁶³

Essa situação de moradia permanente é sustentada não somente pelo abandono familiar, mas também, pelo o uso da mão de obra dos internos em atividades laborais na instituição, que na maioria das vezes não caracterizada como “voluntariado”, mas sim trabalhos verdadeiramente forçados como ainda hoje é encontrado em alguns hospitais psiquiátrico do Brasil.⁶⁴

Esse relato de queixa do louco com relação ao abandono familiar é descrito por Lima Barreto como um sentimento presente em quase todos os internos do hospital psiquiátrico: “Os

⁶³ Entrevista concedida em 28 de junho de 2012 pela então Diretora do Hospital Profa. Dra. Ana Tereza Medeiros do Departamento de Enfermagem Clínica/UFPB.

⁶⁴ VER Conselho Federal de Psicologia, Conselhos Regionais de Psicologia e Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas. Relatório de inspeções: 2018. 1ª ed. Brasília: CFP, 2019.

loucos me pareciam pouco emotivos, e quase todos eles se queixavam dos seus parentes e das suas mulheres.” E acrescentava uma outra fala de um interno, que “[...] afirmava em alto e bom som que havia de falar mal da família até morrer.” (BARRETO, 2017, p.82).

É nessa mesma linha que também destacamos o discurso de Elizângela, personagem do documentário *A loucura entre nós*, quando comenta

Então é isso Fernanda o Hospital Psiquiátrico é isso, é loucura. [...] Nós ficamos assim nessa tribulação tentando achar uma saída, que é a nossa vida lá fora nosso convívio social. Nosso convívio social que é o mais importante. É aqui assim, a gente fuma um atrás do outro por causa dos remédios e pra aliviar a dor, o abandono da família na maioria das vezes que nos abandona deixa a gente aqui entregue as traças e isso é ruim porque a família tem que vim visitar o paciente, tem que ter amor... (VAREILLE, 2016).

Interessante observar a condição de autoavaliação que Joana descreve ao demonstrar os motivos pelos quais se encontra “curada”, o que justificaria a sua saída do HPCJM. Esse medo de não parecer “doida” é encontrado no depoimento de Lima Barreto quando se empenhava em diversas tentativas para não demonstrar sentimento que o etiquetasse de “doido”, assim descreve: “os outros deliram em redor de mim e, se não choro, é para não me julgarem totalmente louco. Imagino que essa convicção se enraíze nos médicos e me faça ficar aqui o resto da vida.” (BARRETO, 2017, p. 82).

No intuito de proferir um discurso em sua defesa, Joana expressa que “dorme a noite toda” sem necessitar mais de tomar remédios, em outras palavras, Joana queria demonstrar que não oferecia mais “perigo”, estava dócil, estava “normalizada”. Aqui recorro a expressão “camisa de força química” utilizada por Nise da Silveira⁶⁵ ao ser indagada em 1986, em uma das cenas do filme produzido pelo cineasta carioca Leon Hirszman, de título “Posfácio – Imagens do Inconsciente”, no qual o cineasta indaga para Nise sobre “*Quando é que a química tomou lugar da lobotomia?*”, e Nise o responde da seguinte maneira:

“sempre houve uma química. Uma química a princípio muito doce de estratos fluidos que eram considerados mais ou menos inócuos depois os barbitúricos principalmente os epiléticos tomavam... depois veio na minha ausência... que eu cai na esparrela dessa química...Era o amplictil. O amplictil nos primeiros prospectos mandava dar 75 gotas por dia, 25 três vezes por dia, hoje se dá amplictil em Baldes. [...] Então veio a camisa de força química que é o paraíso dos psiquiatras. [...] E o competente amplictil que é a barra de ferro definitiva de noite aí o sujeito apaga não incomoda a enfermeira nem nada por isso uma doente escreveu esses versinhos:

⁶⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EDg0zjMe4nA>, Acessado em: 09/08/2019.

‘Os médicos dão muito remédio e as enfermeiras para não terem trabalho só ficam gritando vou dar choque vou dar amarra ser louco é uma barra.’ Beta, interna.⁶⁶

A esse respeito, enfatiza Foucault (2007) que a medicalização da loucura preferiria “curar” essa forma de “verdade inadmissível.” Por isso, “o momento inicial de todo tratamento” deveria coincidir necessariamente com a “repressão”, a “abolição” e o “esquecimento dessas violências e desses desejos.” (FOUCAULT, 2007, p. 556) A “cura” tinha como objetivo apagar todas as expressões da loucura.

Ao privilegiar essa reflexão nietzschiana sobre a pretensão da “verdade científica” de aniquilar a dimensão trágica da existência e desta forma incluída a loucura, Foucault assume uma atitude de crítica e oposição à ideologia do progresso da racionalidade científica, trazendo nessa mesma obra, uma apreciação estética e literária do dionisíaco nietzschiano resgatado em contraste com a racionalidade desse mesmo progresso da modernidade.

Os temas nietzscheanos assumidos por Foucault, no início dos anos 60, são usados para afirmar o que a mesma experiência de Nietzsche parece revelar em sua verdade intrínseca: um ressurgimento, no coração do moderno conhecimento ocidental do poder trágico dos dionisíacos e dionisíacas, cuja crença propagada pela razão moderna foi de que tinham sido definitivamente aniquilados.

Um contramovimento toma forma no espaço estético e literário do mundo ocidental, e é neste ponto, que também explica Foucault (2007), que a loucura pode redescobrir, através do “pensamento e da poesia do início do século XIX”, também aquela particular “verdade do homem” que nada tem a ver com a verdade científica e racional, mas essa é a verdade de uma palavra que pertence a uma ordem completamente diferente e que por um longo tempo tentou se limitar em silêncio. Uma verdade “muito arcaica e muito recente, muito silenciosa e muito ameaçadora: uma verdade abaixo de toda a verdade, mais próxima do surgimento da subjetividade e mais extensa em termos de coisas.” (FOUCAULT, 2007, p.443). Segundo Foucault, a experiência de Nietzsche, por outro lado, testemunharia a permanência não expressa (e por muito tempo inexprimível), dentro do conhecimento ocidental, de uma verdade trágica que é ao mesmo tempo válida como contestação da ordem e da razão moderna.

É este ressurgimento biopotente da arte e loucura trágicas, contestadoras dos domínios da razão moderna, que apresentaremos em expressões de dança na próxima seção.

⁶⁶ Idem.

3.5 A dança biopotente, antiniilista e trágica dos vaga-lumes: resistências dionisíacas num território manicomial

Se há alguma matéria em que o raciocínio deva calar-se diante da experiência, é certamente nas perguntas que podemos fazer sobre os méritos de um poema.

Jean-Baptiste Dubos

A partir do que já foi discutido no capítulo anterior sobre a dialética da imunização, é importante assinalarmos neste trabalho o decadente ponto negativo de cunho niilista exposto por Nietzsche em obras posteriores, pois justamente o autor concebe que “[...] a modernidade não conhece outra linguagem que não seja a da imunização, constitutivamente negativa.” Tal linguagem imunitária seria o grande elo “em relação a esse processo de decadência biológica definido em termos de degeneração ou de niilismo passivo.” É possível compreender, que este extravio da vida, agenciado pela dialética imunitária niilista, é uma consequência da crise e derrocada do mundo teórico, que tendo o homem abolido suas pulsões e instintos em favor de uma busca desenfreada de explicar tudo através do uso exclusivo da razão, que o preencheu de sentido e finalidade, agora se vê diante de uma situação de que nada mais parece ter a força de motivá-lo e conduzi-lo a viver. O mundo racionalmente organizado parece ter conduzido este homem a uma negação total da Vida.⁶⁷ Deste modo, como afirmar essa vontade de viver, principalmente dos modos de existência “não-unificados” pela razão, num contexto engendrado biopoliticamente de forte condução niilista?

Esse contramovimento, esta força capaz de “revirar-se em seu avesso”, é reivindicada por Nietzsche, ao relacionar a arte com a vida, não hesitando de afirmar que a arte é “a verdadeira tarefa da vida, a arte como a atividade metafísica da vida, a arte como o grande estimulante da vida” (NIETZSCHE, 1995, p. 86).⁶⁸ É através da filosofia trágica que nasce a principal perspectiva antiniilista⁶⁹, pois o pensamento trágico traz a compreensão de uma “[...]”

⁶⁷ Para Peter Pelbart, “As três figuras do niilismo [...] poderiam assim ser traduzidas, em termos da posição de valores: valores superiores, valores substitutivos, nada de valores. Niilismo negativo, niilismo reativo, niilismo passivo – em todo o caso, sempre um niilismo incompleto.” (PELBART, 2016, p. 131).

⁶⁸ Pelbart (2016) nos conduz a reflexão nietzschiana sobre o *pathos* niilista, onde é oportunizado observar o ponto de reviravolta antiniilista, vejamos: “Apenas um homem cansado quando já não encontra apoio nessas crenças ou instâncias, torna-se niilista num sentido que Nietzsche denomina passivo, ou seja, aquele que fica paralisado ao perceber que o mundo tal como ele é não deveria ser, e o mundo tal como ele deveria ser não existe, e que portanto não faz sentido agir, sofrer, querer, sentir, em suma – tudo é em vão. É esse o *pathos* niilista que Nietzsche trata de dissecar e combater, mas também, ao acompanhar sua inconsequência, perceber nele o ponto em que ele poderia revirar-se em seu avesso”. (PELBART, 2016, p. 128)

⁶⁹ Uma visão contemporânea desta perspectiva antiniilista, de acordo com Almeida (2015, p.78), nos é dada pelo filósofo Clément Rosset (1989) que por meio da sua abordagem elenca a “ligação entre a alegria de existir e o

afirmação máxima, da plenitude, da abundância, um dizer sim sem reservas, até mesmo ao sofrimento, à própria culpa, a tudo o que é problemático e estranho na existência”. (NIETZSCHE, 1995, p. 118). Esta perspectiva antiniilista a partir do saber trágico, é encontrada numa celebração festiva que ocorre no interior do HPCJM, em particular a celebração do Natal entre pacientes e funcionários.



Figura 12 – Loucura de Vida

Fonte: Fotograma extraído do documentário “Humano, demasiado humano”.

TABELA 8: LOUCURA DE VIDA

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL/SONORA
<p>Todos os pacientes e alguns funcionários dançando sozinhos e em dupla das diversas maneiras no pátio do CPJM.</p>	<p>Ai que coisa boa, ai que coisa Louca, Você me amando dizendo mais, E na onda do bole bole, e do mexe mexe, A gente vai se amando loucamente cada vez mais mais</p> <p>Loucura de vida, Loucura bandida, Loucura perdida, Loucura magia, Loucura de vida</p> <p>Vira roda gira no mundo Vem no meu cavalo vem galopar</p>

caráter trágico da existência”, na qual “ a alegria de existir se apresenta como um dado não racional, não interpretável e paradoxal” tendo em vista que, “ o gozo expressa-se pela admissão de toda espécie de realidade, mesmo indesejável, sem que no entanto isso se constitua uma visão pessimista, triste ou masoquista. A alegria expressa-se, assim, como festa ante a morte.” De acordo com Rosset, “O pensamento trágico, que afirma acaso e não ser, é pois, também, pensamento de festa. O que acontece, o que existe, é dotado de todas as características da festa: irrupções inesperadas, excepcionais, não sobrevivendo senão uma vez e que não se pode apreender senão uma vez; ocasiões que não existem senão em um tempo, em um lugar, para uma pessoa, e cujo sabor único, não localizável e não repetível, dota cada instante da vida das características da festa, do jogo e do júbilo” (Rosset, 1989, p. 127).

	Quero ver a rosa desabrochando Você me amando dizendo: eu quero é mais Louca, Loucura de vida, Loucura bandida, Loucura perdida, Loucura de vida.
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Fotograma extraído do documentário “Humano, demasiado humano”.

Nesta cena de dança coletiva, um verdadeiro baile dançante entre pacientes, funcionários e familiares, a primeira observação que trazemos é a escolha da trilha sonora deste momento da festa. A música tocada é do cantor brasileiro Beto Barbosa⁷⁰ intitulada de “Louca Magia”.

Decorre dessa situação refletirmos sobre esta intenção de colocar uma música sobre loucura para a loucura, como que se necessariamente os atos de um louco tivessem que ser acompanhados de símbolos visíveis da loucura e colocados em prol de uma identificação comunitária de “loucos visíveis” para que através daquela música assim se reconhecessem.

Contudo, como num eterno *Pas de Deux*⁷¹ entre loucura e razão, em que esta última procura se sobressair por um enorme tempo, ao rodopiar, apoiada em seus impulsos artísticos, a loucura executa sua linda reviravolta triunfando na melodia humana das paixões. Pois, reduzida à doença, encontra na arte uma forma de reconstruir sua experiência trágica, apagada pela razão. “Sob a consciência crítica da loucura e suas formas filosóficas ou científicas, morais ou médicas, uma abafada consciência trágica não deixou de ficar em vigília. [...] Foi ela que as últimas palavras de Nietzsche e as últimas visões de Van Gogh despertaram.” (FOUCAULT, 2007, p.34).



Figura 13 – Um *Pas de Deux* antiinilista: o rodopio da loucura
 Fonte: Fotograma extraído do documentário “Humano, demasiado humano”.

⁷⁰ Cantor brasileiro dos anos 90.

⁷¹ *Pas de Deux* é um termo francês utilizado no ballet clássico, significando em francês, “Passo de Dois”, definindo um dueto de dança entre dois dançarinos. Dicionários. Grande Enciclopédia Larousse Cultural. 2016.

sentir alguma coisa diferente de medo, dor e rejeição. Ele sorria. Mercês chorava. (ARBEX, 2013, p. 113)

Obviamente, quando se viveu o que Tonho viveu no “Colônia”, em meio a desumanidades, preso dentro de um dos piores manicômios já construídos no Brasil, na qual a morte era um alívio desejado por muitos, as forças potentes geradas por esta festa de aniversário tornam-no dionisíaco. Impressiona ver como, nessa aura festiva, descobre-se potência mesmo naqueles corpos que parecem renegados ou tidos degenerados, destinados a viver em meio a escombros.

O autor Luc Ferry⁷² (2003, p. 189), chama a atenção a partir da interpretação de Heidegger sobre esse movimento antiniilista representado pela arte através do pensamento nietzschiano, que “a arte é dita antiniilista porque, diferentemente da ciência, da filosofia ou da religião, apresenta-se sem rodeios como uma interpretação, ou seja, aos olhos de Nietzsche, como uma expressão ‘honesta’ da vontade de poder”.

Desta forma, o antiniilismo trágico - e estético, como pensado por Nietzsche, apresenta a arte trágica como expressão antiniilista que afirma a vida, tal como é vivida, que numa tarefa de superação do niilismo, a arte, se apresenta autenticamente como aquilo que é, numa “avaliação que não pretende a verdade”, entendido num sentido mais geral como sendo ela própria “a manifestação mais adequada da vontade de poder.”

Esta expressão “honesta” da vida, apresentado pela arte como aquilo que é, e por isso sua biopotência, é observada em uma outra cena gravada pelo Artista João Paulo Macedo num momento festivo no Ateliê Espaço Luz, onde aparecem três mulheres internas dançando forró.



Figura 15 – Forró pesado!

Fonte: Fotograma extraído do documentário “Humano, demasiado humano”.

⁷² Professor de Filosofia na Universidade de Paris VII(Jussieu).

TABELA 9: FORRÓ NO ESPAÇO LUZ

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL/SONORA
Pacientes mulheres dançando forró sozinhas no Ateliê Espaço Luz.	<p>Forró Pesado (Trio Nordestino)</p> <p>Em toda festa de embalo Eu quero ver forró Eu vou dançar forró Vou me balançar Dançar agarradinho Rostinho com rostinho Sentir o seu carinho Quero ouvir mulher fungar Quando toca o forró Todo mundo quer dançar Todo mundo se sacode O mundo a sacolejar Que o forró é da pesada Ninguém quer ficar parado Pode botar na balança Que este é o forró pesado Forró pesado Forró pesado A moçada se assanha Ninguém quer ficar parado</p>

Fonte: Fotograma extraído do documentário “Humano, demasiado humano”.

Verificamos nesta cena justamente uma transcendência dessas mulheres do lugar que estão. Parece mesmo que estão vestidas de trajes juninos, ou até mesmo de roupas habituais para um forró-pé-de-serra que acontece naquele momento. Aqui trazem a importância de sua cultura, da força de vida que a música e a dança resgatam em suas memórias tornando-as vivas. Não apenas vivas, mas uma vida abundante transpassando a barreira do lugar que estão. Dançam de forma altamente alegre e festiva, sem se recordar de toda etiquetagem imposta em suas expressões. É justamente um lugar de exceção. Onde segundo o Artista João Paulo Macedo, um dos internos uma vez confessou que nunca imaginava que pudesse ter um local daqueles ali no “manicômio”, e com entusiasmo se comprometendo em retornar todos os dias até a chegada do dia de sua alta médica.

Percebe-se bem o que tal expressão representa para vida dessas três mulheres, pessoalmente e comunitariamente, pois como nos indaga Didi-Huberman: “ainda que beirando o chão, ainda que emitindo uma luz bem fraca, ainda que se deslocando lentamente, não

desenham os vaga-lumes, rigorosamente falando, uma tal constelação?” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 60).⁷³

Danças vigorosamente e alegremente, numa posição afirmativa de suas vidas como são. Podemos afirmar o quanto é impressionante observar que nesse território artístico “esses corpos conseguem se fazer soberanos, a nada assujeitados, invencíveis — ainda que pela duração de um lampejo.” (Didi-Huberman, 2011, p.83). Isso quer dizer que esses corpos se tornaram biopotentes. Suas definições puderam ser alteradas, pois o que importa nesse momento não é mais sua condição “etiquetada”, e sim a liberdade de possuírem autonomia no viver, no dançar, uma transcendência de se sentirem capazes.

A arte aparece na filosofia nietzschiana como a alternativa para os excessos da ciência, ou, na terminologia utilizada por Machado, para o “instinto ilimitado de conhecimento”. Não significa que pretenda Nietzsche “uma negação do conhecimento ou uma redução da totalidade do campo do saber à arte.” Pelo contrário, o que Nietzsche nos apresenta é que “na luta contra o desejo de verdade a todo o custo” sua crítica à tese metafísica de que a verdade é um valor superior, “a arte não só é reabilitada por sua força afirmativa da vida, como também é escolhida como modelo capaz de impregnar o próprio conhecimento com a dimensão do trágico.” Parafraseando Foucault, a Arte somente abriria um intervalo onde seria possível fazer vacilar as referências e as certezas sobre as quais se apoiam as dominações (FOUCAULT, 2007, p. 13). Assim, despertaram do ocultamento provocado pela tradição crítica as obras de Artaud, Hölderlin, Strindberg, Goya e Van Gogh dentre muitos outros; obras que são “indefinidamente irreduzíveis a essas alienações que curam, resistindo com sua força própria a esse gigantesco aprisionamento moral que se está acostumado a chamar, sem dúvida por antífrase, de a libertação dos alienados por Pinel e Tuke” (FOUCAULT, 1978, p. 503). Esta relação do homem com a experiências trágica da loucura revela o impossível dele mesmo.

Interessante notar, em uma das cenas do documentário *Humano, demasiado humano*, este abalo provocado pela arte que faz vacilar no território da loucura um referencial heteronormativo que por muito tempo foi responsável por uma imposição de cunho patológico as expressões homoafetivas. Nesta cena Joana aparece escutando, em um aparelho de rádio

⁷³ Esta constelação de vaga-lumes dançantes, traz essa intensidade humana de valor inexprimível. Segundo Garaudy: “A própria palavra dança, em todas as línguas europeias – *danza, dance*, tanzderiva da raiz *tan* que, em sânscrito, significa ‘tensão’. Dançar é vivenciar e exprimir com o máximo de intensidade a relação do homem com a natureza, com a sociedade, com o futuro e com seus deuses.” (GARAUDY, Roger. Dançar a vida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 14).

portátil, uma música romântica internacional. Joana demonstra gostar da música enquanto dois homens dançam a sua frente a música internacional *My love* do cantor Paul McCartney.



Figura 16 – “Meu Lóve”

Fonte: Fotograma extraído do documentário “Humano, demasiado humano”.

TABELA 10: “MEU LÓVE”

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL/SONORA
Joana escutando uma música romântica internacional no aparelho de rádio pensativa.	<p>My Love (Paul McCartney)</p> <p>And when I go away I know my heart can stay with my love It's understood, it's in the hands of my love And my love does it good Wo wo wo wo, wo wo wo wo My love does it good</p>
Um interno – homem - surge olhando fixamente para a câmera passando a mão no cabelo como que estivesse arrumando.	<p>And when the cupboard's bare I'll still find somethin' there with my love It's understood, it's everywhere with my love And my love does it good Wo wo wo wo, wo wo wo wo My love does it good Oh, I love, oh, my love Only my love holds the other key, to me Oh my love, Oh my love Only my love does it good to me</p>
Este mesmo homem que passava a mão no cabelo chama outro homem para dançar ao som do clássico romântico.	<p>Wo wo wo wo, wo wo wo wo My love does it good Don't ever ask me why I never say goodbye to my love It's understood, it's everywhere with my love My love, she does it good Wo wo wo wo, wo wo wo wo My love does it good Oh, I love, oh, my love Only my love does it good to me Wo wo wo wo wo wo wo wo wo wo</p>

Fonte: Fotograma extraído do documentário “Humano, demasiado humano”.

O que nos chama a atenção é para a felicidade mútua em todos os rostos pela dança dos dionísios. Em um dos trechos da melodia a letra assevera que “quando eu for embora, eu sei que meu coração pode ficar com meu amor”. (tradução nossa). Ora, não se trata apenas de um possível sentimento entre o casal de homens que dançam, trata-se desse sentimento entre estes indivíduos que, mesmo ao partirem daquele convívio continuarão a manter esses laços humanos que criaram no interior do território da loucura, e possivelmente suas memórias afetivas irão se recordar desta cena ao ouvir novamente a mesma melodia.

Ainda hoje, esta cena talvez não ocorresse com tanta espontaneidade e aceitação no território dos “normais”. Talvez fosse possível que uma das causas para que esses indivíduos estivessem internados no HPCJM fosse essa expressão homoafetiva, uma vez que a exclusão da homossexualidade como doença mental foi revista pela Organização Mundial de Saúde (OMS) apenas em no dia 17 de maio de 1990 e ratificada em 1992.⁷⁴

Concluimos este capítulo com a segura hipótese de que este *corpus* analisado está atravessado, como diria Didi-Huberman, por “seres humanos [que] se tornam vaga-lumes – seres luminescentes, dançantes, erráticos, intocáveis e ‘resistentes’” (2011, p. 23).

Ao apontarmos para essa direção inversa do biopoder imunitário, se faz necessário agora analisarmos no próximo capítulo essas expressões artísticas através da pintura, produzidas no interior do HPCJM. Como verdadeiras fontes históricas e pictóricas⁷⁵ nos possibilitará registrar uma história da loucura desde outro lugar que não aquele produzido pelos saberes psiquiátricos e pelo biopoder, nos possibilitando o acesso a uma dimensão profunda e fundamental da loucura.

Apresentaremos um breve relato da experiência na exposição do acervo do Ateliê Espaço Luz do HPCJM, e em seguida, analisaremos algumas obras de três artistas que estiveram internados no hospital.

74 Disponível em: <http://editoraunesp.com.br/blog/ha-26-anos-homossexualidade-deixa-de-ser-considerada-doenca-mas-homofobia-ainda-persiste>, Acessado em: 22/01/2020.

75 Sobre essa questão documental de fontes históricas e pictóricas da loucura Foucault apresentado por Rajchman (1987) nos traz a seguinte reflexão: “Apoiando-se numa preocupação manifestada pela historiografia francesa recente, ele (Foucault) trata a literatura ou a arte não como uma tradição de grandes obras nem como um grupo de textos referindo-se mutuamente na teia infinita da intertextualidade, mas como *documentos*..”. (1987, p.32).

4. O ATELIER DOS *LUCIOLES*: INSUSPEITADAS RIQUEZAS DA DIVERSIDADE HUMANA

Natureza formosa,
eternamente a mesma,
dizei aos loucos, aos mortais dizei
que eles não perecerão.

Rosalía de Castro

A primeira vez que entrei no Ateliê Espaço Luz, fiquei impressionado com aquelas produções. Quadros pintados com cores vibrantes, esculturas de rostos belíssimos, todos expressando um universo artístico e cultural inestimável. Não necessitava ser “doutor” em artes plásticas para ser impactado com a beleza daquelas obras. Com toda certeza não foi por menos o impacto que o artista Max Ernst sofreu ao visitar um asilo de pessoas em sofrimento psíquico ficando fascinado com as produções artísticas dos pacientes, a ponto de, após essa experiência, decidir se tornar um pintor. Ainda que desejasse, não foi o meu caso, infelizmente continuo em funções burocráticas da razão.

Ao ver aquelas pinturas e esculturas me senti como que tivesse descoberto pedras preciosas em um garimpo em que ninguém imaginasse que poderia ter algo tão valioso. Qualquer pessoa que observasse aquelas obras se perguntaria: como naquele espaço poderia ter aquelas produções? Mas as pessoas que estão em um hospital psiquiátrico são capazes de produzir coisas belas? São esses “doentes” que produziram isto? (Diário de Campo, 08/05/2018).

É desta forma que este espaço revelou um enorme interesse científico e artístico para a presente pesquisa, adquirindo posição especial para dedicarmos este capítulo com um breve relato sobre a experiência da exposição do acervo encontrado no Ateliê Espaço Luz do HPCJM na Galeria Lavandeira localizada no CCTA da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, tendo como intuito, a tentativa de estabelecer um “melhor lugar para vê-los”, bem como, através de suas discretas luminosidades possibilitar uma experiência de belíssimos lampejos numa nova paisagem.

Mais adiante, faremos uma pequena análise da obra de três artistas, auxiliados pelos estudos das imagens do inconsciente propostos por Nise da Silveira (2015) analisando como estas obras se tornaram expressões biopotentes da diversidade humana, sendo um importante instrumento de afirmação da vida desses indivíduos e de registro histórico-cultural sobre o território e expressões da loucura.

De acordo com Jung “Nós vivemos entre dois mundos, ou seja, entre dois sistemas de percepção totalmente diferentes: percepção de coisas externas, por meio dos sentidos, e percepção de coisas internas, por meio das imagens do inconsciente” (JUNG, 2016, p. 38). Trazer essas expressões artísticas, entendidas a partir de uma ideia de resistência e potência da vida de pessoas em sofrimento psíquico, nos auxiliou a atravessar uma construção biopolítica de cunho niilista para pensar em novas estruturas em favor da vida, ainda que trágica.

4.1 Exposição “Humanos, Artisticamente Humanos” – Relato da experiência da loucura num território acadêmico de arte.

Com o objetivo prático de sair de um espaço de objetificação para um espaço de afirmação daquelas expressões, e após visitar semanalmente - às sextas e aos sábados pela manhã – o Ateliê Espaço Luz, surgiu a necessidade que, para além de um experiência pessoal de pesquisador, de que aquelas obras pudessem estar num espaço acadêmico reservado para obras de artes. Era o momento de mostrar outra coisa. A beleza humana dessas expressões.

Como orientação foi escolhido então, na UFPB, o local onde os cursos de Arte são ministrados, qual seja, o Centro de Ciências, Turismo e Artes-CCTA, possibilitando que alunos e professores daquele Centro Acadêmico manifestassem suas opiniões sobre as referidas obras produzidas pelos pacientes do HPCJM. Logo se estabeleceu a parceria com o Departamento de Artes Visuais através da Prof.^a Marta Penner, que com total empenho e dedicação acolheu a ideia e imediatamente foi conhecer o Ateliê Espaço Luz no Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira.

Após constatar o precioso acervo do HPCJM, tivemos a autorização e o enorme apoio da Coordenadora de Ações Estratégicas Ana Karina de Almeida, e do Artista e Filósofo Neuri Mossmann responsável pelo espaço e organização de todo o acervo que iria ser exposto. Providenciamos junto a Coordenação da Galeria Lavandeira, na pessoa do Prof. Dr. Marcelo Coutinho, o agendamento da Galeria para os dias 03/12/2018 à 17/12/2018, período este que contemplava o retorno das aulas no mencionado centro, (Anexo B). A exposição tratava-se de um marco histórico para aqueles pacientes, bem como, para a instituição, pois pelo o que foi relatado na coleta de dados nunca o acervo tinha sido exposto em um espaço oficial de arte, uma Galeria de Arte. Muito mais que um procedimento de pesquisa e de coleta de dados sobre a opinião dos alunos e professores com relação às obras, esta ação, permitiu também reescrever o lugar daquelas pessoas, que agora adentravam num espaço artístico e cultural oficial, onde

tudo aquilo pudesse ser visto, exposto, contemplado, debatido, protegido, reconhecido, humanizado. Se a alegria e o entusiasmo dos profissionais envolvidos, tanto do departamento de arte visuais, como do HPCJM, era constante e real, fico a imaginar o sentimento dos próprios artistas-pacientes ao contemplar suas obras não mais encostadas em uma parede, ou em um quarto qualquer, mas expostas em uma Galeria sendo apreciadas por todos que ali passavam. Um verdadeiro elogio à loucura! Esses *luciosos* migraram para um espaço destinado às artes.

Após ver a exposição já montada, o Prof. Dr. Marcelo Coutinho, responsável pela Galeria, sugeriu estender o período da exposição, pois gostaria que ficasse por muito mais tempo, mas devido ao recesso acadêmico a exposição necessitou ser desmontada.

Da montagem, participamos eu, Neuri Mossmann (Coordenador das Atividades do Ateliê Espaço Luz), a Profa. Marta Penner do Departamento de Artes Visuais e o Acadêmico e Estagiário da Galeria Lucas Amorim. Assim que finalizamos a montagem na Galeria Lavandeira, ficamos em êxtase por alguns minutos olhando aquilo tudo, mesmo com limitados focos de luz para cada obra, a sala toda estava iluminada por aquele acervo. Talvez tenha entendido porque se chamava Ateliê “Espaço Luz”.

Aqui registro a orientação proferida pela Prof^a Marta Penner durante o processo de montagem e curadoria da mostra, em perfeita consonância ao pensamento do filósofo francês Didi-Huberman, orientando a professora que para a escolha das obras que seriam expostas “não era o momento de dar ênfase ao horror, ao terror e sim a beleza daquela diversidade humana”.

Essa experiência fora compartilhada por todas as autoridades que participaram da abertura da exposição, pois ficaram consideravelmente compenetrados com tanta beleza daquele acervo, beleza essa não só estética, mas demasiadamente humana. Também aí entendemos ter acertado no nome dado à exposição “Humanos, Artisticamente Humanos”, numa referência nietzscheana ao título de sua obra *Humano, Demasiado Humano* (2001). Entre as autoridades estavam, o Diretor do HPCJM, Dr. Walter Franco, a Coordenadora do Núcleo de Ações Estratégicas a Psicóloga Ana Karina, a Vice-Reitora da UFPB Profa. Bernardina Oliveira, a representante da Pró-Reitoria de Pós-Graduação-Profa. Dra Márcia Fonseca, a Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas-Profa. Dra. Suelidia Maria Calaça, o Coordenador do Núcleo de Cidadania e Direitos Humanos da UFPB-Prof. Dr. Paulo Vieira de Moura, a Profa. Dra Luziana Ramalho, na época orientadora e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, o Presidente da Comissão de Direito, Arte e Cultura da OAB/PB, Dr. Joaquim Lorenzoni, o Artista Chico Viola, entre outros, junto à equipe da exposição já mencionada acima. (Diário de Campo, 04/12/2018).

Tendo em vista que a maioria do acervo é de autoria de internos que estiverem internados em períodos anteriores, bem como, do grande desafio em identificar a autoria das obras por falta de procedimentos de catalogação, não foi possível convidar ou mencionar a história de vida desses artistas que ainda continuam desconhecidos. Os poucos que conseguimos identificar, dois ou três, não foi possível também encontrar seu histórico pessoal ou encontrá-los para convite à exposição.

Contudo, os internos do Juliano que se encontravam internos à época da exposição, tendo em vista que a internação se dá de forma rotativa pelo tempo de internação diminuído, participaram em dois dias da exposição.

Aquele pequeno espaço com paredes de concretos brancas e alguns focos de luz estava ornado de uma beleza humana única, uma beleza ímpar, porque não se percebia somente as fantásticas obras, mas nelas, as expressões vivas desses artistas, suas dores, euforias, desejos de liberdade, desejos de expressarem suas humanidades e assim fazer parte também desse relacionar-se com o outro, de ser considerado como alguém que tem algo a dizer, a falar, a se expressar. Podia-se compreender claramente o desejo antigo dos intelectuais da semana moderna na aproximação com a loucura em busca dessas expressões livres de qualquer imposição acadêmica, esta sim eram verdadeiras expressões artísticas, como bem coloca Flávio de Carvalho sob o problema estético de seu tempo, entendendo que “ a arte anormal (como ele a designava) era a única arte que contava. Esta conteria valores artísticos profundos e estaria atravessada pelo que o homem tem de demoníaco e sublime, de raro, burlesco ou filosófico, enfim, algo que teria a espessura da vida” (CARVALHO *in* Lima, 2009, p.101).

Tivemos a certeza de que todo esse acervo, e os que porventura vierem a ser produzidos não poderiam ser esquecidos ou terem o destino de seus autores, presos em um estigma que despersonaliza, desqualifica. Pelo contrário, através dessa exposição, através dessas obras, através desta arte, é o próprio louco que tira self da sua realidade criativa e substitui uma imagem grotesca que lhe foi destinada pelo poder psiquiátrico e pela sociedade, por uma outra imagem da mais alta expressão humana – o inconsciente, e ao invés de ser embotada deverá agora ser expressada nas mais diversas cores.

Entre os discursos proferidos na abertura da exposição merece destaque a fala inaugural do Diretor do Hospital, Dr. Walter Franco, que trouxe em seu discurso uma importante reflexão sobre as obras, mas especificamente, sobre o paradigma de quem seria “normal” ou “anormal”, retratando que muitos que estão “aqui fora”, considerados normais, cometem muito mais barbaridades do que aqueles que estão em tratamento num hospital psiquiátrico. E retratando a realidade local do CPCJM, relatou que o maior desafio dele na

Gestão não são as pessoas internadas, mas, são alguns funcionários que não se deram conta que eles é que estão “doentes”, que por estarem ali há muitos anos não sabem mais se relacionar com uma nova abordagem institucional antimanicomial. Como nos lembra Silveira (2015, p. 19), “Os hospitais, porém, continuam seguindo rotina de raízes em concepções já superadas”.

Percebemos neste discurso que o corpo institucional ainda vive sob o manto do Poder Psiquiátrico tradicional, como se o modelo psiquiátrico hospitalocêntrico estivesse exercendo um poder social preponderante, mesmo com mudanças estruturais na rede de saúde mental.

Outro discurso que me chamou a atenção foi o da assistente social integrante da equipe quando em sua fala asseverou veemente que os indivíduos precisavam, necessitavam do Hospital, como se o HPCJM fosse essencial para a vida dessas pessoas. A impressão que foi gerada pelo discurso lembrou-me do que é colocado por Foucault sobre o grande internamento na época clássica: “O internamento que o louco, juntamente com muitos outros, recebe na época clássica não põe em questão as relações da loucura com a doença, mas as relações da sociedade consigo própria, com o que ela reconhece ou não na conduta dos indivíduos” (Foucault, 1978, p. 86).

A fala realmente nos traz a realidade vivida no interior do HPCJM em relação a uma população pobre que ocupa aquele espaço observado por Olívia Almeida (2016, p. 75), extensionista do LouCid⁷⁶:

A classe social das pessoas que utilizam instituições manicomiais públicas, como é o CPJM, denuncia a íntima relação entre loucura e pobreza. Em alguns momentos de diálogo das/os extensionistas com as pessoas participantes das oficinas era perceptível como o lugar do manicômio era reforçado por ele suprir outras carências da existência dessas pessoas. O hospital psiquiátrico não era só lugar de oferta de um cuidado em saúde mental, ou que respondia a um pedido de controle e defesa social. De modo bastante precarizado, ele possibilitava, e certamente ainda proporciona, uma moradia para aquelas pessoas, um espaço para higiene, alimentação e proteção (CORREIA, FRANCO, et al., 2013). Esta relação acabava por criar situações de dependência com a instituição e justificar sua existência. Este era um dos argumentos contrários à luta antimanicomial debatidos e desmistificados nas oficinas: se o hospital psiquiátrico fechasse, para onde iriam todas aquelas pessoas? (in apud, CORREIA, 2018, p. 53).

Comprendemos desta forma que os indivíduos que participam dessas atividades artísticas no Ateliê Espaço Luz, na sua grande maioria são pessoas pobres, internadas talvez

⁷⁶ Grupo de Pesquisa e Extensão Loucura e Cidadania (LouCid), vinculado a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), liderado pela Prof^a Dra. Ludmila Correia.

por não possuírem condições socioeconômicas para entender o sofrimento psíquico experimentado.

Após o evento de abertura, iniciamos a visita à Galeria no período de 05/12/2018 ao dia 17/12/2018, no horário das 10:00h às 21:00h, sendo sugerido aos visitantes um roteiro de perguntas semiestruturadas que respondiam aos objetivos propostos na pesquisa e seria respondido na saída, conforme modelo do Apêndice A. De acordo com o elencado, os sujeitos seriam de preferência alunos e/ou professores integrantes daquele Centro Acadêmico (CCTA/UFPB) para que se pudesse obter informações sobre a legitimação artística daquele acervo, bem como, o discurso dos integrantes daquele espaço. Verificamos que dos 186 visitantes da exposição, somente 33 pessoas, tiveram disponibilidade em responder o questionário de entrevista e destas, somente 14 pessoas pertenciam ao CCTA/UFPB (cursos de Artes Visuais, Jornalismo, Radialismo - rádio e tv -, Turismo e Teatro). Outras 19 pessoas não pertenciam ao CCTA/UFPB, (cursos de Psicologia e Serviço Social). Visando respeitar o anonimato e o sigilo dos participantes não foi solicitado que se identificassem, apenas que mencionassem o respectivo grau de instrução e curso. Neste sentido, foram coletados 33 questionários. Nas respostas da comunidade acadêmica, apareceram discursos com relação às produções artísticas expostas na Galeria Lavandeira de pelo menos duas formas. Uma delas, a) relatando a experiência pessoal que tiveram com as obras; e a outra, b) se posicionando de forma crítica na apresentação de argumentos de legitimação artística dessas expressões e reconhecimento cultural. (Diário de Campo, 15/12/2018).

Como nosso objetivo não está vinculado à análise da recepção dessas obras, apenas procedemos com esse pequeno relato por acreditar na importância da ação proporcionada, que de alguma forma é complementar àquela de contramovimento biopotente e antiniilista discutida nos capítulos anteriores. Apresentaremos todo o material referente à exposição – cartaz, folder, vídeos, questionários propostos – nos Apêndices A, B, C, D e E para consulta.

A experiência de expor as obras pertencentes ao acervo do Ateliê Espaço Luz do HPCJM, foi verdadeiramente uma experiência histórica que possibilitou abrir intervalos nas concepções dominantes tanto no campo da ciência quanto naquele território acadêmico de arte. Foi de certo modo uma experiência historicamente trágica e biopotente.

4.2 Expressões e Imagens da Loucura: lampejos criativos de uma outra história.

Penso como Antonin Artaud: 'Há dez mil modos de ocupar-se da vida e de pertencer a sua época'.

O que já abordamos até aqui deveria se tornar suficiente para comprovar a hipótese do presente estudo de que as expressões da loucura através da arte são uma forma biopotente de abalo sísmico das estruturas rígidas da dominação racional e seu modo de se relacionar com tais existências. Mas, como há uma riqueza infinita nessas expressões, bem como, o nosso compromisso de compreender a importância dessa arte para as pessoas em sofrimento psíquico e para o registro histórico-cultural do território da loucura, não poderíamos deixar de apresentar no presente estudo, uma análise de obras selecionadas do acervo do Ateliê Espaço Luz do HPCJM. Analisaremos desta forma, a obra de três artistas, que também fizeram parte da exposição mencionada na seção anterior, sob o prisma teórico e o campo conceitual do trabalho realizado por Nise da Silveira.

O aspecto trágico dessas obras nasce em meio à dominação psiquiátrica daquela instituição manicomial. Irrompem através de imagens poéticas, elevando a loucura de um patamar de rejeição a um estandarte de fascínio, dada a sua beleza, capaz de dar representatividade social aos que foram excluídos por muito tempo, e, produzindo um patrimônio de diversidade cultural brasileira relegado em diversos hospitais.

Um registro histórico importante que encontramos em uma das cenas do documentário *Humano, demasiado humano*, analisado no capítulo anterior, são imagens de um ateliê de pintura já em plena atividade naquele ano de 1990 e naquela estrutura manicomial.

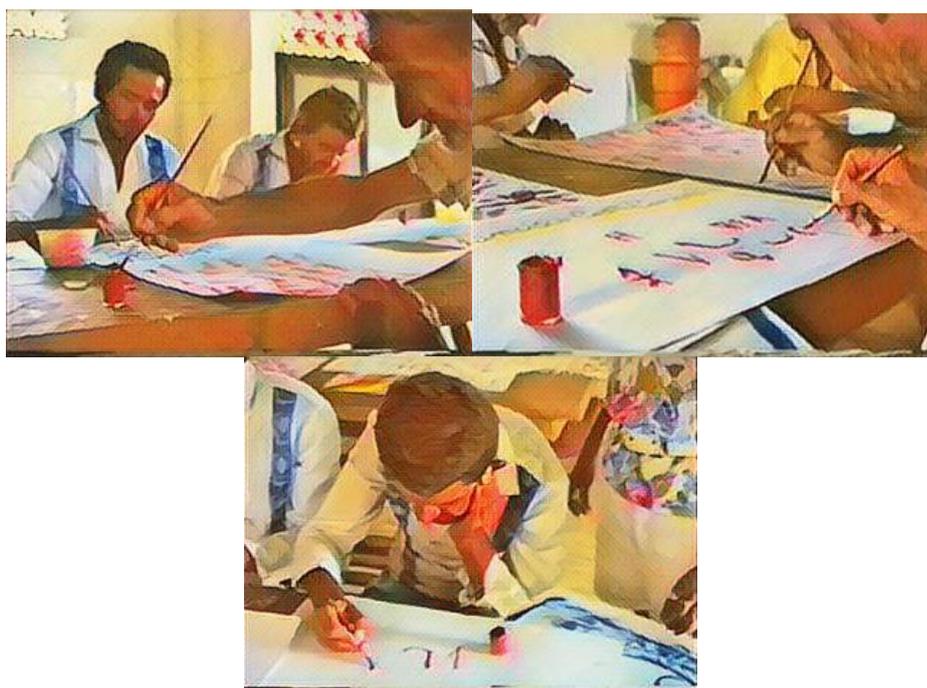


Figura 17 – Ateliê de Pintura

Fonte: Fotograma extraído do documentário “Humano, demasiado humano”.

Decorre deste registro, que o Ateliê Espaço Luz não é uma novidade da gestão atual, conforme nos tinham informado, mas este espaço de arte já fazia parte da estrutura do HPCJM em anos anteriores. Isso corrobora para importância destinada a arte como instrumento utilizado no histórico de gestão do HPCJM e desta forma, a produção artística de pessoas em sofrimento psíquico. Encontramos um importante relato de produções artísticas no interior do hospital que acabou integrando a coleção de arte do poeta brasileiro Mário de Andrade:

Durante a missão folclórica Luiz Saia trouxe para Mário de Andrade a imagem de um Oxê de Xangô feito em madeira pelo paciente Augusto que estava internado no Hospital Colônia Juliano Moreira localizado em João Pessoa. A peça integrou a coleção de Mário de Andrade (CARVALHO, 2015, p. 25).

A maioria das obras que observamos no Ateliê Espaço Luz, são de autores desconhecidos, tendo em vista que a Gestão do Hospital não possui ainda sistemas de catalogação e identificação desse acervo, aguardando futuras parcerias com Universidades ou outros setores para que assim se possa realizar tais procedimentos sobre este patrimônio.

Foram expostas por volta de 12 telas produzidas sobre a técnica de grafite e pigmento com grude no papel, bem como, esculturas em papel machê e diversos papéis com textos e desenhos feitos de giz de cera em papel ofício.



Figura 18 – Fotos do Ateliê

Fonte: Acervo do Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira

Uma das primeiras obras que nos chamou a atenção, dentre as expostas na Exposição, foi de um artista cujo nome é indicado pelos profissionais como apenas “Marconi”. Sua produção é realizada através da técnica de grafite e pigmento com grude sobre o papel. Em uma de suas primeiras composições, transparece um aspecto amontoado de linhas pretas e vermelhas, com letras também na cor preta, expressando as mais diversas condições de desordem interna em que se encontrava ao iniciar a atividade de pintura.



Figura 19 – Pintura Marconi 01
Marconi, data desconhecida, grafite e pigmento com grude sobre o papel, 39,7 x 53,4cm.
Fonte: Acervo do HPCJM – Ateliê Espaço Luz.

Nessa primeira pintura de “Marconi”, observamos o que Nise da Silveira (2015) descreveria como “a luta entre o ego e o inconsciente, luta que define a esquizofrenia: o ego fraqueja, é derrotado diante do ataque violento do inconsciente. E o mundo externo desorganiza-se como num terremoto” (fig. 19). Verificamos aqui essa expressão caótica de seu mundo interior. De acordo com a abordagem de Jung (1991) “o significado social da expressão artística é como um processo de autorregulação na vida das épocas e nações, preenchendo uma carência ou ânsia coletiva”. O autor compreende “que as expressões singulares estão articuladas ao contexto, a uma época, pois o sofrimento se articula às dimensões sociais, culturais e políticas de um momento e de um contexto” (Jung, 1991, p. 65).



Figura 20 – Pintura Marconi 02
 Marconi, data desconhecida, grafite e pigmento com grude sobre o papel, 42,3 x 51,5cm.
 Fonte: Acervo do HPCJM – Ateliê Espaço Luz.

Contudo imagens circulares disposta no centro de um segundo desenho em singelos tons de amarelo, nos mostra o que para Nise da Silveira seria “as forças ordenadoras de defesa que foram mobilizadas” (fig. 20). Assim observamos, uma completa mudança, onde quando não se vê as linhas tortuosas na cor preta, expressando um possível processo de estabilização (fig. 21).



Figura 21 – Pintura Marconi 03
 Marconi, data desconhecida, grafite e pigmento com grude sobre o papel, 34,8 x 51,9cm.
 Fonte: Acervo do HPCJM – Ateliê Espaço Luz.

Poderíamos entender que esta expressão produzida por “Marconi”, demonstra o papel fundamental da arte com relação às pessoas em sofrimento psíquico em duas perspectivas: a) compreender seu estado psíquico; e b) auxiliá-lo na superação da crise. Na realidade, conforme depoimento do Diretor do HPCJM durante a exposição, assim ocorreu a superação

da crise. Aqui encontramos uma pequena demonstração de intermediação a partir da arte entre os mundos interno e externo. No dizer de Rancière (2009), uma “partilha do sensível”, necessária para essa aproximação ao território da loucura, principalmente para reconfigurar as estruturas da razão científica que insistem em dominar este território e nesta dominação, excluir experiências trágicas. Segundo Faleiros e Campos (2016, p. 64), “a estratégia da criatividade não é uma cortina para a negação do sofrimento, da crise vivida, diante da demanda psíquica e social. [...] a criatividade é, ao mesmo tempo, expressão simbólica do sentimento, da dor, da alegria e de várias emoções”.

Com relação a este importante papel desempenhado pela arte no território da loucura e nas estruturas do poder psiquiátrico, observamos o caso do Psiquiatra e fundador do Grupo Harmonia Enlouquece-RJ, Francisco Savão, onde a música tornou possível uma nova forma de expressão e cuidado no exercício de sua atividade profissional, e para além dela, extrapolando os limites da clínica para uma autêntica reabilitação pessoal, cultural e social dos pacientes.

Me formei e fiquei 26 anos trabalhando na emergência do Hospital Pinel. Trabalhei também em três grandes manicômios e sempre fiquei incomodado com a falta ou com a pouca atividade oferecida às pessoas internadas há 15 anos atrás - isso em 92, 93 [...] Eu tive a sorte da arte estar no meu caminho profissional (BRITTO *in* AMARANTE E LIMA, 2007, p.57).

Logo de pronto, percebemos a importância que esse Psiquiatra dá ao encontro com a arte no seu caminho profissional, corroborando nessa construção inicial com a importância de se estabelecer uma formação artística no estudo clínico de pacientes de saúde mental, bem como, no intercâmbio entre espaços de arte e a prática psiquiátrica. E continua relatando sua experiência

[...] há 15 anos atrás, num grande hospício onde estava internado, há anos, um talentoso ex-paciente da Dra. Nise da Silveira, que eu tive a oportunidade de trabalhar por um ano e meio junto com o Dr. Osmar Trevisan, discípulo de Dra. Nise, na assistência desse paciente. E eu, assistindo às atividades de desenho e conversa, vi que as mesmas estavam organizando o paciente e ele então, estava configurando também uma identidade auto aceitável por ele, que devolveu sentido e equilíbrio suficiente para sustentar a sua alta e saída daquele local. Foi assim que a gente conseguiu tirar ele de lá (in, apud AMARANTE E LIMA, 2007, p.57).

Uma organização interior percebemos em obra posterior de “Marconi” onde reconhece e registra um novo espaço, o qual acreditamos está relacionado com a praça “Beija-Flor”, local aberto com árvores, flores e bancos no interior do HPCJM. Nise da Silveira (2015, p. 40) faz

uma importante observação sobre a obra de arte como um “documento psíquico” descrevendo sua importância para compreendermos “através da estruturação do espaço” percebido na obra “as relações do indivíduo com o meio onde vive e a ideia que o homem faz da ordem cósmica”. A realidade retratada na obra por “Marconi” registra a potência antiniilista gerada pela arte estruturando e transformando o cenário interior/exterior, expressando através de sua sensibilidade agora ordenada um aspecto aproximado da realidade externa (fig. 22).



Figura 22 – Pintura Marconi 04
Marconi, data desconhecida, grafite e pigmento com grude sobre o papel, 33,6 x 52,9 cm.
Fonte: Acervo do HPCJM – Ateliê Espaço Luz.

Um novo mundo surge nas pinturas de “Marconi”. Como se pode ver um espaço organizado, com luz, tons escolhidos para retratar o céu, a copa das plantas, flores. Esse processo de composição com a natureza transparece equilíbrio. Uma inserção naquele espaço exterior ao trazer esses elementos da praça. Nesse sentido, “Marconi”, atribuiu a praça “beija-flor” um valor, um sentido, que o faz redescobrir seu lugar no mundo (fig. 22). A praça “beija-flor” se torna um lugar onde o mundo externo se configura para “Marconi”, o mundo mais ameno. Aqui percebemos o quão importante é o papel da arte para a vida de “Marconi” e sua condição pessoal.

Essa relação de auxílio proporcionada pela arte as pessoas em sofrimento psíquico, é encontrada na fala do poeta e dramaturgo Qorpo-Santo, quando definia que sua obra *Ensiqlopèdia* seria a “panaceia para todos os males”, acrescentando: “As minhas enfermidades trazem-me um tríplice melhoramento: mais saber, mais força, mais poder!”⁷⁷ Esse auxílio

⁷⁷ Qorpo-Santo, 2000, p. 319

proporcionado pela arte fica evidente quando o poeta retrata em um de seus poemas esta dimensão da arte o manter em uma “altura digna”, como vemos abaixo:

S’ esforço e arte
Ajudar me – póde
Socorrer me – venham,
E me – mantenham
Na altura digna?⁷⁸

Um segundo acervo aqui analisado, é o da artista Poliana Fernandes, que utiliza em suas obras a técnica de guache sobre papel machê. O acervo selecionado tem o nome de “A Família de Rita Cebola”, conforme informado pelo artista e filósofo Neuri Mossmann quando da curadoria e montagem da exposição. Trata-se de três peças, uma mulher, um homem e uma criança. Suas pinturas trazem expressões do povo negro. Talvez a artista quisesse retratar essa família que em sua grande maioria constituiu (ou constitui) a identidade dos internos (homens, mulheres, adolescentes e crianças) dos hospitais psiquiátricos no Brasil.

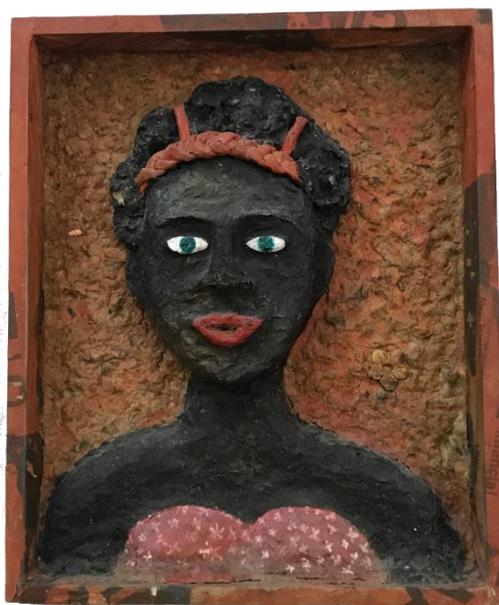


Figura 23 – Rita Cebola
Poliana Fernandes, Outubro/2010, guache sobre papel machê, 27,7 x 42,4cm.
Fonte: Acervo do HPCJM – Ateliê Espaço Luz.

⁷⁸ Qorpo-Santo, 2000, p. 216



Figura 24 – Esposo da Rita Cebola
 Poliana Fernandes, Outubro/2010, guache sobre papel machê, 17,7 x 23,2 cm.
 Fonte: Acervo do HPCJM – Ateliê Espaço Luz.



Figura 25 – Filho da Rita Cebola
 Poliana Fernandes, Outubro/2010, guache sobre papel machê, 22,7 x 31,4 cm.
 Fonte: Acervo do HPCJM – Ateliê Espaço Luz.

Essa dimensão racial que é captada através da obra de Poliana Fernandes, demonstra aqui uma situação de exclusão e dominação no interior do território da loucura no Brasil desde o período colonial. É justamente o que o antropólogo e sociólogo francês Roger Bastide nos coloca em sua obra *O sonho, o transe e a loucura* (2016) como sendo consequência de “todo o problema da psiquiatria ‘colonial’, [...] de dominação de um grupo majoritário por um grupo minoritário”. Segundo Bastide (2016, p. 222),

Parece que se deve estabelecer uma distinção entre as sociedades “paternalistas” e as sociedades “racistas”. O que definiria as primeiras seria a existência, lado a lado, de duas psiquiatrias diferentes, a dos brancos (psicoses constitucionais) e a dos negros ou dos indígenas (psicoses orgânicas e toxi-infecciosas), que traduziria no plano da saúde mental uma estrutura social de duas classes fortemente hierarquizadas. Justamente esse fato – o de forte hierarquização – faz com que o indígena ou o descendente africano fiquem em seu lugar, sem tentar ascender: temos a classe dos senhores brancos e a dos escravos (ou dos servos).

A questão racial, estabelecida/fortalecida/utilizada pela biopolítica psiquiátrica de cunho eugenista exercido no interior dos manicômios é descrita pelo escritor Lima Barreto (1988). Algo que ele mesmo sentia na pele. Sobre a questão das condições sociais, raciais de grupos minoritários excluídos, Lima Barreto (2017) nos relata o seguinte:

Sem fazer monopólio, os loucos são da proveniência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres da nossa gente pobre. São de imigrantes italianos, portugueses e outros mais exóticos, são os negros, roceiros, que teimam em dormir pelos desvãos das janelas sobre uma esteira esmolambada e uma manta sórdida; são copeiros, cocheiros, moços de cavalaria, trabalhadores braçais. No meio disto, muitos com educação, mas que a falta de recursos e proteção atira naquela geena social (BARRETO, 2017, p. 56).

Sobre essa diversidade de raças e povos que estão no território da loucura Lima Barreto nos traz de maneira clara, a característica dominante de indivíduos nesse território, ou seja, a maioria eram de negros: “Era um rapaz moreno, olhos e sobrancelhas negras, assim como os cabelos, de um negro bonito e luzente.” E continua em outro trecho: “Um outro companheiro de dormitório é um tal Cabo Frio. Tem os traços todos do nosso camarada roceiro, com um fundo muito forte de índio, cabelos negros e barba também grossas e luzidias”. Lima Barreto observa sempre e descreve de forma pormenorizada o biotipo dos indivíduos que ali estavam: “Uma das últimas foi a do Borges, num negro pretíssimo, de pais ricos, mas façanhudo, rixento, que não pode estar na seção para que paga pois agride todos por dá cá aquela palha”. E em outro momento observa: “Era este um menino, moreno, completamente idiota. Tinha as feições regulares, a não ser a boca, os olhos negros cravados nas órbitas, e balbuciava que nem uma criança”.

Essa descrição de Lima Barreto, corrobora perfeitamente com a posição trazida por Bastide, na qual o poder psiquiátrico foi utilizado não apenas como uma preocupação médica, mas para afirmar uma exclusão racial de negros e índios, exclusão esta que ainda hoje reverbera no território da loucura. Como coloca Bastide (2016) ainda vislumbramos essa “antiga dicotomia”:

A linha de cor, ao contrário, ao “frustrar” o negro ou o indígena que ascende em uma sociedade em que as raças se tornam concorrenciais, marca o “colonizado”, assim denominado por Kardiner e Ovesey em um livro célebre, *The Mark of Oppression*. Se, em certa medida, a antiga dicotomia perdura (importância das psicoses sífilíticas ou alcoólicas entre os negros), em geral os autores estão de acordo em explicar a prevalência das desordens mentais entre os descendentes de africanos em razão dos efeitos da dominação de uma raça por outra, das discriminações, da desorganização social causada pela migração, da fuga diante do racismo. Malzberg encontra, no estado de Nova York, uma porcentagem de primeira admissão nos hospitais psiquiátricos de 151 para 100 mil indivíduos, comparada a 74 de brancos, e, se padronizarmos as idades, pois a população negra é mais jovem do que a branca, de 225 e de 97 para 100 mil, respectivamente (BASTIDE, 2016, p. 224).

Verificamos ao observarmos esses dados sempre uma importante dimensão biológica destacada nas causas da loucura dos negros com estrita relação à perspectiva eugênica do biopoder. Por exemplo, o caso da dimensão do álcool como causa da loucura dos negros é retratado na vida dos pacientes, conforme também expressado por Lima Barreto ao declarar que desse problema com o álcool, ele tinha plena consciência: “De mim para mim, tenho certeza que não sou louco; mas devido ao álcool, misturado com toda espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material há seis anos me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura: delírio” (BARRRETO, 2017, p. 67). Este problema da “loucura entre os negros”, segundo Bastide (2016), “parece não ter preocupado nem os psiquiatras nem os sociólogos antes do fim do século XIX. O que chama atenção da loucura entre os negros tem a ver com a abolição da escravatura” (BASTIDE, 2016, p. 223). Trata-se verdadeiramente de uma preocupação vinculada à dominação, a uma maneira de destinar para os negros um outro território, já que o território escravo havia sido abolido. Nada tem a ver com nobres preocupações de saúde daqueles indivíduos. Será que hoje não continuamos essa mesma justificação de “cuidado” com um fundo racial excludente? Ou pior, medicados sob perspectivas eugênicas tão propagadas no início da atividade psiquiátrica, como por exemplo através do estudo de Nina Rodrigues?

Nina Rodrigues, em suas primeiras obras, mostra a abasia coreiforme epidêmica no Norte do Brasil, a paranoia entre os negros, a loucura das multidões, a importância da sugestibilidade na alma negra e vê na civilização africana que sobrevive na Bahia uma cultura sistemática dessa sugestibilidade. É com base nesses trabalhos que os psiquiatras brasileiros estudarão o duplo problema das religiões afro-americanas como expressões de crises “históricas” e da diversidade das formas da “loucura” segundo as raças, sobretudo ao longo do período 1930-1940. No entanto, em outros países da América do Sul, como a Colômbia, a Venezuela ou as Guianas, com grande proporção de negros, não parece que o problema tenha preocupado tanto os psiquiatras como ocorreu no Brasil [...]. (BASTIDE, 2016, p. 236).

Como crítica sobre a relação contagiosa e eugênica que se faz entre loucura e outras dimensões como a raça, a pobreza, a falta de instrução, Lima Barreto nos questiona da seguinte maneira: “Por que a riqueza, base de nossa atividade, coisa que, desde menino, nos dizem ser o objeto da vida, da nossa atividade na terra, não é também a causa da loucura? [...] Por que as posições, os títulos, coisas também que o ensino quase tem por meritório obter, não é causa de loucura?” (BARRETO, 2017, p. 42). Precisamos justamente afirmar e promover as autênticas expressões da loucura manifestadas através da arte, pois, sem intermediários, essas expressões nos permitem “martelar” com toda a força biopotente essas “verdades” excludentes construídas em torno do território da loucura.

Observemos agora uma obra que segundo a Coordenadora do Núcleo de Ações Estratégicas do HPCJM, a Psicóloga Ana Karina, relatou ter recebido um prêmio internacional, apesar desse registro sobre o prêmio ter sido perdido. Trata-se da obra do autor identificado como “NÓPAPPAS”, onde retrata em sua obra um rosto-corpo que chora, tendo em seu interior algo que lembra um feto e no exterior uma árvore, lua e estrelas. A técnica utilizada é óleo sobre papel, conforme vemos na figura abaixo (fig. 26).



Figura 26 – Expressão Silenciada
Nópappas, data desconhecida, óleo sobre o papel, 58,6 x 77,9 cm.
Fonte: Acervo do HPCJM – Ateliê Espaço Luz.

Nessa obra pintada por “Nópappas” percebemos um homem que chora, talvez por que esteja silenciado, a vida que é gerada em seu interior não consegue sair pela boca, apenas está ligada ao mundo exterior por uma expressão da natureza o que para nós representaria a arte. Observamos que o autor se sente encerrado em sua linguagem, incapaz de comunicar-se com o

mundo exterior, e por isso chora (fig. 26). Fora, percebe todo um mundo estrelado, mas a vida gerada internamente não consegue sair, está aprisionada.

Na própria construção da História da Psiquiatria como saber médico, irá se verificar até mesmo na evolução da prática psiquiátrica o silenciamento dessa linguagem, quando “enquanto os antigos livros de psiquiatria eram repletos de reproduções da fala dos pacientes, hoje tudo que se vê são estatísticas e diagramas pseudomatemáticos. [...] o indivíduo desapareceu” (LEADER, 2013, p. 10). Descobrimos a loucura em nossa cultura e a recobrimos sob um manto de silêncio. É este justamente todo o progresso da psiquiatria moderna, silenciar cada vez mais as expressões da loucura.



Figura 27 – Expressão Silenciada 02
Nópappas, data desconhecida, óleo sobre o papel, 37,7 x 55,4cm.
Fonte: Acervo do HPCJM – Ateliê Espaço Luz.

Em outro quadro, repete-se a mesma dimensão proposta de sofrimento pelo silenciamento, ao observarmos um rosto que chora e tem no lugar onde seria uma boca um desenho que se assemelha a um feto preso, envolto de um espaço imunitário branco. Com efeito, este aprisionamento lembra a característica niilista – eugênica – do exercício do biopoder imunitário. “Nópappas” nos auxilia nessa compreensão das expressões da loucura em relação às violações proporcionadas pelo biopoder. Suas obras fazem perceber o quanto esse silenciamento é contrário à vida, o quanto esta vida é sufocada, aprisionada, encerrada nos espaços hiperimunitários da razão moderna. Mas também nos demonstra, como a arte trágica pode ser mais eloquente do que o verbo racionalizado.

Desta forma, a importância dada por Nise da Silveira para atividade artística desempenhada por pessoas em sofrimento psíquico é justificada por ela como uma alternativa para indivíduos que não consegue verbalizar sua situação psíquica, e neste caso “só as imagens pintadas permitem que se vislumbre como o indivíduo está vivenciado o espaço naquele exato momento” (SILVEIRA, 2015, p. 21). Ao retratar a necessidade de expressão de pessoas em sofrimento psíquico, Nise da Silveira (2015, p. 22) reflete quando rever as pinturas de um de seus “clientes” de Engenho de Dentro, Fernando Diniz, que “certamente a linguagem abstrata presta-se a dar forma a segredos pessoais, satisfazendo uma necessidade de expressão sem que os outros os devessem”. Para Nise da Silveira (2015), a “inovação” do seu método psiquiátrico “consistiu exatamente em abrir para eles o caminho da expressão, da criatividade, da emoção de lidar com os diferentes materiais de trabalho”.⁷⁹

Verificamos desta forma a partir das análises acima realizadas, um caminho aberto no Ateliê Espaço Luz, que proporciona meios individualizados de expressão. Esta linguagem artística de pessoas em sofrimento psíquico possibilitou afirmar a vida a partir de três dimensões: a) no auxílio de uma reordenação psíquica em momentos de crise; b) na expressão de um documento histórico sobre os acontecimentos vivenciados no território da loucura; c) na abertura de uma caminho de comunicação e linguagem para compreensão pessoal e comunitária desses indivíduos.

Desta forma concluímos ancorados no pensamento de Nise da Silveira (2015), ao refletir um outro pensamento defendido pelo poeta e crítico de arte britânico Hebert Read, o qual nos coloca que “partindo de Fiedler [...] defende a teoria de que a arte foi, e ainda é, o instrumento essencial para o desenvolvimento da consciência humana”. Acrescentando Nise que as “artes plásticas seriam tipos de atividades que permitiriam ao homem proceder ao reconhecimento e à fixação das coisas significativas, tanto nas suas experiências externas quanto nas internas”.⁸⁰

Numa perspectiva trágica, esses indivíduos mesmo sabendo que seus algozes lhe esperam prontamente para retirar-lhe o gozo da vida, são impulsionados pela arte a viver, e nestas vivências, desabrocham caminhos a serem seguidos por todos.

⁷⁹ SILVEIRA, 1996, p. 47.

⁸⁰ SILVEIRA, 1996, p. 46.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de tudo, ela (a arte) ensinou, através de milênios, a olhar com interesse e prazer para a vida em todas as suas formas e a levar nossa sensação tão longe que finalmente exclamamos: Seja como for a vida, ela é boa!

Friedrich Nietzsche

Chegados a esse ponto, talvez já possamos entender a importância trabalhada aqui através da filosofia trágica em Nietzsche e a crítica que se faz a esta construção dominante por um desejo da “mais elevada saúde” que potencializa todas as violações contra a liberdade e os direitos fundamentais de pessoas em sofrimento psíquico. Uma dominação que exclui estes modos de existência e suas expressões, pois, neste conflito entre “instinto estético” e o “instinto de conhecimento”, a razão moderna insiste em silenciar existências “trágicas” a partir de um entendimento supervalorizado da lógica-racional, sem entender que essa mesma lógica é apenas um adereço consciente de uma vida que precisa estar em movimento, em conflito. Talvez seja o conflito a característica fundamental da vida, que as convenções de “Paz” da “Verdade” procuram sufocar através do desenvolvimento de uma cultura e de um Estado racionalizado.

Um poder biopolítico exercido ao avesso – em desfavor da vida -, agora emancipado das instituições manicomiais, persiste de diversas formas no interior de políticas públicas de saúde mental voltadas para estes indivíduos. Novas configurações territoriais da loucura como os Centros de Atenção Psicossocial, lugares que são criados para o cuidado, atenção e proteção, são transformados a partir da dinâmica imunitária de “eliminação” da doença, em territórios de exclusão. Uma “hipertrofia do lógico que corresponde a uma atrofia dos instintos fundamentais” no dizer de Nitzsche (2003, p. 121).

Assim, propaga-se no mundo contemporâneo que para nos defender da “ameaça degenerativa” que põe em risco nosso “corpo social”, precisamos de um “sistema imunológico” forte, potente, que seja capaz de conservar nossas estruturas e ao primeiro comando eliminar qualquer tipo de “corpo estranho” que venha perturbar a vida “saudável”, “feliz” e “pacífica”. Mas será a vida somente composta por este clarão branco, límpido, pra não dizer eugênico?

Afirmamos aqui esse contrapeso artístico e trágico, que emana a partir mesmo do território da loucura, faz parte de seu lugar e por isso tem muito ainda a nos ensinar.

É preciso, ao criar alternativas, possibilitar limites ao “instinto de conhecimento sem medida e sem discernimento”, abordando através da dinâmica da arte trágica uma superabundância de “forças afirmativas da vida” capaz de inspirar a proposta de um modelo

alternativo à dominação da racionalidade científica, que tenha a arte como contramovimento dessa “exigência excessiva e ilimitada” de conhecimento.

Ora, somente as paixões pela criação podem responder em socorro à derrocada de uma cultura enraizada no racionalismo. A incomensurabilidade da dor e sua desmedida adentra na rigidez socrática e nos mostra as desventuras do homem excluído de seu próprio mundo, de suas próprias humanidades.

Evidentemente que a partir dessa reflexão, futuras pesquisas possam trazer questões relacionadas aos Direitos Humanos, e em particular relacionadas ao território da loucura, levando em conta esta dominação socrática – e posteriormente cartesiana - que de forma exacerbada instaura o então progresso lógico-racional da humanidade, ignorando, através de seus posicionamentos, as compreensões instintivas e os significados estéticos de mundo, tratando a criação humana como justificativa inteiramente racional, formando um típico homem ocidental pautado pelo uso exclusivo da razão, que despreza qualquer experiência trágica de sua existência.

O que estaria implicado nesse modo peculiar de afirmar uma existência trágica através da arte? Além dos diversos aspectos implícitos nas características que mencionamos acima, devemos compreender que as resistências às estruturas rígidas do saber científico-racional só poderão vir do exterior, sendo capaz de compor esses sistemas de freios em favor da vida.

Dessa forma, acreditamos que sem esta valiosa resistência vinda do exterior do próprio conhecimento, e neste caso, uma força gerada a partir da arte trágica de pessoas em sofrimento psíquico e através dela a afirmação da diversidade humana, dificilmente se consolidará uma verdadeira reforma e desinstitucionalização no território da loucura.

Nesse sentido, não trouxemos aqui apenas uma face filosófico-teórica das expressões trágicas da loucura, mas uma perspectiva política concreta, real e principalmente humana. Uma lição da arte trágica que nos aponta em uma direção completamente diferente neste território de direitos humanos, pensado agora a partir dessas expressões.

As expressões trágicas da loucura, sempre fizeram parte da história da humanidade, contudo, o biopoder psiquiátrico insiste em apresentar uma expressão da loucura sem nenhuma validade para o corpo social, excluindo qualquer perspectiva de mundo que não seja pautado pela razão.

Neste sentido, possamos nós, proporcionar novos acontecimentos para à loucura, com a esperança de um dia escrevermos um novo capítulo de uma experiência tão humana e trágica. Experiência essa, que alguns Psiquiatras no contexto brasileiro tiveram a oportunidade de conhecer e serem protagonistas trágicos no território da loucura.

Assim, despertamos do ocultamento provocado pelo reino da razão, expressões artísticas produzidas no interior do HPCJM. Expressões que são “indefinidamente irreduzíveis a essas alienações que curam” (FOUCAULT, 1978, p. 503). Estas relações do homem com a experiência trágica da loucura revela o impossível dele mesmo, tendo em vista que arte e loucura por serem imprevisíveis desestabilizam todas as certezas da lógica-racional excludente.

Diante de todas essas ricas referências teóricas apresentadas, caberia lançar a seguinte questão: será mesmo possível construir uma política pública de direitos humanos no interior do campo da saúde mental tendo como base esse saber trágico propagado pelas experiências trágicas da loucura mesmo sabendo o forte poder ofuscante do saber médico-racional? Isto nos propõe retomar o pensamento do filósofo Didi-Huberman ao mencionar a perspectiva pessimista de Pasolini, que, segundo o autor, se baseava em acreditar no desaparecimento dos vaga-lumes devido à estrutura ofuscante de teorias fascistas, esclarecendo que “uma coisa é designar a máquina totalitária, outra é lhe atribuir tão rapidamente uma vitória definitiva e sem partilha” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.42). Nessa abordagem as experiências trágicas aqui estudadas podem ser entendidas a partir desta reflexão posta por Didi-Huberman como uma “política dos vaga-lumes” pois ao desenharem uma “constelação” no campo de saúde mental e dos direitos humanos, afirmar suas existências e redesenham os traços biopolíticos até então colocados ao avesso.

Para nós fica clara a necessidade de constituirmos um novo percurso para construção de políticas públicas em direitos humanos, voltadas para o território de pessoas em sofrimento psíquico que tenham a arte como instrumento crucial de atravessamento da exclusão biopolítica.

E isso se faz patente justamente através desses lampejos da loucura, cuja biopotência é capaz de nos acender e talvez, assim mesmo, reconhecendo suas fragilidades – e nelas também as nossas -, nos permitir em determinado momento festejar em meio aos escombros deixados por fortes tremores trágicos nas estruturas encimentadas da razão.

REFERÊNCIAS

- A LOUCURA ENTRE NÓS. Direção de Fernanda Fontes Vareille. Produção de Fernanda Fontes Vareille e Amanda Gracioli. Salvador: Águas de Março Filmes, 2016. (76 min.), DVD, son., color.
- ALVES, Jadgeleison Rocha. **Diário de Campo do autor**. João Pessoa: Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira, 12 de abril de 2018.
- ALVES, Jadgeleison Rocha. **Diário de Campo do autor**. João Pessoa: Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira, 08 de maio de 2018.
- ALVES, Jadgeleison Rocha. **Diário de Campo do autor**. João Pessoa: Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira, 04 de dezembro de 2018.
- ALVES, Jadgeleison Rocha. **Diário de Campo do autor**. João Pessoa: Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira, 15 de dezembro de 2018.
- AMARANTE, Paulo. *O homem e a serpente: outras histórias para a loucura e a psiquiatria*. 4. Reimpressão. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996.
- AMARANTE, Paulo. **Loucos pela diversidade: da diversidade da loucura à identidade da cultura**. Relatório Final. Rio de Janeiro: s.n., 2007.
- ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. 1. Ed. – São Paulo: Geração Editorial, 2013.
- RATTON, Helvécio. **Em nome da razão** [CD]. Belo Horizonte: Quimera filmes; 2009.
- AZEVEDO FILHO, Carlos Alberto Farias de. **Documentário “Humano, Demasiado Humano”**. Núcleo de Documentação Cinematográfica, Nudoc. Departamento de Comunicação/UFPB. 1990.
- BARRETO, Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos vivos**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BASAGLIA, F. **A instituição negada: relato de um hospital psiquiátrico**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Frall, 1991.
- BASAGLIA, F. **Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005.
- BASTIDE, Roger. **O sonho, o transe e a loucura**. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Três Estrelas, 2016.
- BECKER, Howard S. **Método de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.
- BRASIL. Decreto n. 82, de 18 de julho de 1841. **Fundando um hospital destinado privativamente para tratamento de alienados com a denominação de Hospício de Pedro II**. Coleção das leis do Império do Brasil, Rio de Janeiro, p. 49, 1841.

BRASIL. Decreto n. 1.077, de 4 de dezembro de 1852. **Aprova e manda executar os Estatutos do Hospício de Pedro Segundo.** Coleção das leis do Império do Brasil, Rio de Janeiro, tomo XV, parte II, p. 442, 1853.

BRASIL. Circular n. 5, de 10 de janeiro de 1859. **Aos Presidentes de Província, comunicando as regras estabelecidas para a admissão de alienados no Hospício de Pedro II.** Coleção das leis do Império do Brasil, Rio de Janeiro, tomo XXII, p. 35, 1859.

BRASIL. Decreto n. 142 A, de 11 de janeiro de 1890. **Desanexa do hospital da Santa Casa da Misericórdia desta capital o Hospício Pedro II, que passa a denominar-se Hospício Nacional de Alienados.** Decretos do Governo provisório dos Estados Unidos do Brasil, Rio de Janeiro, p. 23, 1890.

BRASIL. Decreto n. 1.132, de 22 de dezembro de 1903. **Reorganiza a Assistência a Alienados.** Coleção das leis da República dos Estados Unidos do Brasil, Rio de Janeiro, v. 1, p. 183, 1907.

BRASIL. Conselho Federal de Psicologia, Conselhos Regionais de Psicologia e Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas. **Relatório de inspeções: 2018.** 1ª ed. Brasília: CFP, 2019.

BUARQUE, Chico; PONTES, Paulo. **Gota d'água.** Inspirado em concepção de Oduvaldo Vianna Filho. 46ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CANDIOTTO, C; PORTOCARRERO, V. **Ressonâncias interpretativas e políticas de História da loucura no Brasil.** p. 283-298. *In:* Salma Tannus Muchail; Márcio Alves da Fonseca; Alfredo Veiga-Neto. (Org.). O mesmo e o outro: 50 anos de História da loucura. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

CARDOSO, Ruth. **A Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa.** 1986.

CARVALHO, Rosa Cristina Maria de. **A formação do pensamento estético de Osório César:** Estudo dos textos sobre arte e cultura escritos no período de 1920 a 1960. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2015.

CANÇADO, Maura Lopes. **Hospício é Deus, Diário I.** Belo Horizonte: Autêntica. 2015.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche.** Trad. de Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 2007. p. 10.

DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos vaga-lumes.** Tradução Vera Casa Nova e Márcia Arbex, revisão Consuelo Salomé. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ESPOSITO, Roberto. **Bíos: biopolítica e filosofia.** Trad. M. Freitas da Costa. Lisboa: Edições 70, 2010.

FERRY, Luc. *Homo Aestheticus:* a invenção do gosto na era democrática. Coimbra: Almedina, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura: na idade clássica**. 8ª ed. Trad: J. T. Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Trad. M.T.C. Albuquerque e J.A.G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico: Curso dado no Collège de France (1973-1974)**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: Curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: Curso dado no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica: Curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANCES, Allen. **Voltando ao normal: Como o excesso de diagnósticos e a medicalização da vida estão acabando com a nossa sanidade e o que pode ser feito para retornarmos o controle**. 1ª ed. Rio de Janeiro: 2016.

FRAYZE-PEREIRA. **Arte, Dor. Inquietudes entre Estética e Psicanálise**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

GOMEZ, C. M.; MINAYO, M. C. de S. **Enfoque ecossistêmico de saúde: uma estratégia transdisciplinar**, in Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente – v.1, n.1, Art. 1, 2000.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Editora Vozes. 2001.

HELDER, R. **Como fazer análise documental**. Porto: Universidade de Algarve, 2006.

IANNINI, G. ; GARCIA, D. (Org.) ; FREITAS, Romero Alves (Org.) . **Artefilosofia: antologia de textos estéticos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

JUNG, Carl G. **O Homem e seus símbolos**. Trad. Maria Lúcia Pinho. 3º ed. especial. – Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2016.

LEADER, Darian. **O que é loucura? Delírio e sanidade na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Zahar. 2013

LIEBERMAN, Jeffrey A. **Psiquiatria – Uma história não contada**. Trad. Fernando Santos. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

LIMA, Elizabeth Araújo. **Arte, Clínica e Loucura: território em mutação**. São Paulo: Summus, FAPESP, 2009.

LOBOSQUE, A. M. **Clínica em movimento: por uma sociedade sem manicômios**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

LOBOSQUE, A. M. **Experiências da loucura**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

MACHADO, Roberto et al. **Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MELO NETO, João Evangelista Tude. **10 Lições sobre Nietzsche**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. (Coleção 10 Lições).

MINAYO, M. C. S. (Org.). Deslandes, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). (25ª ed. revista e atualizada). Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MISKOLCI, Richard. **Reflexões sobre Normalidade e Desvio Social**. Estudos de Sociologia. Araraquara, n.13/14, p.109-126, 2003.

MOREYRA, Álvaro. **As amargas, não...: (lembranças)**. Rio de Janeiro: Lux, 1954

MORIN, Edgar. **O método 5: A humanidade da humanidade**. Trad. Juremir Machado Silva. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MOSSMANN, Neuri. PENNER, Marta. (Coord.). **Exposição Humanos, Artisticamente Humanos**. Acervo do Ateliê Espaço Luz pertencente ao patrimônio do Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira. João Pessoa: Galeria Lavandeira da Universidade Federal da Paraíba, 2018.

NASIO, Juan-David. **9 lições sobre arte e psicanálise**. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **A visão dionisíaca do mundo, e outros textos de juventude**. Trad: Marcos Sinésio P. Fernandes e Maria Cristina dos S. de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. O drama musical grego. *In: A visão dionisíaca do mundo e outros textos de juventude*. Trad: Marcos Sinésio P. Fernandes e Maria Cristina dos S. de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. O nascimento da tragédia. *In: Obras Incompletas*. 1ª ed. Seleção de textos de Gérard Lebrun. Trad: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora 34, 2014. (Coleção Fábula).

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª ed. 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragments Póstumos**. Vol. VII: 1887-1889. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras Incompletas**. 1ª ed. Seleção de textos de Gérard Lebrun. Trad: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora 34, 2014. (Coleção Fábula).

NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Trad. Mario da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **A filosofia na era trágica dos gregos**. São Paulo: Hedra, 2008.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos** – ONU, 1948.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio** – ONU, 1948.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos das Crianças** – ONU, 1959.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos** – ONU, 1966.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais** – ONU, 1966.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Direitos dos Povos** – Quênia, 1981.

PELBART, Pál Peter. **O Averso do niilismo cartografias do esgotamento**. 2ª ed, 2016. São Paulo: n-1 edições, 2013

ROSE, D. Análise de imagens em movimento. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

ROTTERDAM, Erasmo de. **O Elogio da Loucura**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do Inconsciente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SYLVESTER, David. **Entrevistas com Francis Bacon**. São Paulo, Cosac Naify, 1995.

VEYNE, Paul. **Os gregos acreditavam em seus mitos?: ensaio sobre a imaginação constituinte**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

XIMENES, P.; RAAD, I. L. F. **A deficiência como mercadoria**, In: TUNES, E. Sem escola, sem documento. Rio de Janeiro: E-papers, 2011.

WANDERLEY, Helmara Giccelli Formiga. **A loucura medicalizada ou a construção do Hospital-Colônia Juliano Moreira, no Estado da Parahyba, no contexto das políticas de saneamento e profilaxia rural (1910)**. Campina Grande: 2013.

Apêndice A – Ficha de Entrevista utilizado na Galeria Lavandeira

EXPOSIÇÃO HUMANOS, ARTISTICAMENTE, HUMANOS	 PPGDH-UFPB
FORMAÇÃO	
<input type="checkbox"/> Ensino Fundamental (incompleto ou completo) <input type="checkbox"/> Ensino Médio (incompleto ou completo)	
<input type="checkbox"/> Graduação(Qual?) _____	
<input type="checkbox"/> Pós-Graduação (Qual?) _____	
ROTEIRO DE ENTREVISTA	
Nos fale sobre sua experiência em visitar esta exposição.	
Qual a sua opinião sobre utilizar a arte no tratamento clínico de pessoas com sofrimento psíquico?	
Qual a sua opinião sobre divulgar, expor e proteger essas produções em espaços destinados à Cultura e a Arte?	

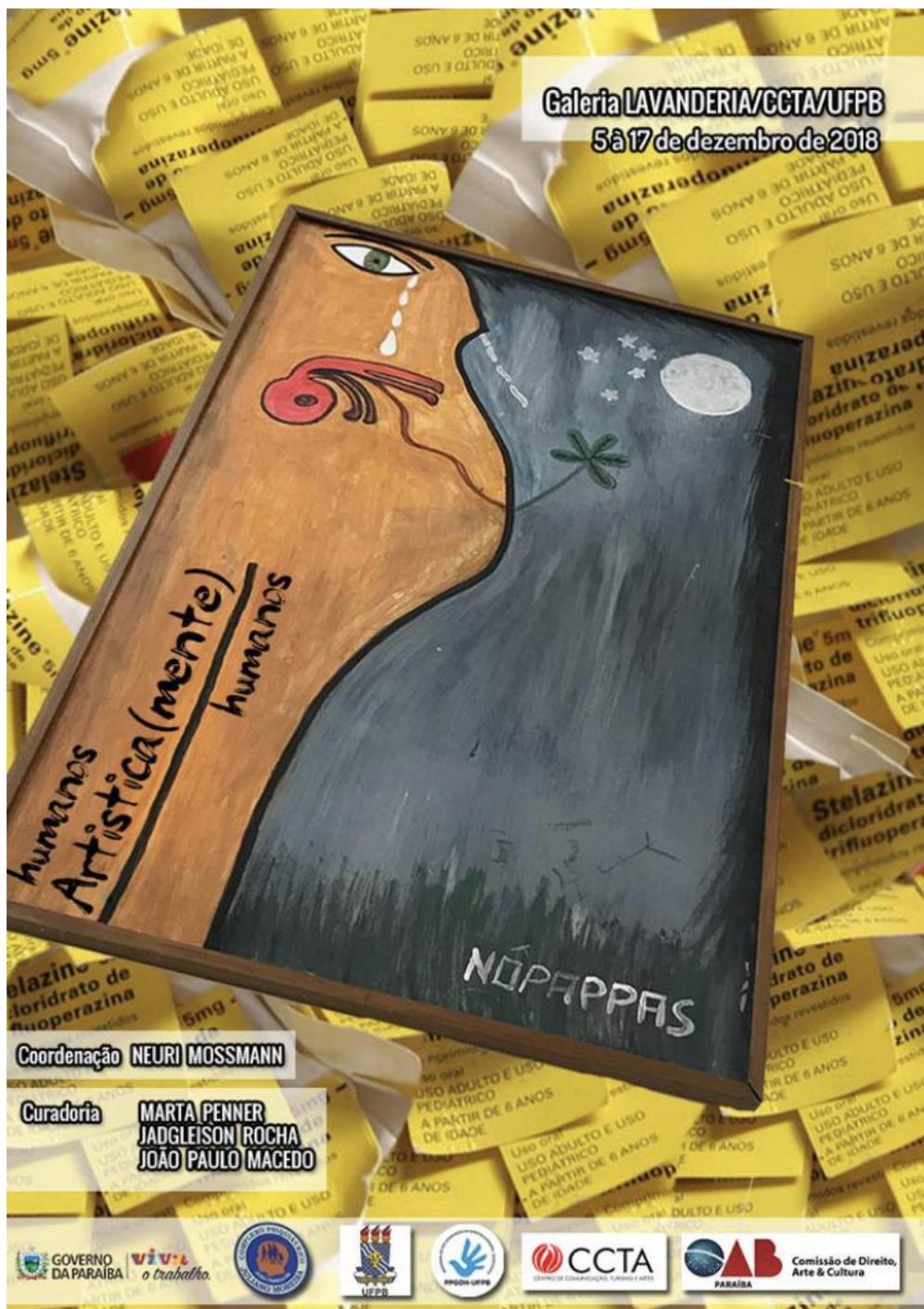
Apêndice B – Material Gráfico da Exposição “Humanos, Artisticamente Humanos”

FIGURA 28 – FOLDER DA EXPOSIÇÃO “HUMANOS, ARTISTICAMENTE HUMANOS”



Fonte: Acervo Pessoal do Pesquisador

FIGURA 29 – FOLDER DA EXPOSIÇÃO “HUMANOS, ARTISTICAMENTE HUMANOS”



Fonte: Acervo pessoal do Pesquisador

Apêndice C – Registro Fotográfico da Exposição “Humanos, Artisticamente Humanos”



Apêndice D – Registro Audiovisual da Exposição “Humanos, Artisticamente Humanos”



(MÍDIA FÍSICA)

Apêndice E – Discursos Coletados na Exposição “Humanos, Artisticamente Humanos”.

Exposição “Humanos, Artisticamente Humanos”						
Formação		Descrição do Curso	Discursos Coletados			
			1. Nos fale sobre sua experiência em visitar esta exposição	2. Qual a sua opinião sobre utilizar a arte no tratamento clínico de pessoas com sofrimento psíquico?	3. Qual a sua opinião sobre divulgar, expor e proteger essas produções em espaços destinados à Cultura e a Arte?	
1	Ensino Fundamental	Ensino Fundamental	Ensino Fundamental	"Eu achei super interessante por ser uma nova maneira de expressar algo que está dentro das pessoas."	"Isso pode ser útil pois pode ser algo que ajude a entendê-los."	"Valorizar e preservar a cultura e demonstrar que ela é muito importante."
2	Ensino Médio	Ensino Médio	Ensino Médio	"Uma mistura de alegria e melancolia, o sentimento de poder ouvir expressões não ditas através das palavras."	"É de fundamental importância para auxiliar as pessoas que se encontram em tais situações, para auxiliar no tratamento psíquico e no desenvolvimento da subjetividade desses seres humanos."	"Deve ser feito respeitando as condições subjetivas dos sujeitos envolvidos."
3	Ensino Superior	Graduação	Não Informada	"A experiência foi bastante gratificante pois também acredito na prática da arte como tratamento para algumas doenças ou transtornos."	"Acho um método incrível, pois a arte trabalha com o inconsciente."	x
4			Artes Visuais e Design de Moda	"Acho interessante o modo de expressão (...) artístico, nesse caso ainda mais, ser usado para conectar-se com o mundo, trazendo à tona o mundo interno de cada pessoa."	"É extremamente útil, importante e especial. É uma forma de se integrar e externalizar o sofrimento."	"Isso é totalmente relevante pelo fato de estimular e desmitificar o que é arte e quem pode fazê-la."
5			Artes Visuais	"A princípio levei um susto com a instalação dos papéis na parede, não sei porque... Depois fiquei me perguntando arte pra quê? Em cada trabalho imaginei o outro e sua experiência."	"Se a arte serve como motriz para repensar a vida, ela se faz poderosa no tratamento clínico. Para mim é muito tênue a linha que divide o 'louco' e o 'artista'. Artista nem todos são, mas é certo que todos somos loucos, não haveria de ser diferente diante da nossa sociedade doente."	"É justo! Quem são os 'loucos'? Estão no extremo da margem, lhes é tirada a legitimidade de qualquer ação que façam, deixam de ser sujeito para se tornar um SID..."
6			Artes Visuais	"Muito interessante ver a perspectiva dos pacientes dentro de uma galeria, lugar que deve ser ocupado por todos."	"Quando vi o filme de Nise da Silveira tive real dimensão de como a arte sendo utilizada de modo terapêutico pode ajudar no tratamento dos pacientes. Além de elevar a auto estima, das novas formas de trabalho."	"É essencial que os trabalhos sejam expostos para o público. Os pacientes tenham. São artistas."
7			Artes Visuais	"Melhor impossível, fiquei bastante entusiasmado com a produção apresentada. Trabalhos bastante expressivos."	"Sou totalmente favorável, meios de expressão para pessoas excluídas através de uma higienização social por julgamentos do que é ou não normativo."	"Fico entusiasmado em ver essa movimentação em prol de uma mudança de pensamentos vinculados a essas pessoas."
8			Artes Visuais	"Maravilhoso. De certa forma remete a infância, talvez pelo inconsciente reprimido sendo liberado pela arte."	"Ótimo, pois assim as pessoas podem mostrar questões escondidas do inconsciente."	"Uma ótima opção de inclusão."

9	Artes Visuais	"Minha experiência foi a do envolvimento num momento de escuta silenciosa."	"Nos possibilita ouvir aqueles que desenvolvem formas de expressão singulares. Aos seus próprios modos e configurações. A arte é sobretudo o poder expressivo, sensível e individual que desenvolvemos."	"Exposição necessária, pois possibilita o contato dos frequentadores de ambientes de arte com a produção expressiva dos pacientes; Possibilita-nos a ouvir 'falas' singulares de experiências de vida riquíssimas. Há sempre uma forma de expressão e há sempre a necessidade de nos atentarmos para o respeito às diversas formas."
10	Artes Visuais	"Muito interessante, cada obra com sua linguagem específica, expressando os pensamentos mais singulares de cada participante. A que mais me impactou foi a de morenrel com a figura de um demônio e a frase 'prefiro ser um rei no inferno que um escravo no céu' realmente impactante."	"É uma forma de expressar as angústias, os sentimentos daqueles artistas pacientes, um meio de os libertar."	"Dependendo da situação é favorável sim, retrato da expressão de um ser e isso é importante."
11	Serviço Social	"Achei a iniciativa maravilhosa e acho que fomentou a discussão sobre o que é arte, qual a noção de beleza e como o ser humano, em si próprio, é uma expressão artística."	"Depende do intuito do uso. Se a intenção for mercantilizar, que os lucros, de fato, sejam-lhes repassados. Se for proporcionar uma 'bela visão', sempre é válido."	"Mais do que certo, visto que é arte, é bonito. Independe das características dos artistas."
12	Serviço Social	"A exposição traz conceitos que não fazem parte do meu cotidiano, com isso, ver e sentir o que foi posto traz uma sensação de dúvida."	"Minha opinião é muito positiva sobre este tipo de atividade, pois todos deveríamos estimular o nosso corpo e mente artisticamente."	"Muito positiva, pois incentiva ainda mais os artistas para continuar fazendo arte."
13	Serviço Social	"Uma experiência linda e enriquecedora nas perspectivas visuais e sentimentais."	"A arte é uma alternativa prazerosa. Sua utilização com pacientes pode permitir que eles descubram mais sobre si e se expressem de variadas formas."	"Favorável. Permite que mais pessoas possam ter contato e empatia a realidades distintas as suas."
14	Serviço Social	"Muito boa ver as expressões artísticas."	"Interessante. Porque a arte é libertadora e um meio de comunicação e visibilidade."	"Muito necessário."
15	Serviço Social	"As várias cores me chamaram a atenção. Não entendo muito de arte, portanto não compreendi o que o autor quis passar, mas fiquei bem confusa com algumas, gostei de outras e achei profundas."	"Depois de ver a obra que veio do Juliano Moreira, acho de importância máxima, me emocionei com a profundidade demonstrada, nos faz pensar de outra forma, quem tem pensamentos deturpados sobre os pacientes."	"Concordo, acho de extrema importância conservar, estimular e divulgar tais produções, afinal, em diversos casos, se não em todos, elas expõem muito do ser humano e nos fazem pensar/refletir sobre nós mesmos e a sociedade na qual vivemos."
16	Psicologia	"A exposição me pareceu curiosa e interessante, mais ainda por se tratar de pacientes do hospital psiquiátrico, exibindo suas visões de arte e de mundo."	"Sou a favor em utilizar tais práticas, já que se trata também de uma forma de entender a subjetividade do indivíduo."	"É importante que sejam divulgadas as obras colocando em pauta tanto a arte, os processos artísticos e a saúde mental/sofrimento psíquico do sujeito nos dias atuais, além de juntar ambas as áreas, até mesmo utilizando a

				arte como forma de expressão na terapia."
17	Psicologia	"Mágica. O mundo é mágico, e a arte nos aproxima dessa qualidade. Foi de uma sensação muito humana voltar minha atenção para a expressão humana, e , a partir disso, sentir onde ela me toca. Em cada obra pude, de alguma forma, escutar. E a escuta é algo que faz com que algo se/o altere para quem expressa e para quem se abre a essa expressão."	"A arte é o antídoto da morte. Uma pessoa que não se expressa perde sempre um pouco de si. A subjetividade se constrói na relação com o outro. Então, mais do que um tratamento, a arte para pessoas em sofrimento psíquico é um cuidado."	"Essencial no processo de comunicação entre mundos internos."
18	Psicologia	"Felicidade em ter oportunidade de explorar a arte dentro da instituição que estudo. Felicidade em dobro por essa exposição em específico por conversar diretamente com o meu curso."	"Acredito que a expressão artística seja o melhor caminho de superar a dor de ser enquadrado como louco, dando oportunidade igualitária do ser humano de explorar seus sentimentos sem comparar-se a uma normalidade"	"Acredito na luta de todos os envolvidos em perpetuar a arte e olho como cidadão, o envolvimento com esses assuntos deva ser melhor discutido, fico muito feliz em ver exposições como essa aberta ao público e gostaria de parabenizar quem estiver por traz, lutando por ambientes assim. Força S2."
19	Psicologia	"Achei as obras impactantes e surpreendentes."	"Achei uma iniciativa muito importante, uma forma de diminuir o sofrimento dos pacientes e mudar a visão da sociedade sobre eles."	"Acho que é essencial dar visibilidade e suporte a este tipo de produção."
20	Jornalismo	"Muito interessante! Nos faz refletir a vida (a nossa e a dos pacientes)."	"É uma ótima forma de ajudar os pacientes a expressar seus sentimentos, experiências e sensações."	"Sou a favor, visto que tais produções também são arte! S2."
21	Jornalismo	"Muito interessante, me instigou."	"Deveria ser usado em 100% dos casos. Arte é a pulsão da vida que nos liberta de qualquer condição humana determinista. Conceitos de loucura são nada mais que conceitos capitalísticos. A Arte, por ser avessa à isso, liberta os humanos de categorização prévias."	"Expõe e problematiza muitos pontos pertinentes tanto na arte quanto nos processos de terapia."
22	Radialismo (Rádio e Tv)	"Me senti imersa em cores e feliz em perceber que a arte esteja sendo valorizada. Eu também desenho e pinto, me senti inspirada a continuar nas cores."	"Acho incrível utilizar a arte no processo de tratamento. A arte Salva."	"Toda arte é arte. É importante divulgar que não existe apenas um padrão de artístico mas sim que qualquer manifestação artística é considerada incrível. A cultura é composta por várias manifestações e idéias, então vamos compartilhar."
23	Turismo	"O contato com a arte sempre nos revela um poder que a cada experiência se torna única. Foi encantador e absurdamente tocante chegar ao final da exposição e ler sobre o humanos, artisticamente, humanos e	"Em um mundo, em uma história de torturas e sofrimento dentro de hospitais, psiquiátricos, ter a arte como um tratamento, neste ponto da história, torna-se de extrema importância. Nós, humanos, temos um	"É preciso o reconhecimento das obras, do trabalho. Assim como é necessário que todos conheçam e se sensibilizem em relação as questões psíquicas. Assim como, no

			perceber o lugar de criação das obras."	mundo inteiro de loucuras internas para externalizar, porque não explodi-las em cores? Humanização é preciso!"	contexto em que estamos vivendo de incertezas, toda arte deve ser protegida."
24		Turismo	"Primeiro fui de encontro as obras, olhei-as com um primeiro olhar. Depois, li sobre o que se tratava a exposição e pude olhar com outros olhos as mesmas obras. Confusão e a busca por entender essa confusão me prenderam as obras."	"A arte sempre está presente em todas as situações, mesmo com olhares subjetivos. Arte, música, teatro, dança... São todas formas de buscar compreender a si mesmo. Quaisquer que sejam as maneiras e meios de se compreender o 'outro', são válidas. Nos possibilitam ser menos 'eu' e sermos mais nós."	"Total apoio. Sempre que posso me faço presente em exposições do mesmo cunho. (meus parabéns)."
25		Letras-Francês	"Sinto medo da psicofobia. 'Eu não sou eu nem sou o outro' Eu pinte e eu me visito...Quando assineieuei gritei 'Eu"! Sou excessiva? Sou menos? Sou todos? Também sou eu? Por que pensar, ver, sentir e me expressar no meu tempo causa mal estar? ESTOU!!! SINTO SOU	"É confortável fazer algo que não está errado. Quando se está interna te dizem o que pode ou não fazer. Pintar em qualquer mesmo lugar é libertador."	"Pq a mentira nossa de cada dia pode? E as verdades de cada um como realmente sentem ?Não?"
26		Letras-Português	"Eu sinceramente fiquei assustada. A fragmentação e o caos me assustam muito. Eu, como artista, gosto de misturar coisas; sair do previsível; mas eu ainda tenho muito medo do descontrol e da dissolução * completa."	"Acho interessantíssimo e de valor incalculável. A arte é mágica. Escrever histórias ficcionais me salvou do suicídio quando eu tinha doze anos de idade; e o desenho me salvou da depressão quando eu tinha 21."	"Sou super a favor. Vamos montar um Museu do Inconsciente aqui em João Pessoa!"
27		Teatro	"A disposição dos materiais no espaço nos traz a sensação de não saber por onde começar. Isso é muito bom porquenos deixa mais a vontade. Fico com a impressão de que arte deixa o indivíduo que a fez numa contínua construção."	"Não há tratamento sem arte. Arte é a coisa primeira de qualquer sujeito."	"Super válida e de grande contribuição. É preciso extrapolar as paredes e ir a diversos lugares para desconstruir os estigmas sobre as pessoas em sofrimento psíquico."
28		Direito	"Me surpreendi!!! Fiquei impressionado com a capacidade dos pacientes do Juliano Moreira de criar arte e se curar através dela."	"Sou totalmente a favor."	"Dou total apoio!"
29		Artes Visuais	"Agradável."	"Positivo."	"Necessário."
30	Pós-Graduação	Direitos Humanos	"Experiência maravilhosa."	"As oficinas ajudam os sujeitos a externar através da arte suas angústias e aliviar o sofrimento causado em sua vida."	"É importante que a sociedade tenha as informações e que ajudem na proteção do sujeito com problemas psíquico e, que o trabalho dos profissionais auxiliam na integração do sujeito no seio da sociedade."
31		Linguística	"Gostei da experiência. Achei ousada a proposta e, acima de tudo, humana."	"Nunca havia pensado nisso, mas creio que seja de grande valia. Explicação na questão seguinte."	"Considero ser de extrema importância. A arte nos sustenta, nos modifica e nos move."

32			Ciência da Informação	"Foi uma experiência rica em informação, os trabalhos expostos possuem grande significado para a sociedade, sendo possível visualizar o conflito existente no pensamento e sentimentos dessas pessoas (pacientes) que encontram-se excluídos da sociedade."	"É de fundamental relevância, podendo ser uma forma de identificar peculiaridades no comportamento destes pacientes, podendo ser uma ferramenta/ação que contribua no tratamento destes sujeitos sociais."	"Devem ser realizados investimentos nessas manifestações culturais, pois a arte sempre trará uma percepção profunda das relações sociais, sendo uma fonte de informação e conhecimento do meio que é produzido podendo trazer resultados no que se refere o desenvolvimento das sociedades."
33			Saúde Mental e Saúde da Família	"Muita emoção e alegria ao ver esta Produção linda e expressiva."	"Acredito que ajuda no processo de estabilização do sujeito."	"Precisamos manter e divulgar este trabalho pois assim podemos ajudar a desconstruir as crenças distorcidas acerca de pessoa em sofrimento psíquico."

Apêndice F – Decupagem dos Materiais Audiovisuais

1. Documentário “Humano, Demasiadamente Humano”

1 **Cena 1:** (0’03’’) cor, figuras.



2 Fotograma 1(1)



3 Fotograma 2 (1)



4 Fotograma 3 (1)

5 O documentário tem início com imagens coloridas de pintores consagrados que retrataram a loucura ou a temática da loucura. A música de fundo remete a um estilo de terror com tambores, gritos, linguagem confusa e uivos. Aparecem algumas legendas como título do documentário e autor.

6 **Cena 2:** (0'03'') cor/interna, interior do HPCJM, dia.



7 Fotograma 4 (2)

8 Cena em dia claro do interior do HPCJM. A imagem que aparece é de internos deitados nos corredores do pátio interno. Apenas dois indivíduos homens aparecem nesta cena.

9 **Cena 3:** (3'40'') cor/interna, pátio principal do HPCJM, dia.



10 Fotograma 5 (3)



11 Fotograma 6 (3)



12 Fotograma 7 (3)



13 Fotograma 8 (3)



14 Fotograma 9 (3)



15 Fotograma 10 (3)

16 Inicia com um momento de oração no pátio principal de um líder religioso (Pator da Assembléia de Deus em João Pessoa) direcionando aos internos diversas preces. Pastor – ooo (ouve-se gritos “glória a Deus”). É cantada uma música de “louvor”. Pastor – Vamos cantar mais um hino. É cantado por um coro de mulheres um hino de natal. “Belem, Belem.....” Uma interna repete uma parte do hino.

17 **Cena 4:** (4’31’’) cor/externa, dia.

18



Fotograma 11 (4)

19



Fotograma 12 (4)

20 Joana - Faz 19 ano que eu tô aqui...19... vai completar 20...que eu tô aqui. E nem vem ninguém da minha família. Nem pai, nem mãe, nem irmã, nem irmão. Num vem ninguém. Num vem nem aqui saber de mim. Agora eu fui criada como jogada.

21 **Cena 5:** (5'34'') cor/interna, interior do HPJM, dia.

22



Fotograma 13 (5)

23



Fotograma 14 (5)



24 Fotograma 15 (5)



25 Fotograma 16 (5)

26 Joana escuta no rádio uma música internacional. Joana – colocasse alto. Aparece vários internos homens. Um desses internos aparece passando a mão no cabelo e logo convida outro interno para dançar a som de “My Love”. A música termina e dois internos começam a cantar repentes num duelo de cantadores.

27 **Cena 6:** (6’09’’) cor/interna, pátio principal do HPCJM, dia.



28 Fotograma 17 (6)

29 JASÃO – Eu não vou passar esses oito anos por aqui não, mas parece que o contrato foi de oito anos. Que não chega a paredão de contrato...a paredão de contrato. Mas pai já foi de... já foi de comum acordo falar com três doutô aqui...ou...falar com dezesseis adevogados, promotô pode botar abaixo. Nem os filhos tem ganho de nada não...se não fosse...recebo aqui a puxar agua de rodo...tambem eu não contava com nada passava fome... que pai pediu pra eu pra trabalhar de electricista na rede de eletrificação da paraíba... transformação de carro de manutenção rede de Paulo Afonso. E o filho mais velho trabalha de motorista na mesma unidade é.. a paraíba central...saelpa central da paraíba.

30 **Cena 7:** (6’40’’) cor/interna dentro da sala “Espaço Luz” dia.



31 Fotograma 18 (7)

32 Joana - Já tô boa de sair, eu durmo a noite toda não tomo mais remédio. Era...já era pra eu sair a muito tempo (estalando os dedos fazendo referência ao tempo que se passou).

33 **Cena 8 :** (7'40'') cor/interna dentro da sala "Espaço Luz" dia.



34 Fotograma 19 (8)



35 Fotograma 20 (8)



36 Fotograma 21 (8)

37 Vários internos com roupas iguais praticando atividades artísticas relacionada a pintura. Conversam em voz baixa.

38 **Cena 9:** (8'00'') cor/externo, pátio do HPCJM, dia.



39

Fotograma 22(9)



40

Fotograma 23 (9)



41

Fotograma 24 (9)



42

Fotograma 25 (9)



43

Fotograma 26 (9)



44

Fotograma 27 (9)

45 Vários internos no pátio central dançam de forma festiva a música “Loucura de Vida” do cantor Beto Barbosa. Todos dançam sozinhos ou acompanhados. Joana aparece dançando com uma mulher que talvez seja uma enfermeira. Rodopia diversas vezes ao som da música tocada.

46 **Cena 10:** (9’06’’) cor/interna, dia.



47

Fotograma 28 (10)

48 No interior do HPCJM uma interna aparece três internas sentadas e encostadas na parede. Uma delas dá um beijo como sinal de afeto em outra interna.

49 **Cena 11:** (10’48’’) cor/externa, dia.



50

Fotograma 29 (11)



Fotograma 30 (11)



Fotograma 31 (11)

- 51
- 52 Joana - Eu quero bem a minha doida, minha doida me quer bem, eu não troco a minha doida, pêra doida de ninguém. Viu! Todo ano é um abraço, Todo ano é um doidinho. Eu gosto tanto de doida
- 53 **Cena 12:** (14'55'') cor/interna, dia.



- 54
- Fotograma 32 (12)



- 55
- Fotograma 33 (12)



60



Fotograma 38 (12)

61



Fotograma 39 (12)

62



Fotograma 40 (12)

63 Joana aparece auxiliando nas tarefas da cozinha. O momento é o almoço. Uma interna pede a Joana que “dê alta” a ela. Joana responde: Eu não sou doutora eu sou igual a você, sou paciente igual a você.

64 **Cena 13:** (15'34'') cor/externa, dia.

65



Fotograma 41 (13)



66 Fotograma 42 (13)

67 Joana e Zaíra cantam: Doutô Tiago tenha compaixão, Tira nos toda dessa prisão. Tão ficando toda'rmarelada. Tomá comprimido e comer feijão. Olha as boiadas das paciente. Feijão queimando arroz sem sal. Ai atrás vem a subremesa. Banana podi denti da bandeja. Ai atrás vem o macarrão. Parece cola de colar caixão Ai atrás vem o batatinha. Parece chubi de matar rolinha. Ai atrás vem o pão. Parece funto dentro dum caixão.

2. Decupagem do vídeo “Dançando Forró”

68 **Cena 1:** (0'03'') cor/interna dentro da sala “Espaço Luz” dia.



69 Fotograma 1(1)



70 Fotograma 2 (1)



71 Fotograma 3 (1)

72 Internas dança ao som da musica do trio nordestino

73 CORINA – “Vou assiná eu nome aqui?”

74 CORINA – “Bota a.....”

75 PROFESSOR – “Segura”, “Arrocha”

3. Decupagem do vídeo ”Teatro Carnavalesco”

76 **Cena 1:** (0’15’’) cor/externa praça beija-flor dia.



77

Fotograma 1 (1)



78

Fotograma 2 (1)



79

Fotograma 3 (1)



80

Fotograma 4 (1)



81 Fotograma 5 (1)

82 Internos realizam na praça “Beija-flor” jogos teatrais.

83 **Cena 2:** (0’23’’) cor/externa praça beija-flor dia.



84 Fotograma 1 (2)



85 Fotograma 2 (2)

86 “Posso falar?..... enquanto os atores esbravejam “Ahhhhhhhhhhhhhhhh” como um sinal semelhante a expressão “Ahhhhhhhhh que pena, acabou!”

Anexo A – Termo de Anuência autorizando a Pesquisa de Campo no Hospital Psiquiátrico Colônia Juliano Moreira e Formulário de Pactuação

 GOVERNO
DA PARAÍBA



SECRETARIA DE SAÚDE SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE
CENTRO FORMADOR DE RECURSOS HUMANOS – CEFOR-RH

COMPLEXO PSIQUIÁTRICO JULIANO MOREIRA

TERMO DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que a pesquisa intitulada “A ARTE TRÁGICA DA LOUCURA COMO TRANSFORMAÇÃO DA VERDADE INSTITUÍDA”, a ser desenvolvido pelo (a) discente pesquisador (a) JADGLEISON ROCHA ALVES, sob orientação do docente, DRA. LUZIANA RAMALHO RIBEIRO está autorizado para ser realizado junto a este Serviço.

Declaramos conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução 466/2012 do CNS. Este serviço estadual de saúde está ciente de suas responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados.

Outrossim, informamos que para ter acesso a qualquer Serviço da Rede Estadual de Saúde da Paraíba, fica condicionada a apresentação da Certidão de Aprovação por Comitê de Ética em Pesquisa, devidamente credenciada junto à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, ao Serviço que receberá a pesquisa antes do início da mesma.

Sem mais,

Atenciosamente, 

na Karina de Almeida Soares
Chefe de Núcleo de Ações
Estratégicas Especiais do Complexo
Psiquiátrico Juliano Moreira
Mat.: 132726-0

Ana Karina de Almeida Soares
Chefe do Núcleo de Ações Estratégicas Especiais



GOVERNO
DA PARAÍBA



SECRETARIA DE SAÚDE SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE
CENTRO FORMADOR DE RECURSOS HUMANOS – CEFOR-RH

COMPLEXO PSIQUIÁTRICO JULIANO MOREIRA

Formulário de Pactuação

Esse documento deverá estar assinado pela Instituição de Ensino (IE) solicitante e pelo responsável pelo Serviço que receberá a pesquisa, devendo ser encaminhado, com a cópia do ofício de solicitação de pesquisa à Rede Escola SUS - PB.

Ano: 2018

() ESTÁGIO SUPERVISIONADO () ATIVIDADES PRÁTICAS (X) PESQUISA
() VISITA TÉCNICA () ATIVIDADES DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Semestre: 1º(X) 2º()

Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB

Curso: PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS, CIDADANIA E POLÍTICAS PÚBLICAS

Período: DIURNO CH Semanal: 20 horas/semana.

Docente Responsável: DRA. LUZIANA RAMALHO RIBEIRO Telefone: (83) 98683-3062

Email do Docente: luzianaribeiro.ufpb@gmail.com Disciplina: DIREITOS HUMANOS

Local De Estágio: Comp. Psiquiátrico Juliano Moreira Nº Total de Estudantes: 01

Estudantes por Grupo	Data		Turno			SETOR (Exemplo: Bloco cirúrgico, urgência, laboratório, etc.)
	De	Até	M	T	N	
<i>Jadgleison Rocha Alves</i>	<i>04/2018</i>	<i>07/2018</i>				

DEMAIS PACTUAÇÕES (apresentação da proposta ao local, participação da reunião de equipe, realizar reunião de avaliação do estágio com a equipe, fazer estudo de caso, EPIs, uso de materiais / vestimenta / crachá):

[Assinatura]
Kafina de Amélia Soares
Chefe de Núcleo de Ações
Estratégicas Especiais do Complexo
Psiquiátrico Juliano Moreira
Mat. 152726-0
Profissional do Serviço
(ASSINAR E CARIMBAR)

[Assinatura]
Jadgleison Rocha Alves
Profissional IE
(ASSINAR E CARIMBAR)

Anexo B – Ofício enviado a Galeria Lavandeira



Comissão de Direito,
Arte & Cultura



Ofício n°. 006/2018

João Pessoa, 06 de novembro de 2018.

A(o) Ilustríssimo(a) Senhor(a),
Prof. Dr MARCELO COUTINHO
COORDENADOR DA GALERIA LAVANDERIA

Assunto: Encaminha pedido de PAUTA da Galeria Lavanderia para os dias 3/12 à 17/12 do ano corrente.

Senhor Coordenador,

Considerando minha vinculação ao Programa de Pós-graduação em Direitos humanos, Cidadania e Políticas Públicas-PPGDH/UFPB;

Considerando o trabalho de pesquisa de campo que venho desenvolvendo junto ao Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira sobre a produção artística de pessoas com sofrimento psíquico;

Venho por meio deste solicitar a Pauta da Galeria Lavanderia para que possamos realizar uma **exposição das obras produzidas por essas pacientes/artistas** que se realizará entre os dias 3/12 à 17/12 do corrente ano, em parceria com a Direção do mencionado Hospital, a Comissão de Direito, Arte e Cultura da OAB/PB (da qual faço parte), o Departamento de Artes Visuais da UFPB, e o Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas-PPGDH/UFPB.

Ante ao exposto, fique com meus votos de estima e consideração.

Jadgelson Rocha Alves

Mestrando em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas - UFPB

Anexo C – Documentário “Humanos, Demasiadamente Humanos”



(MÍDIA FÍSICA)

Anexo D – Documentário “Loucos pela Diversidade: da diversidade da loucura à identidade da cultura” – Oficina Nacional de Políticas Públicas Culturais para pessoas em sofrimento mental e em situação de risco



(MÍDIA FÍSICA)

Anexo E – Arquivos Audiovisuais do Acervo Particular do Artista João Paulo Macedo



(MÍDIA FÍSICA)